

JUNHO, 2011

IV SÉRIE - Nº 23

TRIMESTRAL

# Macau

A portrait of Pedro Choy, a man with short dark hair and glasses, wearing a dark suit, a light blue shirt, and a red patterned tie. He is standing with his arms crossed and a slight smile, looking towards the camera.

## PEDRO CHOY

“Sinto-me chinês e português de coração”

### ESCRITORES DE MACAU

Quem são e o que escrevem

### CABO VERDE

A história de uma identidade

### JOSÉ VICENTE JORGE

O mediador ilustre

### DEOLINDA

Macau? “Que bela ideia!”

# 收藏

澳門郵票

COLECCIONE  
SELOS DE MACAU  
*Collect Macao's Stamps*



澳門郵政  
CORREIOS DE MACAU  
FILATELIA

澳門郵政  
CORREIOS DE MACAU

情牽心意 助振商貿  
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491  
傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603  
電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo  
網址 Website : www.macaupost.gov.mo

**DIRECTOR**

Victor Chan Chi Ping

**DIRECTOR EXECUTIVO**

Alberto, Au Kam Va

**EDITOR EXECUTIVO**

Fernando Sales Lopes

**PROPRIEDADE**Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804  
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau  
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426  
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.  
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Filipa Queiroz

Vanessa Amaro

**DIRECÇÃO GRÁFICA**

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO WEB**

Isabel Abreu

**COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**António Larguesa, António Mil-Homens  
(fotografia), Carmo Correia (fotografia),  
Catarina Domingues, Germano Almeida,  
Gonçalo Lobo Pinheiro (fotografia), Hélder Beja,  
João Cortesão, José Miguel Encarnação, Maria João  
Belchior, Mariana Palavra, Mark O'Neill, Patrícia  
Lemos, Paulo Cordeiro, Pedro Daniel Oliveira,  
Raquel Dias, Tereza Sena, Marta Melo**TRADUÇÃO:** Ina Chiu, Cheong Kin Man,

Lei Chong Heng

**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Paulo Cordeiro**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E  
Edif. Centro Comercial "First International"  
14.º andar, Sala 1404  
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601  
e-mail: contacto@revistamacau.com  
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****ANGOLA:** AOA 2,595.00 | **BRASIL:** BRL 48.00**CABO VERDE:** CVE 2,336.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,080.00**MACAU:** MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 737.00**PORTUGAL:** EUR 21.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 517,166.00**TIMOR-LESTE:** USD 21.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 28.00

# Macau



No dia 19 de Abril foi oficialmente inaugurado o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa, no âmbito do Acordo-Quadro de Cooperação Guangdong-Macau e da política de reforma e desenvolvimento integrado da Região do Delta do Rio das Pérolas.

Trata-se de um projecto que visa criar, numa área da ilha da Montanha (Hengqin), junto a Macau, uma base industrial internacional de medicina tradicional chinesa, que incluirá o tratamento médico, cuidados de saúde, transformação tecnológica, pesquisa e desenvolvimento de produtos de saúde, a realização de convenções e exposições e, ao mesmo tempo, a criação de uma plataforma internacional de comércio de matérias-primas amigas do ambiente e de produtos de saúde de elevada qualidade. Os artigos que abrem esta edição, que apresentam um ponto da situação do desenvolvimento da medicina tradicional chinesa em Portugal, mostram que existe já uma história de duas décadas de ensino dessa ciência tradicional, em articulação com instituições da China. Diga-se de passagem que a União Europeia, de que Portugal faz parte, é um dos mercados visados pelo projecto do parque científico, como oportunamente sublinhou o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On. Finalmente, o facto de Pedro Choy, natural de Macau, filho de pai português e mãe chinesa, ser uma figura de referência no universo mediático português, no que diz respeito à medicina tradicional chinesa, é uma forma expressiva de sublinhar o papel de ligação que a RAEM pode desempenhar nesta área.

**LUÍS ORTET**

## ÍNDICE

### PERFIL

Português e chinês de coração, 4

António Larguesa

### MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Unir a terra ao céu, 8

António Larguesa

### REGIÃO

Shenzhen reinventa-se, 14

Mark O'Neill

### COOPERAÇÃO COM GUANGDONG

Macau vezes três, 22

### MEIO AMBIENTE

Um modelo para o futuro, 26

### ANGOLA

Desenterrar para preservar, 33

Mariana Palavra

### CABO VERDE

A influência europeia na identidade cabo-verdiana, 38

Germano Almeida

### LÍNGUA

Chineses aprendem mais português, 47

Maria João Belchior

### CRIATIVIDADE

As caras por detrás dos livros, 58

Catarina Domingues

### LUSOFONIA

Celebrar um idioma, 76

Hélder Beja

### MEMÓRIA

Padre Lancelote – A casa da mãe, 82

José Miguel Encarnação

### BIOGRAFIA

Falando de José Vicente Jorge (1872-1948), 90

Tereza Sena

### ORIENTE A OCIDENTE

A maior de sempre além-fronteiras, 108

Patrícia Lemos

### BIENAL DE ARTES

À descoberta de Veneza, 114

Pedro Daniel Oliveira

### ÁTRIO

Deolinda sonham tocar em Macau, 120

Patrícia Lemos

### SECÇÕES

Aconteceu Março, 30-32

Aconteceu Abril, 44-46

Aconteceu Maio, 86-88

Macau há 50 anos, 100

Macau há 20 anos, 104

Cartaz, 124

### O BOOM DO PORTUGUÊS

Antes de 2005 apenas cinco universidades ensinavam a língua portuguesa no Interior do País. Mas nos últimos anos esse número ascendeu a 14, fruto da política nacional de cooperação com os países de língua portuguesa.

p. 47

### ESCRITORES DE MACAU

Durante o dia são professores, jornalistas, tradutores, artistas, estudantes ou mesmo funcionários de uma repartição pública. É no desfecho de um dia de trabalho, ao pender da noite, que se tornam escritores.

p. 58

### DE ORIENTE PARA OCIDENTE

Em Abril inaugurou-se no Museu do Oriente, a maior exposição de sempre de artistas de Macau além-fronteiras. A iniciativa levou à capital portuguesa obras de duas dezenas de artistas. Paralelamente, a RAEM marca presença na Bienal de Arte de Veneza.

p. 108

### MACAU É UMA “BELA IDEIA”

A possibilidade de uma actuação em Macau do agrupamento musical Deolinda é uma “bela ideia”, nas palavras da vocalista Ana Bacalhau. Nos bastidores de um espectáculo em Londres, os Deolinda confessaram o seu sonho de uma digressão pelo Oriente.

p. 120

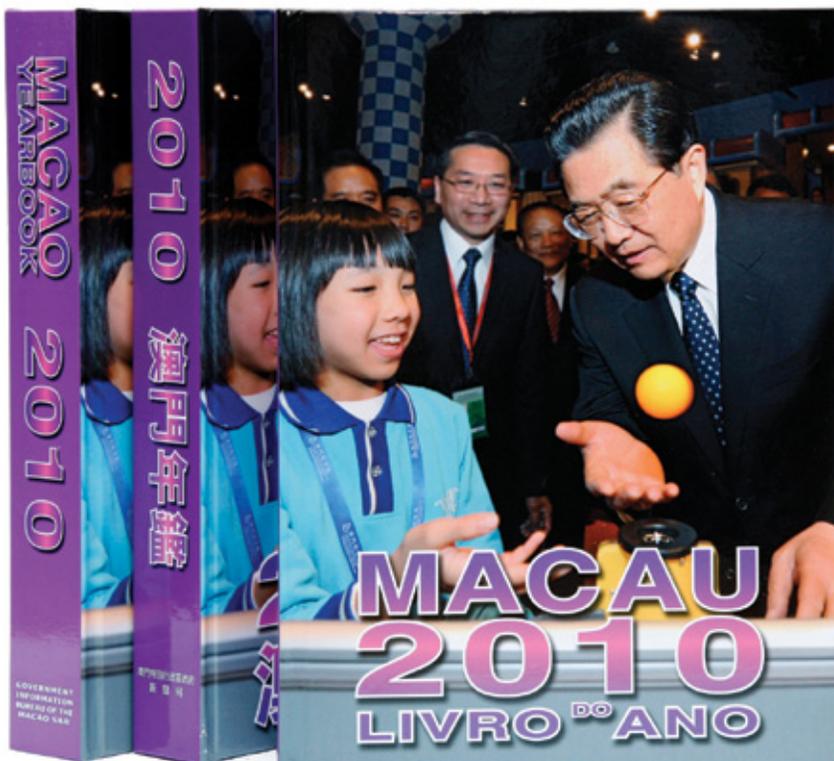
\* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

# MACAU 2010

## Livro do Ano

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2010** - Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2010** - Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2010** - Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipá.



# PORTUGUÊS E CHINÊS DE CORAÇÃO

Nasceu em Macau, mas partiu para Almeirim aos três meses de idade. Filho de pai português e de mãe chinesa, teve uma infância pobre e difícil. Hoje é o principal nome da Medicina Tradicional Chinesa em Portugal, com mais de 20 clínicas espalhadas pelo país e ainda uma universidade. Um percurso de humildade e sucesso

Texto: António Larguesa | Fotos: Paulo Cordeiro

**F**ruto de um amor nascido numa padaria de Macau entre uma chinesa da região de Cantão e um militar português, Pedro Choy partiu logo aos três meses para Almeirim, onde atravessou uma infância pobre e difícil, que ainda não tinha acabado e já era substituída por um primeiro emprego, aos 13 anos, na agricultura. Com um ascendente percurso de vida, estudo e trabalho, chega ao meio século (tem 51 anos) com um império empresarial constituído por 20 clínicas espalhadas pelo território continental português. “Comunista de base em política de pensamento”, como o próprio se enquadra, o rosto da acupuntura em Portugal não mudaria nada na sua vida: “Em cada altura tomei a decisão que devia ter tomado, com o conhecimento que tinha na época”.

O caminho até ao presente foi espinhoso. Segundo de quatro irmãos, lembra o frio que a família, das mais pobres das pobres, suportava quando vivia numa casa com telha à vista, sem instalações sanitárias e sem electricidade, obrigando-o a estudar à luz do candeeiro a petróleo. Valia então a ajuda de alguns vizinhos de Almeirim, terra do distrito de Santarém onde sempre habitou a avó paterna e para onde foi viver logo aos primeiros meses. Confrontado com o sucesso que veio a alcançar – emprega quase 300 pessoas, sendo 87

médicos de Medicina Chinesa, e recebe cerca de 24 mil pacientes por ano – responde que “não havia motivação de ascensão social”, ainda que os pais sempre lhe tenham inculcido a necessidade de estudar.

Para o conseguir precisou, antes e durante, de ganhar dinheiro. E fez de tudo um pouco, desde vindima, apanha de tomate e melão. Mais tarde trabalhou como servente de pedreiro e operário fabril na Compal, foi vendedor e até professor de caratê. Já em Coimbra, onde estudou Medicina, recorda a admiração dos colegas por trabalhar para conseguir financiar os estudos. Falante de português, francês, inglês, castelhano, italiano e um pouco de mandarim, Pedro Choy teve a primeira visão do mundo quando resolveu escrever ao seleccionador francês de judo para fazer um estágio com a equipa olímpica. Tinha 17 anos e foi à boleia até França com um camionista. Menos orgulho tem na experiência como guarda-costas de algumas individualidades mundiais. Uma profissão que evita recordar: “As memórias são sempre más, é um trabalho em que se corre o risco de morrer ou de matar”.

Avelino Fernandes, acupuntor na clínica do Porto há 14 anos, conta que nas primeiras reuniões que teve com Choy “via-se que era uma pessoa que queria transmitir aos colaboradores como



\* Pedro Choy, médico de medicina chinesa em Portugal

## PERFIL

singrou na vida”. Fazia-o como instrumento de motivação. E tem um tal à-vontade com os outros que os obriga a tratá-los por “tu”. Avelino sublinha, por outro lado, que o mestre é uma pessoa humilde, que não guarda o que sabe só para ele. Lembra uma reunião com 500 pessoas, onde poderia inclusive estar a concorrência, em que explicou em detalhe um tratamento antitabágico de grande sucesso. “Pensámos todos: ‘o Pedro passou-se, entregou o ouro ao bandido’. Ele disse-nos depois que não tem nada a esconder e tem de transmitir tudo o que sabe”, recorda este discípulo. Sabedoria que começou a adquirir quando, a partir do quarto ano do curso de Medicina em Coimbra, começou também a estudar Medicina Chinesa em Marselha, França, pela qual optou.

Foi na “Lusa Atenas” que Pedro Choy abriu em 1986 a primeira clínica de acupuntura e começou a ascensão profissional. Em Salvaterra de Magos, onde hoje vive, encontrou o que

procurava. A vila é pequena e tem a qualidade de vida que não há nas cidades. Além disso há espaço físico em abundância. Talvez como forma de agradecimento pelo acolhimento, não se alheia da participação política a nível local. É vereador, eleito pelo Bloco de Esquerda. Antes militou pelos vários partidos da esquerda portuguesa, desde o Comunista ao Socialista, e na juventude formou vínculos fortes às ideologias marxista e maoísta.

### ORGULHO EM SER CHINÊS

“Sinto-me chinês e português de coração e tenho o mesmo amor pelos dois países. Ser chinês é para mim motivo de orgulho”, resume o vice-presidente da *World Federation of Chinese Medicine Societies*, com sede em Pequim. O respeito pelos mais idosos e o espírito de família, a disciplina, a capacidade de trabalho e o respeito pela autoridade, hierarquia e liderança são as características que acredita ter herdado

\*“Eu não trabalhei para alcançar sucesso.  
Trabalhei por amor à causa”



da ascendência chinesa. A mãe era doméstica e foi adoptada por uma família de Macau depois de, ainda criança, perder todos os familiares na sequência da invasão japonesa. Por esse motivo não é certo o local de nascimento da mãe. Supõe que será perto de Jiangmen e até já esteve na zona a tentar encontrar os familiares chineses, uma das suas aspirações.

Com Macau, que visita regularmente, mantém uma relação especial. “Tenho assistido ao grande desenvolvimento. O Governo de Macau tem sabido distribuir os benefícios financeiros pela população e feito com que o progresso seja benéfico para toda a comunidade”, analisa.

Foi na Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa que Wang Suoying o conheceu. No início do ano lectivo 1999/2000 ele entrou na aula de chinês como qualquer outro estudante e sentou-se na primeira fila. Na sala estavam umas 60 pessoas que imediatamente o reconheceram das aparições televisivas. Não a



“Sinto-me chinês e português de coração e tenho amor pelos dois países. Ser chinês é para mim motivo de orgulho”

professora, que desde 2005 é também coordenadora da disciplina Língua e Cultura Chinesa na Universidade de Medicina Chinesa Dr. Pedro Choy, pólo da Universidade de Chengdu. “Estava muito atento e concentrado na aprendizagem. Uma vez teve que faltar a uma aula, mandou-me um fax a explicar o motivo da falta. Era muito simpático e impecável no relacionamento com os colegas e esteve sempre disposto a ajudar os outros. Comportou-se como uma pessoa comum, sem arrogância nem vaidade”, relata.

Apesar de nem sequer ter completado o ano por questões profissionais, continuou a estudar sozinho. Numa cerimónia há uns meses, Wang Suoying partilhou a mesa com Pedro Choy e o casal do delegado do Ministério da Ciência e Tecnologia da China, destacado na embaixada em Lisboa, Chen. A mulher de Chen não falava português nem inglês, o que não impediu Choy de conversar com ela em mandarim sobre a família e a profissão, precisamente os temas da aprendizagem naqueles primeiros meses de aulas, há mais de dez anos. “Fiquei muito satisfeita ao verificar que ele não se esqueceu do que tinha estudado”, congratula-se Wang.

“Eu não trabalhei para alcançar sucesso. Trabalhei por amor à causa. Depois das clínicas criei uma Universidade de Medicina Chinesa em Lisboa e aspiro a construir um hospital”, resume Pedro Choy. Daí que tenha particular orgulho em classificar que a Medicina Tradicional Chinesa em Portugal tem melhor nome e reputação que nos outros países da Europa.

Nunca teve tendência em idolatrar ninguém, mas confessa uma admiração por Martin Luther King e Nelson Mandela, pela devotada luta a favor da humanidade; e pelo poeta Li Bai (李白) da dinastia Tang, pela vasta obra que trouxe até ao Ocidente a riqueza da cultura chinesa.





# UNIR A TERRA AO CÉU

A Escola Superior de Medicina Tradicional Chinesa de Lisboa forma centenas de médicos por ano desde 1992. Para José Faro, director da instituição, a medicina chinesa é a verdadeira escada de Jacob, que une a terra ao céu

**Texto: António Larguesa | Fotos: Paulo Cordeiro**

\* José Faro, 56 anos, lidera uma equipa que conta hoje com mais de 30 professores e dez funcionários

## MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Há uma ponte de conhecimento a perfazer os 10.480 quilómetros que, em linha recta, separam as margens do Tejo lisboeta e do Yangtze que banha a oeste a cidade de Nanquim, capital da Província de Jiangsu. O “cimento” desta infra-estrutura montada em 1996 é a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), ensinada na capital portuguesa em parceria com a Universidade da antiga “capital do Sul”, na China. Num sumptuoso palacete da rua da Estefânia, 200 estudantes mergulham diariamente nas águas agitadas que misturam a teoria ancestral, a prática clínica e o desenvolvimento pessoal e cívico. E só no final do exigente percurso de cinco anos libertam então com esplendor os confessados sonhos fervilhantes de fazer acupunctura em cruzeiros nas Caraíbas, abandonar aos 60 anos uma bem-sucedida carreira na gestão estratégica de marcas ou vir a exercer a profissão em Macau, terra abandonada em 1999 ainda com um choro de criança.

O “aladino” que esfrega esta ambição é José Faro, 56 anos, que lidera uma equipa que conta hoje mais de 30 professores – apenas um não se formou na escola – e dez funcionários. A Escola Superior de Medicina Tradicional Chinesa (ESMTC) surge em 1992 com o núcleo fundador formado por pessoas que aliaram a longa experiência na área do ensino à vocação para a MTC. O director da escola, licenciado em Filosofia e filho de pequenos comerciantes da zona de Arroios, personifica esse perfil. Deu aulas até amadurecer um interesse nascido nos anos 1960 pela Medicina Chinesa. “Pensei: se há um sistema filosófico que é o taoísmo que responde a todas as questões clássicas da filosofia e que sem descontinuidades teóricas está na base de um sistema médico que funciona, então encontrámos a verdadeira escada de Jacob, que une a terra ao céu”, relata José Faro. Inscreveu-se em 1983 num curso de acupunctura e três anos depois descontinuou o ensino da filosofia.

No início da década de 1990, o que havia eram “coisas jurássicas, incríveis de arrojo e visão, mas com uma estruturação muito débil”, recorda. Como o Instituto Médico Naturista, onde José Faro teve o primeiro contacto académico com a Medicina Chinesa, e que lançou a primeira massa de praticantes de medicina não convencionais. A ESMTC arrancou com um curso de três anos e aulas aos fins-de-semana, mas demorou pouco até alargá-lo para quatro anos e aulas diárias. Os alunos precisam hoje de completar cinco anos de aulas diárias, com um dia por semana de estágio clínico logo a partir do segundo ano.

O plano curricular tem uma linha de desenvolvimento clínico que se divide em acupunctura, fitoterapia, dietética, ginástica terapêutica. E outras de desenvolvimento pessoal e cívico que também percorre todo o curso, já que a máquina do exercício clínico é a pessoa em si mesma e o seu grau de maturidade. Além do ensino da cura de doenças – na inspiração da deusa Panaceia –, José Faro graceja que não quer que a Hígia, dedicada à prevenção, se zangue. A ESMTC tem uma área aberta ao público dedicada a tudo o que são factores, até remotos, de promoção da saúde e prevenção da doença.

### ABRIR HORIZONTES EM NANQUIM

Depois de quatro anos de contactos com várias academias, surgiu em Nanquim a parceria de que a escola precisava como sistema de controlo de qualidade para apresentar publicamente. Uma “amizade antiga” que se mantém até hoje

com acordos para a formação de alunos, que ali têm de passar quatro meses em ambiente hospitalar. A diferença é abissal, desde logo ao nível dos equipamentos: só em Nanquim há 28 hospitais de medicina tradicional.

“O aspecto mais interessante é eles perceberem que uma coisa que parece um buraco escondido aqui no Ocidente, lá é metade do sistema nacional de saúde chinês”, valoriza José Faro. Os alunos ficam

200 pessoas estudam  
neste momento a medicina tradicional  
na escola de José Faro  
3,5 milhões de portugueses recorrem  
a medicinas não convencionais  
15 pacientes são atendidos por dia  
por alunos da escola



\* Joana Mendes não teve média suficiente para entrar no curso de Medicina, mas descobriu na vertente tradicional chinesa a sua nova profissão. Aos 25 anos, vai rodar o mundo num cruzeiro a dar massagens

## MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

ainda integrados numa valiosa rede profissional com acesso privilegiado aos avanços científicos. Em sentido inverso, há docentes chineses que passam temporadas em Lisboa, mas José Faro aponta que “o resultado não é entusiasmante” devido à diferença de mentalidades.

O protocolo com a categorizada Universidade de Nanquim – primeira universidade chinesa de medicina tradicional, de onde saíram gerações que depois criaram faculdades em Xangai, Tianjin ou Pequim – empresta um selo de qualidade à escola de Lisboa. No final do curso, os alunos fazem exames elaborados em Nanquim e é-lhes atribuído um diploma com a chancela da academia chinesa. A escola continua a não ser reconhecida em Portugal pela falta de regulamentação da profissão. Paula Madeira, 47 anos, saída da “primeira fornada” de alunos em 2001, desde que o curso funciona nos moldes actuais, já passou por Jiangsu. Actualmente dá aulas na escola, que tem nas traseiras um jardim tranquilo com árvores de espécies

diversas e cinco bancos de madeira em redor de um pequeno lago com repuxo ao centro, além de um pavilhão para aulas práticas. Esta angolana que vive há três décadas em Portugal conta que os alunos “regressam maravilhados da China”.

### PERFIL ESTUDANTIL EM MUTAÇÃO

Estima-se que 3,5 milhões de portugueses recorrem a medicinas não convencionais, entre as quais a chinesa. Em meados da última década o perfil dos estudantes nesta escola alterou-se radicalmente. Se antes eram adultos que queriam mudar de profissão, agora são jovens de 18 anos que se candidatam como primeira opção, o que obrigou à reformulação do quadro pedagógico. Constante permaneceu a exigência e o sucesso ao nível da empregabilidade. José Faro garante que o *feedback* que recebe dos perto de 300 ex-alunos é “espantoso” e arrisca dizer que “não há desemprego nesta área”.

A confiança é menor entre os actuais alunos da



\* O perfil dos estudantes da Escola Superior de Medicina Tradicional Chinesa alterou-se nos últimos anos. Há cada vez mais jovens a escolher a área como primeira opção do percurso académico

escola, nos corredores de paredes brancas e vermelhas da clínica que funciona no rés-do-chão, onde são atendidas 15 pessoas por dia. A azáfama não transparece para os quatro consultórios e três salas de tratamento, onde a música é relaxante e o cheiro intenso a moxabustão. É numa curta pausa do dia de estágio que a açoriana Joana Mendes, que “sempre quis medicina” mas não teve média para entrar, lamenta que “o mercado de trabalho já esteja muito cheio”. Sem soçobrar, porém, aos 25 anos tem já entrevista marcada numa empresa de cruzeiros com serviço de acupuntura a bordo, que passa por Miami, Caraíbas e Bahamas. Enquanto não parte, os amigos aproveitam-lhe a formação para “pedir muitas massagens” e experimentar os chás e plantas que guarda na despensa. Com ar mais envergonhado até entrar na conversa, Lúcia Lourenço, brasileira que há 35 anos vive em Portugal, é a exceção à regra dos anos mais recentes. Aos 63 anos está a terminar o

quarto ano do curso e ambiciona abrir uma clínica ainda em 2011. Trabalhou em gestão estratégica de marcas até há quatro anos, altura em que resolveu arriscar o velho sonho de abraçar uma carreira na saúde. “Vivi o Maio de 1968 em São Paulo e fui estudar Gestão, mas sempre ficou esse bichinho da parte médica”, pormenoriza. A família acompanha o entusiasmo. “Porque sabe que sou assim, quando quero realizar qualquer coisa corro atrás e ninguém me demove”.

Quem há vários anos tenta demover Joana Rosa, 22 anos, a optar por cursar a medicina ocidental são o pai chinês e a mãe portuguesa, residentes em Macau até à transição. Ainda entrou no curso de Biologia Molecular e Celular até que descobriu a Escola Superior de MTC. Nunca se arrependeu da troca. “Mesmo”, sublinha a jovem de metro e meio de corpo franzino e olhar de vivacidade a tender para o infinito. Quanto ao futuro é igualmente determinada: “Penso imensas vezes ir para Macau”, onde vivem os avós.



\* O pai chinês e a mãe portuguesa de Joana Rosa, de 22 anos, ainda tentaram demovê-la da ideia de estudar a medicina tradicional. A jovem não desiste e tem Macau nos seus horizontes

# NA HORA DO DESAFIO

Foi vila piscatória, casulo da economia socialista de mercado de Deng Xiaoping. Shenzhen realizou o sonho de muitos emigrantes. Agora, passados mais de 25 anos, os ventos da mudança varrem a cidade levando as grandes máquinas fabris para o Interior do País. Mas a metrópole não esmorece e aceita o desafio, reinventando-se a si mesma

Texto: Mark O'Neill, em Shenzhen | Fotos: *dreamstime.com*

Quando a empresa *Foxconn* de Taiwan, a maior produtora de componentes electrónicos, abriu uma unidade fabril em Shenzhen, em 1988, atraiu uma torrente de novas fábricas na primeira Zona Económica Especial da China. A actividade da companhia taiwanesa cresceu e transformou-se no maior complexo industrial do mundo, com mais de 400 mil pessoas a trabalhar em 15 fábricas numa área de três quilómetros quadrados. Contudo, como a está a construir fábricas gigantescas em Zhengzhou e Chengdu, nas províncias de Henan e Sichuan, respectivamente, a mão-de-obra que labuta em Shenzhen vai ser cortada em metade. É intenção da empresa transferir toda a sua produção em massa para fora da cidade e converter as instalações em Shenzhen num centro de engenharia para criar projectos-piloto na área da produção.

A redução do número de postos de trabalho por parte do empregador mais relevante de Shenzhen é um sinal de mudança naquela que é a maior e mais bem sucedida Zona Económica Especial (ZEE) da China. A cidade costeira começou por ser um centro de produção fabril de baixo custo destinado à exportação e, mais tarde, ao mercado interno. Contudo, agora padece de falta de espaço para crescer, os custos de produção estão

a aumentar e muitas empresas, como a *Foxconn*, estão em debandada. A cidade não é tão especial como outrora, procurando assim um novo papel a desempenhar.

É importante reforçar que esta ZEE foi um enorme sucesso. Se há 30 anos era uma vila piscatória, hoje é uma cidade em expansão com nove milhões de habitantes, atraindo mais de 30 mil milhões de dólares norte-americanos em investimento estrangeiro. É ainda morada de uma das três bolsas de valores da China, de muitas empresas internacionais de alta tecnologia e do maior campo de golfe do mundo. Shenzhen alberga o terceiro porto de contentores mais movimentado da China, logo a seguir a Xangai e a Hong Kong, e tem um Produto Interno Bruto (PIB) per capita superior a 13 mil dólares norte-americanos (104,3 mil patacas). No ano passado, o PIB de Shenzhen alcançou os 144 mil milhões de dólares norte-americanos, ficando assim na quarta posição entre as cidades chinesas.

Os arranha-céus e as auto-estradas que animam Shenzhen são hoje símbolo da transformação económica da China: os campos de arroz e as casas rústicas rurais degradadas deram origem a uma metrópole famosa em todo o mundo. Porém, dezenas de cidades por todo o País oferecem agora o mesmo aos investidores es-



\* No ano passado Shenzhen continuou a crescer rapidamente e o seu PIB aumentou 12 por cento

## SHENZHEN

trangeiros, algo que estava reservado às ZEE. Inclusive, muitas dessas cidades do Interior dispõem de terrenos e proporcionam custos laborais a uma fracção dos praticados em Shenzhen. “O futuro de Shenzhen reside nas empresas que operam na área da Internet, das energias renováveis, da produção de novos materiais e na biotecnologia”, garante Xie Mingcheng, um consultor empresarial local, acrescentando que “estes novos sectores vão reforçar o forte potencial que já existe no ramo da alta tecnologia, ciência e *software*”. São áreas industriais que “constituem um oásis para atrair investimento”, assegura, por seu turno, Cao Jingshan, o director-geral da *Datang International*. Esta empresa está a investir entre seis e dez mil milhões de yuans numa rede de produção de energia com baixa emissão de carbono numa zona industrial da cidade. A *Datang* foi uma das 51 grandes empresas estatais que assinou protocolos com Pequim no dia 14 de Março deste ano com vista a um investimento de 470 mil milhões de yuans em Shenzhen, em sectores como o financeiro e o turístico e ainda nas áreas da aviação, electrónica, produção fabril, energia e a construção civil.

Outra empresa pública, a fabricante de equipamentos de telecomunicações *ZTE Corp*, está a investir 160 milhões de yuans na construção de um laboratório para criar a próxima geração de sistemas de comunicações móveis. O Governo acredita que estas indústrias vão ocupar o lugar deixado pelas anteriores e conta com elas para conduzir a cidade à sua próxima fase de crescimento.

### O SONHO DOS EMIGRANTES

Em 1979, o Governo Central escolheu a vila piscatória de Shenzhen para ser a primeira ZEE dada a sua proximidade a Hong Kong. Foi uma “experiência” que visava a entrada de investimento estrangeiro num país que tinha estado fechado ao exterior durante 30 anos. Os primeiros investidores chegaram de Hong Kong. Atravessaram apenas a fronteira, levando para Shenzhen as suas fábricas, de modo a tirarem partido da mão-de-obra barata e dos reduzidos preços de venda de terrenos.

Mais empresários seguiram a tendência. Chegavam da diáspora chinesa, de países asiáticos, da Europa e dos Estados Unidos, atraídos pelos



\* Em Shenzhen estão sedeadas algumas das empresas mais conhecidas na área das altas tecnologias

baixos custos de produção de bens, que eram depois encaminhados para os mercados internacionais através de Hong Kong. Shenzhen transformou-se assim numa zona industrial gigantesca apostada na produção de mercadorias para exportação.

As fronteiras de Shenzhen chegaram assim emigrantes de toda a China, fossem quadros superiores com doutoramento, empresários com ideias empreendedoras ou camponeses à procura de trabalho. Lembravam a enchente de emigrantes que chegara à América e à Austrália cheia de sonhos para recomeçar a vida sem o peso do passado. Shenzhen é agora uma cidade de emigrantes e a única na Província de Guangdong a ter o mandarim como língua de eleição em vez do cantonês.

Esses recém-chegados abriram empresas e arriscaram em empreendimentos, algo que não poderiam ter feito noutras cidades chinesas, onde a economia era regulada com maior rigor e os impostos eram mais elevados. As vidas do inventor Zou Dejun e do seu filho Zou Shenglong atestam isso mesmo, sendo o típico testemunho do sucesso que os emigrantes alcançaram em Shenzhen.

Em 1982, Dejun mudou-se para a Faculdade de Ciências da cidade, onde começou a trabalhar no sector da electrónica. Assinou mais de 300 invenções, tendo sido premiado a nível internacional. O filho Shenglong estudou nos Estados Unidos. Recorda que na escola “os colegas eram oriundos de toda a China”, considerando esse “um encontro de emigrantes num ambiente muito criativo e alegre”. Shenglong trabalhou na América e, ao fim de três anos, regressou a Shenzhen com o intuito de fundar a *Xunlei Corp.*, que é actualmente a maior empresa chinesa na área de descarregamento de *software* e de fornecimento de serviços *online*. Neste momento, está a preparar uma Oferta Pública de Venda (OPV) para angariar, ainda este ano, 200 milhões de dólares no mercado de capitais norte-americano.

### ZEE COM FUTURO VERDE

A ideia de Deng Xiaoping, o mentor das ZEE, era criar uma espécie de estufa e aí lançar uma economia de mercado para avaliar se o modelo se adequava ao país no seu todo. Das quatro ZEE – Shenzhen, Xiamen, Shantou e Zhuhai -, a metrópole vizinha de Hong Kong foi a mais



\* Os arranha-céus e as auto-estradas que animam Shenzhen são hoje símbolo da transformação económica da China

## SHENZHEN

bem sucedida, sobretudo devido à vantagem da sua zona fronteiriça. De zona de produção de mercadorias para exportação transformou-se numa grande cidade, num centro financeiro e banqueiro, numa plataforma comercial com um grande aeroporto, um eminente porto marítimo e ainda num espaço capaz de acolher encontros e conferências.

Em 1990 abriu a bolsa de valores, sendo hoje a terceira maior da China, logo a seguir a Hong Kong e Xangai. Com 1230 empresas registadas e um valor de mercado estimado em 8,98 biliões de yuans, a bolsa teve ganhos de 24,7 biliões de yuans em 2010, com os emissores a angariarem 408,4 mil milhões de yuans através do financiamento de capitais próprios.

Em 1996, a cidade viu nascer um parque industrial de alta tecnologia, ao qual foi acrescentado posteriormente um complexo informático. Shenzhen é ainda morada de algumas das empresas mais conhecidas na área das altas tecnologias, como a *Huawei*, *ZTE*, *Konka*, *Skyworth*, *Tencent*, *Hasee*, *Dingoo* e a fabricante de automóveis *BYD*.

Quatro instituições financeiras instalaram em

Shenzhen as suas sedes nacionais, nomeadamente o *Banco de Comerciantes da China*, o *Banco Comercial da Cidade de Shenzhen*, o *Banco de Desenvolvimento de Shenzhen* e a *Seguradora Ping An*. Os retalhistas estrangeiros *Ikea* e *Wal-Mart* também escolheram esta urbe para estabelecer a sua sede na China.

Na metrópole destaca-se ainda presença do Huaqiangbei, um dos maiores mercados mundiais de equipamentos de telecomunicações e componentes electrónicos. O bairro de Lowu, localizado junto ao posto fronteiriço de Hong Kong, também alberga diversos centros comerciais.

“O volume de negócios do Huaqiangbei está a diminuir porque as margens de lucro são demasiado pequenas”, salientou Thomas Chan, o director do Centro de Negócios da China, da Universidade Politécnica de Hong Kong. Este responsável tem fé no futuro da Província de Guangdong: “Vai ser um grande centro ecológico, à semelhança de Tóquio e Londres, com Cantão no centro das operações”. Chan está ciente que a capital de Guangdong “vai equiparar-se às outras cidades, incluindo Shenzhen”, até porque “muitas das suas fábricas poluidoras desapa-



\* Em Shenzhen está uma das três bolsas de valores da China

receram”. Chan acredita assim que essa cidade venha a ser palco de uma revolução ao nível do consumo, da qual o sector terciário sairá fortalecido, “como em Nova Iorque e Londres”.

### **RECORDES INESQUECÍVEIS**

No ano passado, Shenzhen continuou a crescer rapidamente. O PIB registado alcançou os 951 mil milhões de yuans, traduzindo-se num aumento de 12 por cento relativamente a 2009. Este valor corresponde à soma de 52,4 por cento no sector dos serviços e 47,5 por cento no ramo industrial e da construção civil. As vendas a retalho foram de 300 mil milhões de yuans, o que equivale a um acréscimo de 17,2 por cento.

Em 2010, Shenzhen exportou 204 mil milhões de dólares norte-americanos em mercadorias, correspondendo a um crescimento de 26 por cento, e importou produtos avaliados em 143 mil milhões de dólares norte-americanos, ou seja uma subida de 32 por cento. Atraiu ainda um investimento directo estrangeiro de 4,3 mil milhões de dólares norte-americanos, o que significa um crescimento de 3,3 por cento comparativamente a 2009. O porto de Shenzhen movimentou 22,5

milhões TEU (medida equivalente a contentores com 20 pés), representando assim um aumento de 23 por cento. Pelo aeroporto passaram 26,7 milhões de passageiros, mais nove por cento do que em 2009.

Um sinal da prosperidade de Shenzhen tem sido a subida em flecha do número de automóveis a circular pelas ruas – no final do ano passado, contavam-se 1,7 milhões de viaturas. A cidade tem 900 veículos por quilómetro quadrado, o que lhe atribui o posto da maior densidade rodoviária da China. Contudo, existem somente 700 mil lugares para estacionamento.

Tem-se registado ainda um forte investimento num novo sistema de transportes colectivos subterrâneos, que está em funcionamento desde Dezembro de 2004. Neste momento, a rede dispõe de quatro linhas e 49 estações, correspondendo a um total de 70 quilómetros de extensão de via metropolitana. Mas a rede vai aumentar para 177 quilómetros quadrados por altura das Universíadas de Verão, que decorrem em Agosto. Pequim foi animado pelos Jogos Olímpicos, Xangai acolheu a Expo Mundial e Cantão os Jogos Asiáticos. Ao organizar a Universíadas de Verão



\* Segundo um consultor local, o futuro de Shenzhen reside nas empresas que operam nas áreas da Internet, das energias renováveis, da produção de novos materiais e na biotecnologia

## SHENZHEN

de 2011, Shenzhen tem agora a oportunidade de mostrar ao mundo tudo o que conseguiu alcançar, melhorar as suas infra-estruturas e construir novos equipamentos para o evento.

### COOPERAR COM MACAU

Em Dezembro, Shenzhen e Macau assinaram cinco protocolos para aumentar e reforçar o trabalho de cooperação nas áreas financeira, turística, académica e cultural e ainda ao nível do controlo de medicamentos tradicionais chineses. Os acordos foram formalizados durante um encontro entre o Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, e Wang Yang, secretário-geral do Comité Provincial do Partido Comunista de Guangdong. Os dois responsáveis acordaram em reforçar a cooperação bilateral em diferentes áreas, sobretudo ao nível do turismo, da cultura e das indústrias criativas. Chui Sai On também visitou um bairro desta metrópole que foi nomeada “cidade com reduzidas emissões de dióxido de carbono”.

O Chefe do Executivo liderou o lado da RAEM

na Conferência de Cooperação Shenzhen-Macau, que contou com a presença de representantes dos governos das duas regiões. Foi o segundo encontro desta natureza a ocorrer desde Novembro de 2008. As duas partes concordaram em criar um intercâmbio para mão-de-obra qualificada, partilhar informação e construir uma plataforma conjunta para prestar serviços públicos e organizar eventos.

Após a conferência, Francis Tam, secretário para a Economia e Finanças de Macau, referiu que a cooperação entre as duas partes estava a melhorar, sobretudo nas áreas da economia, comércio e cultura. “A cooperação no sector financeiro e ao nível do turismo está a desenvolver-se bem, à semelhança do que acontece nas áreas da educação e da segurança de produtos alimentares”, frisou.

Em Junho de 2009, responsáveis do turismo de Macau e Shenzhen concordaram em fazer acções de promoção conjunta em Taiwan, na Coreia do Sul e no Japão, bem como noutras cidades da China. A ideia é atrair mais visitantes às duas regiões.



\* Em Dezembro do ano passado, Shenzhen e Macau assinaram cinco protocolos nas áreas financeira, turística, académica, cultural e em relação ao controlo de medicamentos tradicionais chineses



# 澳門國際品牌連鎖加盟展 2011 Macao Franchise Expo 2011

## 品牌無限延伸

### 商機一觸即發

薈萃世界各地知名品牌，  
引發市場拓展動力；  
MFE提供商貿合作機會，  
打造創業投資平台。

### Brand expansion continues Business opportunities to be seized

Assemble world - renowned brands, trigger market expansion dynamic;  
MFE - an ideal platform for new business investment,  
offers opportunities for business and trade co-operation.

# 08-10/07/2011

澳門威尼斯人 度假村 酒店 金光會展™ 展館D  
The Venetian Macao Resort Hotel CotaiExpo™ Hall D



主辦機構  
Organisers



支持機構  
Supporting  
Organisations



承辦機構  
Coordinator



The Association of Advertising Agents of Macau

聯絡方式 Contact

澳 門 Macao : +853 6212 8811

傳 真 Fax : +853 2831 3221

中國內地 Mainland China : +86 153 44828811

電 郵 E-mail : mfe@aaam.org.mo

網 址 Website : www.mfe.mo

## MACAU VEZES TRÊS

Macau e Guangdong assinaram um acordo de cooperação que potencia o papel de plataforma, a diversificação económica da RAEM e a internacionalização da província vizinha. O documento, rubricado em Pequim durante a reunião anual da Assembleia Popular Nacional, é válido até 2020 e triplica a área de potencial desenvolvimento da RAEM

O acordo de cooperação assinado no dia 6 de Março em Pequim entre Macau e a Província de Guangdong abre à Região Administrativa Especial de Macau uma área de potencial desenvolvimento mais de três vezes superior à sua dimensão actual, de 29,5 quilómetros quadrados. O acordo-quadro, válido até 2020, tem o centro da sua execução em Hengqin – ou Ilha da Montanha –, com 106 quilómetros quadrados situada em frente às ilhas da Taipa e de Coloane e onde está já definida a instalação de três projectos de Macau, ou com a participação de Macau, como o novo *campus* da Universidade ou o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa.

Apesar de se manter sob a lei chinesa, como está previsto no acordo e com excepção do *campus* da Universidade de Macau, a ilha de Hengqin será alvo da atenção de Macau e da Província de Guangdong em diversas áreas, a fim de melhorar a vida das populações da região através da aplicação de um conjunto de medidas. O texto do acordo prevê não só facilidades na passagem na fronteira, “abrindo” a ilha à população de Macau, como define que as duas partes vão trabalhar na abertura permanente das fron-

teiras, evitando assim qualquer barreira a quem vive ou trabalha já em solo chinês. “Dentro de algum tempo, os habitantes de Macau poderão circular na ilha de Hengqin, inclusivamente levando os seus próprios automóveis e usufruir de todas as infra-estruturas que forem sendo desenvolvidas naquele local, abrindo-se assim à sociedade um espaço que é três vezes maior do que Macau e criando oportunidades de desenvolvimento para a cidade que nunca foi possível concretizar”, disse Alexis Tam, porta-voz do Governo de Macau e chefe de gabinete do Chefe do Executivo.

O Chefe do Executivo de Macau, Fernando Chui Sai On, apelou à população e à comunidade empresarial do território para que “proveitem as oportunidades de desenvolvimento” criadas com a assinatura do acordo-quadro de cooperação com a Província de Guangdong. “O Governo de Macau pretende incentivar os diversos sectores e a população em geral a aproveitarem as oportunidades de desenvolvimento que se apresentam”, disse Chui Sai On, ao salientar que “a par das medidas de execução que, em breve, serão aperfeiçoadas conjuntamente com a Província de Guangdong, o governo decidiu



\* Fernando Chui Sai On, Chefe do Executivo de Macau, e Huang Huahua, governador da Província de Guangdong, formalizam a parceria para o Acordo-Quadro de Cooperação, em Pequim

criar um grupo de trabalho interdepartamental para a promoção de uma execução eficaz do acordo”.

As partes pretendem, por outro lado, potenciar uma rede regional de transportes tanto terrestres como marítimos e aéreos, acelerar a execução das obras da ponte Hong Kong-Macau-Zhuhai (que estará completa em 2016), criar ligações à linha ferroviária e à auto-estrada Guangdong-Zhuhai, aumentar a capacidade da fronteira das Portas do Cerco e adaptar outros postos fronteiriços a funções específicas.

No sector da educação, não é apenas o novo *campus* da Universidade de Macau alvo de atenção, já que o acordo prevê também o desenvolvimento de acções de formação profissional em áreas como o turismo, hotelaria, convenções e exposições e design criativo.

O Parque Industrial Transfronteiriço Macau-Zhuhai será transformado numa “zona moderna” de logística e de comércio. Em funcionamento

desde 2006, a estrutura tem uma área total de 400 mil metros quadrados, dos quais 110 mil metros quadrados em Macau e 290 mil metros quadrados em Zhuhai, mas acabou por nunca conquistar o interesse empresarial desejado.

O ambiente é também outra das preocupações. Apesar da grande concentração industrial, ambas as partes comprometem-se a tornar a região com uma “terra mais verde”, um “céu mais azul” e uma “água mais limpa”, num conjunto de medidas bilaterais que visam a promoção da qualidade de vida.

Para o líder do Governo, a zona de cooperação industrial a construir na Ilha da Montanha será “mais um passo no desenvolvimento de diferentes indústrias”, enquanto o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa e a zona de indústrias criativas e culturais são o “início da diversificação económica de Macau”. Numa primeira fase, segundo os governantes, Macau e Guangdong concentram esforços na

## COOPERAÇÃO COM GUANGDONG

ilha da Montanha para a seguir apostarem na cooperação em Nansha, uma zona entre a cidade de Cantão, capital da Província de Guangdong, e Macau. “A Ilha da Montanha e Nansha abrem novos horizontes e oportunidades de desenvolvimento para Macau, e que são a primeira e a segunda etapa de apoio do Governo Central à região administrativa especial no âmbito da diversificação económica, concretização de projectos-piloto e de um desenvolvimento melhor”, disse Chui Sai On.

Já em relação a Macau como centro internacional de turismo, Chui Sai On considera que há ainda “muito trabalho a fazer”. Embora a cidade tenha registado progressos na última década, o acordo agora assinado proporciona “um espaço maior de desenvolvimento para o território, além de reforçar as infra-estruturas, elevar a qualidade de serviços e projectos globais, no sentido de atrair passageiros a Macau como destino turístico”.

Durante este ano, Chui Sai On garante que vão ser lançados vários programas de promoção turística tendo como mercados-alvo os países de língua portuguesa, a Europa e os Estados Unidos. Macau vai ainda colaborar com Guangdong “na criação de uma unidade de formação turística, no sentido de elevar a qualidade dos serviços”.

Macau e Guangdong alargam assim a cooperação bilateral a domínios tão vários como a educação, formação, serviços médicos, saúde pública, cultura, desporto, protecção do ambiente, qualidade de vida e benefícios sociais. Os dois governos definem também como metas a promoção gradual da criação, partilha e acesso de serviços públicos sociais entre ambos os lados. “O objectivo é promover serviços sociais que permitam, por exemplo, que alunos de Macau estudem em Guangdong e continuem a receber subsídio de apoio do Governo de Macau”, explicou Alexis Tam. As autoridades vão também discutir soluções de articulação dos regimes de segurança social.

O acordo Macau-Guangdong foi assinado em Pequim por Fernando Chui Sai On em nome do Governo de Macau e por Huang Huahua, governador da Província de Guangdong, numa cerimónia que decorreu no Palácio do Povo com a presença do vice-presidente Xi Jinping.

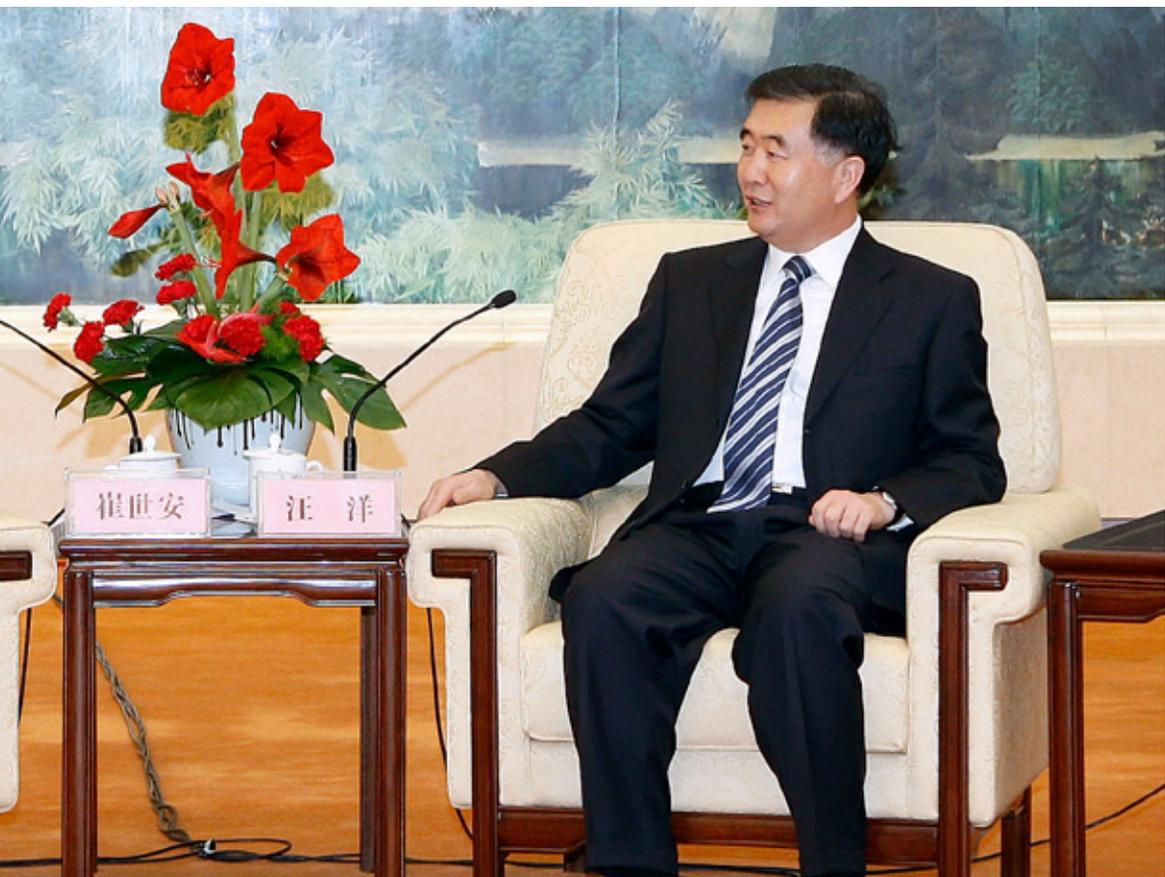
\* Chefe do Executivo da RAEM com Wang Hang, secretário do Comité de Guangdong do Partido Comunista Chinês



## ACORDO À LUPA

- Criação de um mecanismo conjunto de **exploração da Ilha da Montanha**, promovendo as negociações sobre o novo *campus* da Universidade de Macau e dos parques industriais
- Estabelecimento da **Comissão de Ligação e Coordenação Zhuhai-Macau** para acompanhar os trabalhos de cooperação
- Reforçar o **sector das convenções e exposições**
- Promover Macau como um centro do **turismo internacional**
- Integrar o **património de Macau** com o da Província de Guangdong
- Melhorar a cooperação quanto à **medicina tradicional chinesa**. Um dos principais objectivos é a criação de um centro de certificação de padrão internacional para os remédios tradicionais. Os Estados Unidos são um dos países-alvo para as exportações

- Intercâmbio na área de **controlo de qualidade**, que efectuará testes a alimentos, medicamentos, têxteis e electrónicos
- Criação de um grupo de trabalho sobre direitos de **propriedade intelectual**, impulsionando o registo de patentes por parte dos residentes de Macau na Província de Guangdong
- Incentivo para as empresas locais participarem em fóruns e feiras dos países de **Língua Portuguesa**
- Estudar a viabilidade do **abastecimento de água** da Ilha da Montanha directamente para o COTAI
- Estudos na **área jurídica** e intercâmbio de diplomas legais
- Programas conjuntos de protecção e melhoria do **ambiente**
- Implementação de um sistema de acesso a **veículos** da RAEM na Ilha da Montanha
- Acelerar o desenvolvimento do **Posto Fronteiriço** das Portas do Cerco



# UM MODELO PARA O FUTURO

O Governo estabeleceu o ano de 2020 como o de conclusão do seu primeiro plano de políticas amigas do ambiente. São seis estratégias que prometem tornar Macau uma cidade de baixo carbono

Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro

O plano está traçado: Macau vai ser um exemplo de cidade verde. O compromisso foi anunciado e confirmado durante a quarta edição do Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF, na sigla inglesa), em Março. O certame ambiental trouxe uma lufada de ar fresco na área de alternativas mais amigas do ambiente nos seus 16.500 metros quadrados da área de exposição. Cerca de 300 empresas de 24 países e regiões mostraram os seus 540 projectos de investimento dentro do tema “Desenvolvimento Urbano de Baixo Carbono”. O grande objectivo do evento



\* A futura circulação de veículos movidos por energia eléctrica foi uma das bandeiras do evento

anual é “promover a cooperação regional e internacional na área da protecção ambiental, criar oportunidades de negócio para empresas neste sector e servir de plataforma de intercâmbio entre governos e académicos”, explica Jackson Chang, presidente do Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM). O Executivo da RAEM quer passar as ideias verdes do papel à prática e assumiu o compromisso público de tornar-se num exemplo. “O Governo tentará promover o desenvolvimento urbano de baixo carbono por todos os meios para corresponder às políticas nacionais de protecção ambiental e ao protocolo de Quioto”, afirmou Fernando Chui Sai On, Chefe do Executivo, no seu discurso de abertura do MIECF.

Realçando que Pequim definiu o posicionamento futuro de Macau como centro internacional de turismo e lazer, o líder do Governo salientou que a região vai aproveitar a oportunidade para concretizar as estratégias de protecção ambiental e desenvolvimento sustentável. Uma das primeiras medidas concretas é a introdução gradual de estruturas para redução de emissões de gases poluentes. A seguir, entram em campo o desenvolvimento das energias renováveis, a promoção do consumo amigo do ambiente, o aperfeiçoamento das infra-estruturas de protecção ambiental, a revisão da legislação ambiental e um maior controlo da poluição. O prazo também já está definido: 2020. Até lá, Macau prevê concluir o seu primeiro plano de protecção ambiental, no sen-

tido de se transformar numa região modelo, em cooperação com a Província de Guangdong e com Hong Kong. No “Quadro Geral do Planeamento Conceptual da Protecção Ambiental de Macau (2010-2020)”, o Executivo pretende ver implementadas e concretizadas as “seis grandes estratégias” verdes - o melhoramento do ambiente habitacional, o incentivo para a conservação de recursos, a participação no Passeio Ecológico, a conservação do património mundial e preservação ecológica, a implementação de medidas de redução das emissões das empresas, e a integração regional. Estas estratégias, segundo o Governo, têm por objectivo contribuir para proteger o ambiente e transformar Macau num centro habitacional de baixo carbono.



## MEIO AMBIENTE

O Governo promete concluir o processo legislativo do Fundo para a Protecção Ambiental e Conservação Energética ainda durante o segundo semestre deste ano.

O director dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), Cheong Sio Kei, revelou que o diploma que regulamentará a entrega de um valor de 100 milhões de patacas ao Fundo está prestes a ser concretizado. De acordo com as intenções avançadas inicialmente pelo Governo, as verbas destinam-se a financiar a instalação de equipamentos extractores de fumos nos estabelecimentos de restauração.

### CIRCULAR SEM POLUIR

Um dos projectos que vai avançar depois do empurrão do MIECF é uma versão do Mobi.E, uma rede portuguesa

de carregamento inteligente para a mobilidade eléctrica. A EDP Ásia assinou um acordo de cooperação com a Associação Ecológica de Macau (AEM), que prevê repor os níveis de energia gastos nos carros e motociclos eléctricos de forma simples e cómoda, uma vez que a tecnologia desenvolvida permite ao utilizador localizar e seleccionar locais de carregamento, planear trajectos, saber o estado de carregamento do seu veículo, entre outras, a qualquer momento, através do seu computador pessoal ou do telemóvel.

“O foco é a mobilidade eléctrica, nomeadamente veículos eléctricos”, disse João Marques da Cruz, administrador executivo da EDP Energy Solutions Ásia, criada em parceria com Stanley Ho e focada no mercado chinês. “Gostaria-

mos muito de colaborar com entidades de Macau, privadas, governamentais, para implementar um projecto semelhante ao Mobi.E, adaptado à realidade do território.”

No *stand* da EDP Ásia do MIECF esteve em projecção um filme sobre o projecto de Évora – a primeira ‘InovCity’ portuguesa –, em que a EDP participa, e que considera que “Macau tem condições muito boas para se fazer algo no âmbito dessa combinação de *smartgrids* e mobilidade eléctrica”, referiu João Marques da Cruz.

O responsável apontou como vantagens de Macau o facto de ser um “espaço pequeno, fechado, onde a questão da autonomia dos veículos eléctricos não se coloca de todo”, mas referiu ser necessário que as “entidades de Macau se jun-



\* A criação do Fundo para a Protecção Ambiental e Conservação Energética está prevista para a segunda metade do ano

tem a outras com *know-how*, como a EDP, para se implementar um projecto daqueles” na região.

O responsável da EDP afirmou no entanto que, não basta existirem as condições, é também necessário que o território acredite na possibilidade de se tornar uma “Inov-City”. “Temos o *know-how*, mas objectivamente isto tem de ser algo em que Macau acredite e tem de partir de Macau”, sublinhou o administrador executivo da EDP Ásia.

Para a implementação de um projecto como o Mobi. E em Macau é, antes de mais, necessário desenvolver um “processo integrado, criar todo um

quadro legal, e Portugal tem experiência com esse projecto e que é uma referência mundial”, realçou. João Marques da Cruz especificou que esse processo terá de passar pelo “licenciamento de veículos eléctricos, criação de standards técnicos, uma rede de postos de abastecimento, uma interligação entre esta rede e produtores de electricidade e com os consumidores para que tenham reais benefícios de utilização”. No âmbito do projecto português de mobilidade eléctrica Mobi.E, até ao final deste ano, 25 municípios portugueses terão mais de 1300 postos de abastecimento e em 2015 mais de 4000.

## NÚMEROS DA FEIRA DO AMBIENTE

**8800** pessoas passaram pelo certame, o que significa um aumento de 10% em relação ao ano passado

**31** protocolos foram assinados ao longo dos três dias

**625** projectos relacionados com investimento verde e agenciamento de produtos ecológicos foram registados

**574** sessões de contactos, parcerias e negócios, ou seja, mais 38% do que em 2010, 167 das quais relacionadas com o sector da hotelaria

**70%** das partes envolvidas nos 63 protocolos firmados é de Macau e as restantes são do Interior do País, Hong Kong, Taiwan, Holanda, Portugal e Canadá

**6** acordos referem-se a veículos amigos do ambiente

**324** expositores

**24** países e regiões, incluindo a representação de algumas das mais famosas companhias e instituições em todo o mundo

**22,5%** foi quanto cresceu a área de exposição

**7** sessões de debates

**70** oradores de 11 países e regiões

**200** alunos e professores de escolas do território fizeram uma visita guiada à exposição



## Paulo Valentim promove fado e cerâmica portuguesa

O guitarrista e artista plástico Paulo Valentim passou por Macau, onde interpretou fados portugueses com a Orquestra Chinesa do território e leccionou um workshop de fado e outro de cerâmica portuguesa. O espectáculo *Encanto de Portugal* é parte do ciclo de música luso-chinesa da orquestra, que, em parceria com Paulo Valentim, interpretou arranjos de peças populares portuguesas da autoria de Kuan Nai Chung, Li Wenping e Wong Kin Wai e obras tradicionais chinesas de Li Binyang e Tang Jianping.

## Serviços unidos em prol da segurança

O Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, determinou que todos os serviços da administração têm de envidar os maiores esforços para garantir a segurança da população perante a crise nuclear que afecta o Japão. Numa reunião com diversos responsáveis de serviços públicos, Chui Sai On ordenou também que a activação imediata de uma zona de rastreio do Aeroporto Internacional de Macau por equipas do Corpo de Bombeiros e dos Serviços de Saúde. Apesar do incidente em Fukushima não ter tido influências directas sobre a RAEM, o líder do Governo apelou à calma e garantiu que manteria a transparência na divulgação de informações.



## Rodrigo Leão e Cinema Ensemble de regresso

Rodrigo Leão e o Cinema Ensemble regressaram aos palcos de Macau para tocarem o álbum *Mãe* e outros temas, num espectáculo que o músico e compositor disse ter as vertentes “popular” e “intimista”. Promovido pela delegação local da Fundação Oriente, o concerto de Rodrigo Leão decorreu no Grande Auditório do Centro Cultural de Macau, uma sala com capacidade para mil pessoas. Ao longo de 19 composições tocadas noite dentro, desfilaram temas como *Voltar*, *A Corda*, *A Valsa do Equador*, *A Estrada* ou *A Comédia de Deus* para terminarem, no regresso ao palco, com *Alfama*, *Pasión* e *Ya Skju Tebe*. O espectáculo de Rodrigo Leão marcou o regresso do músico a Macau depois de em 2005 ter actuado na escadaria das Ruínas de São Paulo.

## Fórum começa a formar

O Centro de Formação do Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa iniciou a sua actividade com o objectivo de formar 500 funcionários dos países de língua portuguesa nos próximos três anos. Com 31 funcionários dos países lusófonos no primeiro curso de formação dedicado à área do turismo, o Centro de Formação – que nesta primeira acção vai decorrer na Universidade de Macau – foi inaugurado na presença do Chefe do Executivo, Chui Sai On, os secretários para a Economia e Finanças, Francis Tam, e Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, e embaixadores dos países de língua portuguesa na China.

A criação do centro deriva da vontade da China em formar técnicos dos países de língua portuguesa, que foi salientada pelo primeiro-ministro chinês



Wen Jiabao durante a reunião ministerial do Fórum Macau em Novembro de 2010 e integra o plano de cooperação entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Apenas este ano, o centro vai organizar seis acções de formação de curta duração para um total de 156 funcionários, mas desde a criação do Fórum Macau em 2003, Pequim já organizou mais de 210 cursos para um total de 2400 quadros dos países de língua portuguesa.

## Metro já desliza

O Governo de Macau assinou com a Mitsubishi Heavy Industries o contrato de fornecimento do sistema e material circulante do metro ligeiro, prevendo-se que as obras arranquem em meados do ano. Segundo o estipulado no contrato, com um preço de adjudicação de 4,6 mil milhões de patacas, a Mitsubishi Heavy Industries terá 47 meses para fornecer os comboios e sistemas para a primeira fase do metro ligeiro



de Macau, devendo contratar uma entidade independente para proceder a uma análise e avaliação do projecto, nomeadamente quanto à segurança. A empresa japonesa terá de executar a empreitada de concepção e construção tipo “chave na mão” para os trabalhos de melhoramento na ponte de Sai Van, que liga a península de Macau à ilha da Taipa, com vista à instalação do sistema de metro ligeiro, que entrará depois numa fase experimental por dois meses, prevendo-se que esteja operacional em 49 meses ou em cerca de quatro anos. O metro ligeiro terá duas carruagens, sem condutor, à semelhança dos que circulam em Singapura, Coreia do Sul e em aeroportos dos Estados Unidos, e tem uma capacidade inicial prevista de 7800 passageiros por hora e direcção, que poderá aumentar até aos 14 mil passageiros.

## Sete corridas no GP

O 58.º Grande Prémio de Macau, que vai decorrer entre 17 e 20 de Novembro, vai integrar um cartaz de sete corridas, das quais quatro de suporte. A final do campeonato do mundo de carros de turismo – WTCC – volta a realizar-se em Macau com uma jornada dupla e pela sétima vez consecutiva, mas a principal corrida do cartaz é a prova de Fórmula 3, disputada a dois tempos: uma corrida qualificativa no sábado e a Taça Intercontinental da FIA no domingo. Nas duas rodas, a única atracção é o Grande Prémio de Motos, que junta



alguns dos melhores pilotos da modalidade numa pista sem escapatórias e que requer sempre a experiência dos pilotos. Na corrida de Fórmula 3 será este ano incluído o troféu Internacional de Fórmula 3, no qual Macau se destaca entre as seis provas de estreia da temporada.

## À conquista de Jiangsu

Macau inaugurou na cidade de Nanjing, Província de Jiangsu, a primeira grande exposição como “centro global de turismo e lazer”, a meta que Pequim estabeleceu para a RAEM em cooperação com Guangdong. A Semana de Macau em Jiangsu e a Exposição de Promoção Dinâmica de Macau, títulos dados à mega promoção turística, foram inauguradas pelo Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, e pelo governador da Província de Jiangsu, Li Xueyong, e marcou a primeira acção depois de assinado o protocolo de cooperação com a Província de Guangdong, que estabelece vários objectivos de esforço conjunto entre os quais fomentar Macau como destino global de turismo e lazer.

## Livros das famílias na Internet

A Fundação Macau e a Biblioteca Nacional da China lançaram em Pequim uma base de dados das famílias chinesas, a primeira fase de um projecto que pretende reconstituir o passado das famílias nacionais. Numa primeira fase, estão a ser colectados todos os livros de família conhecidos, para posteriormente serem inseridos na Internet. Quando estiver concluído, o projecto permitirá às famílias chinesas em qualquer canto do mundo procurarem os seus antepassados. Além da Fundação Macau e da Biblioteca Nacional da China, colaboram no projecto também as famílias, a Biblioteca Municipal de Xangai, onde existe um depósito muito rico de livros da família e outras bibliotecas no estrangeiro como nos Estados Unidos. O sítio na Internet agora disponível tem milhares de páginas das famílias chinesas e foi lançado com um conjunto de 500 apelidos que envolvem mais de 30 mil famílias.

## Sichuan recebe quase 5000 milhões de patacas

O Executivo de Macau já pagou 4.966 milhões de patacas em projectos de ajuda na reconstrução da província de Sichuan, afectada por um forte sismo em Maio de 2008. O desastre provocou milhares de vítimas, milhões de desalojados e destruiu a grande

maioria das infra-estruturas da região, tendo Macau decidido contribuir com 5000 milhões de patacas para a reconstrução de parte da região. As autoridades de Macau estão a financiar 102 projectos de reconstrução, dos quais 51 na área educativa, 29 na área dos cuidados de saúde, 13 infra-estruturas, seis projectos desportivos e três na área social. De todos esses projectos, 11 estão concluídos, 87 irão ser acabados até ao final do ano e os restantes quatro concluídos em 2012.



## Cinco candidaturas a Património Imaterial

Seis grupos de Macau apresentaram cinco novas candidaturas locais a Património Cultural Imaterial, entre os quais o teatro em patuá (“Teatro Macaísta”) e a “Gastronomia Macaense”, que se pretendem perpetuar no futuro. Além destes, o Museu de Macau, que coordena a lista dos itens, recebeu as propostas da “Crença de

A-Má”, “Nascimento de Na Cha” e “Wuji Qigong”. O reconhecimento em Macau é um primeiro passo que, no caso da gastronomia macaense e do teatro em patuá, tem objectivos mais amplos como chegar um dia a figurar na lista do património imaterial da UNESCO.

## Lusofonia maior e melhor

A Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa vai continuar a ser melhorada, devido à importância do evento, de acordo o administrador do Conselho de Administração do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), Henry Tam. O mesmo responsável disse também que o formato do evento adoptado no ano passado será mantido. Em edições passadas, o evento estava sobretudo focado nos concertos e espectáculos que têm lugar na zona das Casas-Museu da Taipa. Nos últimos anos, contudo, as entidades organizadoras procuraram estender o evento incluindo mais iniciativas, nomeadamente conferências e exposições. Chang Hexi, secretário-geral do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa – entidade que organiza o evento em conjunto com o IACM –, frisa que é através da Semana Cultural e do Festival da Lusofonia que se consegue mostrar a especificidade do encontro de culturas existente em Macau.

# DESENTERRAR PARA PRESERVAR

Sónia da Silva Domingos, coordenadora do projecto de candidatura de Mbanza Congo a Património Mundial da Humanidade, passou a título pessoal pela RAEM.

A arqueóloga angolana revela um pouco desta História a Património da UNESCO. E levou ideias de cooperação com Macau

Texto: Mariana Palavra



ANGOLA



\* Sónia da Silva Domingos, coordenadora do projeto de inscrição de Mbanza Congo (Cidade do Congo) a Património Mundial da UNESCO

**A**rqueologia tropeçou cedo na vida da angolana Sónia da Silva Domingos. Estudou na escola francesa, mas como os irmãos estavam em instituições de ensino portuguesas e russas não havia literatura francesa em casa. Os amigos do pai emprestaram os livros em francês que, “por incrível que pareça, eram todos de arqueologia”. “Via os desenhos das escavações e a descoberta dos objectos e a partir daí ficou logo o bichinho”. E nunca mais saiu.

Concluiu licenciatura, mestrado e doutoramento na área da arqueologia e em 2009 tornou-se coordenadora do projecto de inscrição de Mbanza Congo (Cidade do Congo, capital da província angolana do Zaire) a Património Mundial da UNESCO. Até há pouco tempo, acumulou ainda o cargo de directora-adjunta do Instituto Nacional de Património Cultural de Angola. Agora, está apenas concentrada na candidatura da antiga capital do Reino do Congo a património da Humanidade. É uma corrida contra o tempo, já que Angola tem cerca de um ano para apresentar o projecto à UNESCO. “Até Junho e Julho de 2012, ainda temos muito, muito por fazer”, afirma a coordenadora.

### **EX-CAPITAL DO REINO DO CONGO**

Formado no século XIII, o Reino do Congo tinha seis províncias e ocupava parte dos actuais territórios de República Democrática do Congo, Gabão e Angola, além da existência de outros reinos vassalos. Do vasto território fazia também parte a actual cidade de Luanda, zona conhecida por banco do Congo, onde eram apanhados os búzios que eram a moeda do Reino. Mbanza Congo dominava este mapa como capital e como uma das maiores povoações da costa ocidental africana. “Segundo relatos de missionários entre os séculos XIII e XVII, Mbanza Congo chegou a ter cerca de 100 mil habitantes. Há gravuras onde estão representadas 11 igrejas e palácios e um rio com uma caravela, dando a

entender que era navegável”, explica Sónia da Silva Domingos.

Mas nem tudo a história enterrou. Mbanza Congo ainda hoje preserva as ruínas “daquela que pode ser a primeira Sé Catedral erguida a sul do Saara, construída no séc. XVI, testemunha da presença portuguesa na região e da fé cristã”. Sónia da Silva Domingos enumera ainda como património a classificar, datado entre os séculos XVIII a XX, o cemitério e o palácio dos reis, o local de lavagem e embalsamento dos corpos

dos soberanos, assim como a casa dos secretários e a árvore centenária onde decorriam os julgamentos. “Temos ainda uma igreja que foi construída em 1933 por cima das ruínas de outra igreja que se acredita ser do século XV”, revela a arqueóloga.

Ou seja, uma das primeiras construções após a chegada dos portugueses ao Reino do Congo já depois de 1480.

### **DESENTERRAR PARA PRESERVAR, O SLOGAN**

É preciso, porém, desenterrar do passado outros vestígios e determinar as datas de forma fiável. “As escavações é que podem fornecer mais dados. Muito do que se sabe do Reino do Congo é baseado em tradições orais e em registos literários. A UNESCO quer provas científicas, físicas, de que realmente o Reino teve todo aquele esplendor”, explica Sónia da Silva Domingos.

Foi assim que arrancou, em 2007, o projecto de candidatura de Mbanza Congo a Património Mundial da Humanidade com o lema ‘Desenterrar para Preservar’. Em Fevereiro de 2011, foi feito o levantamento topográfico da cidade e marcado o perímetro que será classificado. Qualquer coisa como 15 hectares que vão ser alvo de escavações, aqui e ali. A prospeccção geofísica e a fotografia de satélite vão ajudar arqueólogos e autoridades locais neste corre-corre. Os primeiros têm até Junho de 2012 para

## ANGOLA

escavar e apresentar o projecto de candidatura ao Comité do Património Mundial da UNESCO; os segundos há muito que querem escavar para desenvolver a capital da província do Zaire, mas são obrigados a adiar os planos urbanísticos. “Para não travar o governo local temos que ter métodos mais rápidos, como a prospecção geofísica que pode identificar estruturas a mais de sete metros de profundidade e limitar as escavações”.

A coordenadora do projecto reconhece ainda que Angola tem meios financeiros para o projecto, mas faltam recursos humanos. “Duas companhias petrolíferas que operam no país têm contribuído anualmente para o projecto com cerca de 200 mil dólares americanos. Mas não temos uma equipa profissional interdisciplinar. Para já temos apenas jovens universitários de Benguela e de Cabinda que estão a colaborar. Estamos agora a discutir acordos de cooperação com universidades europeias e africanas. Pelo menos uma instituição portuguesa fará parte desse projecto”, revelou.

De Macau, por onde passou recentemente a título privado, Sónia da Silva Domingos recolheu

vários contactos. “Vou sugerir ao Ministério da Cultura angolano um acordo cooperação com a RAEM pois tem património mundial e também elementos de origem portuguesa, como nós temos. Devemos pensar em colaborar com a equipa que preparou a candidatura de Macau”, sublinha a também professora universitária.

### UM SONHO DE MENINA

O plano para o futuro já está traçado. Mbanza Congo vai ter um parque histórico que englobará as áreas a classificar pela UNESCO, assim como uma biblioteca e um centro de pesquisa especializado no Reino do Congo. No entanto, como realça Sónia da Silva Domingos, “não queremos ter algo estático, como um museu. O parque histórico pode inspirar-se em Macau, onde os elementos património da UNESCO fazem parte da vida da cidade. A San Ma Lou, por exemplo, onde património e comércio convivem. É funcional”.

Mbanza Congo não pretende apenas desenterrar ruínas e objectos. Tendo sido um importante porto de saída de escravos africanos, a cidade

\* Mbanza Congo ainda hoje preserva as ruínas daquela que pode ser a primeira Sé Catedral erguida a sul do Saara



angolana quer agora tornar-se num centro espiritual. “A sua influência está por todo o mundo, na América, nas Antilhas, no Haiti... Há ainda muita gente que se identifica com a cultura Congo.” A coordenadora garante ainda que há vários investigadores descendentes desta cultura que visitam a região com frequência. “Vêm dos Estados Unidos ou da Inglaterra. Uma vez chegou um professor cubano a dar aulas na Califórnia que trouxe inclusivamente os colares da avó que ela terá levado daqui.”

A candidatura à lista da UNESCO traz outras esperanças às gentes da terra e a quem prepara o dossiê: mais turismo, prestígio para a cidade, desenvolvimento e consequente criação de postos de trabalho. Mas, enquanto nada disso chega, é preciso explicar e convencer a sociedade que é necessário escavar primeiro, para crescer depois. “Fazemos campanhas de sensibilização com os líderes locais, os sábios, as autoridades tradicionais. Por outro lado, trabalhamos com os ministérios e direcções de urbanismo, ambiente, ordenamento de território. Ou seja, quando eles fazem os buracos para construir nós acompanhamos os

trabalhos e, se vemos que há vestígios históricos, paramos as obras e fazemos as nossas escavações”, observa Sónia.

Apesar desta técnica de cooperação ser aceite por todos, o sector da arqueologia está em numérica desvantagem. “Arqueólogos, com pelo menos mestrado, há só três em Angola. Não há curso superior num país com sítios arqueológicos importantes e que enterra muitos mais, quase tudo ainda por explorar.”

Além da província do Zaire, há pelo menos outras três com vestígios arqueológicos importantes: Luanda, Benguela e Huambo. “Muito pouco está estudado, só no âmbito de teses de doutoramento. Temos que correr, senão várias estações ficam perdidas para sempre, pois há muita pressão demográfica e imobiliária no país”, comenta com algum sobressalto.

Com tanta escavação pela frente, Sónia da Silva Domingos não desmotiva. A arqueologia continua a ser o sonho de menina. “Sinto-me muito pequenina perante tanta história, é tanta coisa. Se me tirarem do terreno, tiram-me tudo. Não quero ser arqueóloga de escritório.”

\* Construída no séc. XVI, a igreja testemunha da presença portuguesa na região e da fé cristã



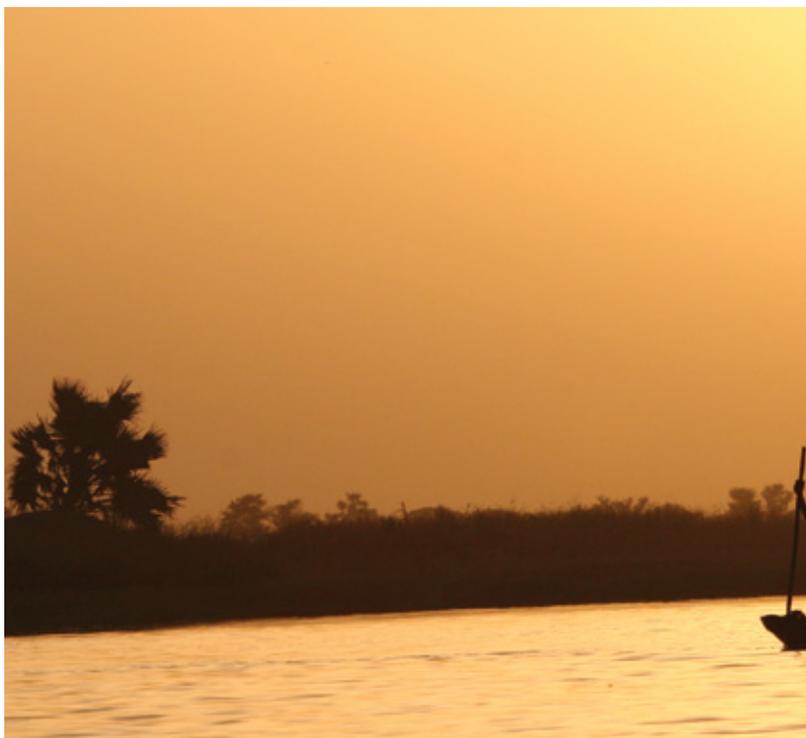
# A INFLUÊNCIA EUROPEIA NA IDENTIDADE CABO- VERDIANA



**GERMANO ALMEIDA**

Escritor

**E**leger a concubinação e a fazenda como os principais forjadores do que viria a ser a identidade nacional cabo-verdiana poderia parecer temerário, caso houvesse a intenção de reduzir unicamente a estes dois elementos todas as circunstâncias que se juntaram para gerar o povo das ilhas. Desse modo, ficam esquecidos inclusivamente a “educação” dos escravos destinados às ilhas de Santiago e Fogo, que quase logo à chegada eram iniciados nos rudimentos do uso da religião e da língua portuguesa, e algumas vezes até na escrita, condição imposta pela Igreja para serem baptizados. É certo que a fazenda teve um papel primordial no processo,



certamente lento mas inevitável, de criação do homem cabo-verdiano. Basta imaginar grupos humanos trazidos de diferentes culturas e línguas e, de repente, circunscritos a um espaço relativamente reduzido onde ficam condenados a viver, a trabalhar, a comer, a conviver e até a amar e procriar.

São obrigados a se comunicarem. E se não existe um instrumento comum, há que inventá-lo, quer através de gestos ou de objectos, ou de palavras ouvidas uns dos outros e memorizadas. Mas particularmente presentes e em maior número são os vocábulos de que diariamente os brancos se servem em forma de ordens e que os escravos interiorizam e vão repetindo à maneira que

percebem o seu sentido. E é assim, a pouco e pouco, que começa a surgir um ainda que rudimentar veículo de comunicação. Que não fica no entanto exclusivo dos escravos, porque rapidamente os senhores descobrem as vantagens da sua apropriação. Com o passar dos anos e dos séculos, os que chegam rapidamente descobrem que aprender esse linguajar é a única maneira que têm de minimamente se integrarem na sociedade que já se afirmava diferente. De tal forma que no século XVIII, um militar português mandado para Santiago constatava que “o povo miúdo, assim como todos os grandes, a maior parte não fala a língua portuguesa. Qualquer pessoa de fora que queira co-

municar-se com eles precisa levar um tradutor”.

O que começou como um simples “uso da mulher negra pelo homem branco”, por prementes razões de satisfação de necessidades de ordem sexual, rapidamente se generaliza e se transforma em concubinação. De tal modo que o florentino Francesco Carletti, que visitou a ilha de Santiago em 1594, não conseguiu esconder a sua admiração por quanto lhe era dado observar no comportamento daquela sociedade. Carletti tinha resolvido deixar a sua cidade e empreender uma pequena viagem, mas acabou passando oito anos a percorrer o mundo. Pelo caminho lembrou-se de ganhar algum dinheiro comprando escravos para revender algures nas Antilhas, e assim desembarcou na Ribeira Grande, a primeira cidade fundada pelos portugueses no continente africano.

Ele não fazia a mínima ideia do que ali iria encontrar e muito se admirou quando viu que não só havia uma forte representação eclesíastica, inclusive com bispo próprio, como também cerca de 50 belas casas do tipo europeu, ainda que fosse bastante reduzida a percentagem de gente branca.

No seu livro de viagem, Carletti refere ter encontrado muitos brancos casados com mulheres de Portugal. Porém, constatou que muitos outros eram casados com mulheres negras e muitos outros ainda com mulatas que, explica, são “mulheres nascidas de brancos e de negras”. Escreve que os brancos estimam muito mais as mulatas do que as portuguesas, porque, diz, sabem



## CABO VERDE

por experiência que “ter relações com elas não só é menos nocivo como até de maior deleite”. E prossegue: “Por isso, há quem estime mais uma mulher morena que uma branca porque, na realidade, parece que aquele céu inclina e faz desejar mais as naturais do país do que as estrangeiras, vendo-se até demasiado que quem não as tem como mulheres procura rapidamente tê-las como concubinas. E por fim, levados pelo afecto, acabam por casar e viver com elas muito mais contentes do que se fossem da mesma nação; não só por serem mais saudáveis, mas porque trabalham mais, sendo também muito verdade que algumas, não apenas em relação ao valor

e juízo mas também quanto a feições e aspecto do corpo, ultrapassam em muito as nossas mulheres europeias, pondo de lado a desvantagem da cor que nem sequer é tão considerável como alguns pensam. E nisto confesso que eu próprio me enganei pois algumas que vi eram tais que nem sequer a cor me dava qualquer enfado”. Mesmo descontando algum exagero nessas observações, é sabido que os próprios governadores vindos de Portugal, ainda numa época em que eram escolhidos entre fidalgos de alta linhagem, não conseguiam resistir aos encantos das mulatas. Não só se permitiam viver em franco concubinato com as suas escravas, como também tratavam os filhos nascidos

dessas ligações como “legítimos”, chegando a impor que, na igreja, ficassem sentados a seu lado durante a missa, para grande desconforto dos bispos e até não poucas nem pequenas arrelias de parte a parte. Aliás, a história reteve o nome do Dr. José da Costa Ribeiro, natural da Madeira, por sinal professo na Ordem de Cristo, que exerceu na ilha de Santiago como ouvidor. Ficou com fama de ser tão desatinado no vício da mulher que vulgarmente era chamado de “O rei da Guiné”. Tinha seis escravas - todas elas belas raparigas a quem mandou ensinar música e tocar instrumentos - e quando regressou a Lisboa, não obstante ter lá mulher e filho, levou com ele todas as suas moças.





## CABO VERDE

Praticamente desde o início do povoamento das ilhas os chamados filhos bastardos tiveram tratamento particular. Prova-o o facto de ser comum os colonos deixarem os seus bens aos filhos mestiços, nascidos do concubinato com as suas escravas.

Esses factos não podiam deixar de ter consequências a nível da miscigenação. E é assim que, por volta de 1784, um anónimo residente em Santiago retratava da seguinte forma as relações entre brancos e pretos: “Em outro tempo houve nesta ilha muitos homens brancos, naturais e principais da terra, descendentes dos primeiros povoadores, com

casas bastante opulentas, por serem senhores da maior parte das terras da ilha, em razão das grandes mercês que lhes haviam feito assim o infante Dom Fernando como El-Rei Dom Manuel. Tratavam-se como nobres, tendo brasões de arma que ainda hoje se manifestam em alguns monumentos. Eram muito respeitados e venerados pelos pretos, que ficaram sendo seus rendeiros. De tal forma era o respeito que os pretos tinham aos brancos, que vindo um preto a cavalo e avistando um branco a tiro de pedra, logo se apeava e, retirando-se para fora do caminho, esperava que passasse o branco para o reverenciar. Porém, com o tem-

po acabaram por desaparecer essas velhas famílias, umas por falta de descendência, outras porque se degeneraram em mestiços, tanto mais que o clima é muito mais favorável a estes do que a aqueles”.

Vemos, pois, que o cabo-verdiano que hoje somos é o resultado de todos os tipos humanos que ao longo dos séculos povoaram as ilhas. Mas seria imprudente não ter em conta as imensas penúrias provocadas pelas secas e pelas fomes que acabaram possibilitando a formação de uma sociedade miscigenada, senão nos haveres, como diz Bentley Duncan, no seu livro “As ilhas portuguesas do Atlântico”,



foto dreamstime.com

pele, na cor da pele, na língua, na música, na tradição oral, na religião, na sabedoria popular, no estilo de vida, nos costumes e nas regras de convivência. E de facto, neste laboratório isolado pelo mar, foi paulatinamente emergindo uma sociedade híbrida e sincrética, com uma cultura e identidade que não se deixam confundir com nenhuma outra. Na *Introdução Geográfica à História Geral de Cabo Verde*, publicada em 1991, o professor Ilídio do Amaral caracteriza as ilhas do seguinte modo: “Temos assim um espaço geográfico muito bem delimitado, um pedaço de terra cercado de mar por todos os lados. Encontrado deserto, nele foram introduzidos dois grupos humanos diferentes: os europeus e os africanos, que aí praticaram permutas de grande envergadura, no sentido da aparente fixação de novos padrões culturais. Crises climáticas, de anos sem chuva, limitaram as correntes de inovações técnicas do arranjo dos campos e de descoberta de novos produtos vegetais. Ainda que com diferenças sociais, contudo a tendência decorreu no sentido de uma generalização da pobreza. Foram-se fixando, ao longo dos processos, as permutas culturais, fundidas em diferentes aspectos da vida diária, da estrutura social, das crenças, das formas musicais correntes, dos usos linguísticos, etc. Estava criada a ‘sociedade crioula’, consumada a transmissão cultural entre europeus e africanos, respondido o desafio da sobrevivência local”.





## Lei do Tabaco em vigor em 2012

O novo Regime de Prevenção e Controlo do Tabagismo de Macau vai entrar em vigor a 1 de Janeiro de 2012, proibindo o fumo em recintos públicos fechados, com a excepção dos casinos, que poderão criar áreas para fumadores. O diploma, aprovado pela Assembleia Legislativa a 18 de Abril, foi publicado em Boletim Oficial, revogando o regime em vigor desde 1996. As novas restrições ao fumo enquadram-se na Convenção Quadro da Organização Mundial de Saúde para o Controlo do Tabaco, ratificada pela China em 2005, que entrou em vigor em 2006, e pretendem combater o facto de as três principais causas de morte em Macau estarem directamente relacionadas com o consumo do tabaco. A proibição de fumar aplicava-se aos hotéis, restaurantes, bares e *karaokes*, não se impondo aos casinos, saunas, casas de massagens e espaços de dança, apesar de prever a possibilidade de criação de áreas para não fumadores nestes locais.

## Concurso de som e imagem

O Centro de Indústrias Criativas - *Creative Macau* lançou a segunda edição do concurso *Macau Sound & Image Challenge* para profissionais e amadores de produções audiovisuais de todas as nacionalidades e idades. Dedicada este ano ao tema "*Loud Image Colourful Sound*", a competição aceita inscrições até 30 de Junho e consiste na apresentação de produções audiovisuais de 90 segundos a três minutos de duração, cuja mensagem deverá ter características de campanha publicitária ou de anúncio para um serviço público. Os participantes têm de estar organizados em equipas até oito elementos de qualquer nacionalidade e idade, sendo apenas exigido que, pelo menos, um deles seja portador do bilhete de identidade de residente de Macau ou do título de identificação de trabalhador não residente.



## Nova remessa de cheques

O Chefe do Executivo de Macau, Fernando Chui Sai On, anunciou que o Governo vai voltar a distribuir cheques pela população no segundo semestre do ano para aliviar os efeitos da inflação sobre a vida dos residentes. Na primeira deslocação à Assembleia Legislativa este ano para responder às questões dos deputados sobre as políticas para 2011, anunciadas em Novembro, Chui Sai On deixou a garantia de que o Executivo vai distribuir cheques de 3000 patacas a cada residente permanente e de 1800 patacas a cada residente não permanente. Esta medida vai implicar uma despesa aos cofres públicos de 1700 milhões de patacas.

## Vasco Pereira da Costa recebe *honoris causa*

O escritor e poeta açoriano Vasco Pereira da Costa foi distinguido com o grau de Doutor *Honoris Causa* em Letras pela Universidade de São José, fundada em 1996 em Macau pela Universidade Católica Portuguesa e pela diocese local. A distinção foi atribuída devido ao facto do escritor ser considerado "um homem de cultura, um grande poeta e escritor e um dinamizador da cultura portuguesa", segundo a instituição. A obra literária de Vasco Pereira da Costa inclui livros como *Os meus amigos da Califórnia e outros três contos* que já

lhe proporcionaram prémios como “Miguel Torga” e “Aquilino Ribeiro”, cinco livros de poesia, uma novela e um livro de memórias.

## Comissão mista inicia funções

Portugal e Macau manifestaram na primeira reunião da comissão mista o interesse em facilitar o estabelecimento de empresas em ambos os territórios para fomentar o investimento bilateral e em reforçar a cooperação no domínio das energias renováveis. Na primeira reunião da comissão mista Portugal-Macau desde a assinatura do Acordo-Quadro de Cooperação, em 2001, ficou acordado o reforço da parceria para o desenvolvimento de projectos em áreas como a cultura, educação, economia e justiça. Para o efeito, Portugal e Macau pretendem, até 2013, desenvolver canais para garantir uma troca de informação mais regular e expedita sobre oportunidades de negócio.

## Procura eleva preços de hotéis

O preço médio da diária nos quartos de hotel em Macau ocupa o quinto lugar na lista dos mais caros do mundo relativamente ao ano passado, com um aumento de 19%. Alguns especialistas citados num relatório internacional acreditam que a subida nos preços dos hotéis se deve sobretudo ao excesso

de procura em relação à oferta disponível. Embora haja cada vez mais hotéis com preços estáveis, continuam aquém dos objectivos de diversificação do mercado de turismo. O relatório mostra que Macau e Singapura entraram no *ranking* das dez cidades onde os hotéis foram mais caros no ano passado. Macau foi o mais caro destino asiático, seguindo de perto Nova Iorque, Londres, Zurique e Paris, para ocupar o quinto lugar da média mais elevada nas diárias dos hotéis, com 1472 patacas.

## Comissão para ex-titulares de altos cargos

Os secretários e directores de serviços, considerados como altos cargos, vão ter de submeter os seus pedidos para trabalharem no sector privado a uma nova comissão criada por Chui Sai On. A “Comissão de apreciação de pedidos relativos ao exercício de actividade privada por parte dos ex-titulares do cargo de Chefe do Executivo e dos principais cargos” tem a responsabilidade de analisar e emitir parecer sobre os pedidos de autorização para o exercício de actividades privadas após a cessação de funções por parte dos ex-titulares do cargo de Chefe do Executivo e dos principais cargos. O grupo terá também a responsabilidade de elaborar e propor, para homologação e divulgação, os princípios e critérios susceptíveis da recusa de autorização para o exercício de actividades privadas.



## Nas cordas de Piñero Nagy

Depois de Pequim e Tianjing, o guitarrista Piñero Nagy e o duo Pedro Luís e Miguel Vieira da Silva (Mikroduo) tocaram em Macau uma homenagem ao compositor, pianista e dramaturgo espanhol Isaac Albéniz, com peças do próprio transcritas por Nagy para as três guitarras. Também foram apresentadas peças de Enrique Granados, Manuel de Falla, Manuel Durão, Joaquin Turina, Astor Piazzolla e *En el silencio de la noche*, um tema inédito dedicado especialmente ao trio pelo compositor italiano Alberto Colla.

## Nova aposta na investigação cultural

Em breve, vamos ficar a saber mais sobre a arquitectura paisagística, as actividades americanas, a história industrial e budista de Macau. São esses os temas de quatro estudos académicos seleccionados pelo Instituto

Cultural (IC) para integrar a nova leva de bolsas de investigação. Tong Qiaohui, professora do Departamento de Arquitectura da Escola de Desenho Urbano da Universidade de Wuhan, vai dedicar-se ao “Estudo sobre a arquitectura paisagística de Macau nos tempos modernos (meados do século XIX ao início do século XX)”. Yufan Hao, director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Macau, vai abordar a temática das actividades americanas em Macau nos meados do século XIX. Jiang Boqin, professor e orientador do curso de doutoramento do Departamento de História da Universidade Sun Yat-sen e investigador da Academia de Dunhuang, escolheu trabalhar com a “Discussão complementar sobre Shilian Dashan e a história budista de Macau”, enquanto que Tang Kaijian, professor e orientador do curso de doutoramento do Departamento de História da Universidade de Macau, escolheu o “Estudo sobre a história industrial de Macau nos tempos modernos (entre meados do século XIX e início de XX)”.

## Melancia e Garcia Leandro em Macau

O primeiro foi governador de Macau entre 1987 e 1990, estando associado ao seu mandato a concepção e o lançamento de projectos de envergadura como o aeroporto internacional, o porto de Ká Há, a segunda ponte entre Macau e a Taipa, a central



de incineração, entre outros, que foram implementados e concluídos pelo seu sucessor, Vasco Rocha Vieira. O segundo, coronel Garcia Leandro, foi o primeiro governador de Macau nomeado depois da revolução de 1974 em Portugal. Uma das marcas do seu mandato foi o processo de elaboração do Estatuto Orgânico de Macau, na sequência da antiga colónia que, na nova redacção da Constituição portuguesa, passou a ser apenas um “território sob administração portuguesa”. Carlos Melancia e Garcia Leandro visitaram a RAEM a convite do Governo local. Do programa da visita constou o lançamento do livro de Garcia Leandro “Macau nos Anos da Revolução Portuguesa – 1974-1979”, sobre os anos do seu mandato. Durante cinco dias os antigos governadores tiveram contacto com diversas

entidades locais, incluindo o Chefe do Executivo Chui Sai On e associações locais de matriz portuguesa.

## Cotai em exibição em Munique

Um ano depois de ter exposto “New City” em Macau, o artista plástico português Rui Calçada Bastos inaugurou uma nova versão da mostra na Alemanha. As memórias de uma visita à RAEM deram origem a toda uma nova experiência que Calçada Bastos contou em imagens, que por sua vez levaram a “New City” – a mostra de 13 fotografias tiradas na zona do Cotai e exibidas na galeria Art for All (AFA). Um ano depois, a “cidade nova” que Calçada Bastos captou é agora exposta em Munique, na Alemanha, até finais do mês de Julho.

# CHINESES APRENDEM MAIS PORTUGUÊS

Disparado pelos negócios com os países lusófonos, o ensino do português deu um salto significativo na China nos últimos anos. De quatro passaram a ser 14 as universidades a leccionar a língua, sem contar com as instituições privadas de norte a sul do país

Texto e Fotos: Maria João Belchior, em Pequim

O crescimento e o investimento chinês em países onde se fala português foram de tal maneira avassaladores que as universidades já não chegam para o aumento da procura da aprendizagem da língua portuguesa. A necessidade fez proliferar o negócio das escolas privadas. Antes as universidades com cursos de português contavam-se pelos dedos de uma mão. Hoje, nas 14 instituições de ensino superior com uma licenciatura em Língua Portuguesa espalhadas por toda a China, há 940 alunos registados a aprender português, segundo dados deste ano lectivo. A este número juntam-se aqueles que aprendem a nível privado, cujo total é ainda desconhecido.

Enquanto que até há alguns anos o Instituto Camões era a única instituição a enviar professores de português para a China, para fazer face à crescente procura a Universidade de Lisboa tem assumido um papel cada vez mais importante na divulgação da língua e da cultura portuguesas. O programa da Universidade de Lisboa é autónomo e financiado pela própria, como aponta Moisés Fernandes, director do Instituto Confúcio em Lisboa. Uma vez que, e também devido à crise financeira em Portugal, se torna caro financiar o envio dos seus próprios docentes para a China, já existe a ideia da Universidade

de Lisboa se associar a empresas chinesas, com interesses no Brasil e em Angola, para um eventual patrocínio na colocação de mais profissionais de português na China.

“A preocupação máxima da Universidade de Lisboa é garantir a melhor qualidade possível dentro das circunstâncias para o ensino do português na China”, refere Moisés Fernandes. A proliferação de cursos tem criado nos últimos anos um problema de qualidade no ensino. Para o director do Instituto Confúcio, é especialmente importante a criação de protocolos entre as universidades chinesas onde se lecciona português e universidades em Portugal ou no Brasil como uma ponte para o ensino. A questão da falta de qualidade de algum ensino privado é um problema referido por outros professores, chineses e portugueses, que têm assistido à multiplicação constante do número de cursos e de alunos.

No ano lectivo de 2009/2010, a Universidade de Lisboa enviou pela primeira vez dois leitores portugueses para leccionarem na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin. O modelo foi criado por uma cooperação entre as duas instituições. A ideia de divulgação que existe há muitos anos através de institutos como o português Camões ou o espanhol Cervantes foi aproveitada por Pequim, que há anos começou a investir no en-

LÍNGUAS

北京外国语大学



BEIJING FOREIGN STUDIES UNIVERSITY



sino do mandarim além-fronteiras. O Instituto Confúcio é uma instituição vocacionada para o ensino da língua chinesa. O interesse cada vez maior pela aprendizagem do mandarim levou o Governo Central, através do grupo económico Hanban, a não poupar esforços para expandir a rede Confúcio pelo mundo inteiro. E hoje há mais de 300 institutos espalhados pelos cinco continentes. Pelo seu poder económico, em menos de uma década a China conseguiu ser o número um no espalhar de centros de língua pelo mundo.

### UM OBJECTIVO CONCRETO

Portugal continua a ter de fazer um esforço para aumentar o investimento. O investigador Moisés Fernandes tem procurado, através de viagens à China, aproximar Lisboa das cidades chinesas interessadas em ter cursos de português. “Interesses muito concretos”, frisa o professor quando interrogado sobre o porquê de estudar português pelos chineses. Os recursos naturais parecem ser a chave da resposta. A República Popular quer assegurar garantias para o futuro desenvolvimento que deve seguir o mesmo ritmo

de até agora. A importação de matérias-primas e recursos naturais leva a China a investir em países como Angola e o Brasil. Os anos de 2002 e 2003 significaram uma mudança, com o início dos protocolos de cooperação com os dois países. Se em 2002 estudar português ainda era pouco comum, em 2010 a taxa de empregabilidade dos estudantes passou a levar muitos pais a olharem o português como um seguro de vida para os seus filhos.

Uma grande parte dos alunos que investe na língua portuguesa passa um ano a estudar no estrangeiro ou em Macau. A favorecer a aprendizagem *in loco*, a viagem até Portugal ou o Brasil torna-se fundamental. Para muitos, é a primeira oportunidade de conhecer as culturas destes países. As universidades do Interior da China têm programas co-financiados pelo Governo Central de intercâmbios universitários em Lisboa, São Paulo e Macau.

### FALTA DE PROFESSORES

Pela grande procura que existe actualmente começa a haver falta de leitores e professores nativos, tanto na variante de português falado no



\* Uma grande parte dos alunos que investe na língua portuguesa passa um ano a estudar no estrangeiro ou em Macau



\* Liliana Gonçalves é professora na Universidade de Comunicação da China desde 2005

Brasil como na de Portugal. Moisés Fernandes considera que vai ser preciso que mais universidades se unam para colmatar esta falha. Além do Instituto Camões e da Universidade de Lisboa, universidades no Brasil podem começar a investir no envio de professores. Até agora não há universidades brasileiras associadas ao ensino na China.

Em relação ao mercado de trabalho, a esmagadora maioria dos licenciados segue para Angola e para o Brasil e apenas uma minoria para Portugal. Do ponto de vista da remuneração, os salários mais altos são oferecidos em empresas que trabalham com Angola e com o Brasil.

Das 14 universidades na China, nove inauguraram o curso depois do ano 2005, o que é um reflexo da importância das relações comerciais com a CPLP. Liliana Gonçalves é professora na Universidade de Comunicação da China desde 2005. Mais de cinco anos a leccionar em Pequim, já permitiram que a professora visse

vários dos seus alunos partirem para os destinos mais comuns.

Com aulas de português do Brasil e de Portugal, os alunos fazem o terceiro ano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil. Uma viagem que, para muitos, se torna inesquecível e na qual adoptam rapidamente um sotaque brasileiro. “Os alunos chineses evoluem muito depressa, porque estudam bastante e se esforçam muito”, garante Liliana, que no quarto ano do curso dá nas aulas alguma iniciação à literatura dos países lusófonos.

A facilidade com que aprendem tem a ver com a dedicação de horas passadas a perceber as conjugações dos verbos em português ou o feminino e o masculino dos substantivos, algo que não existe no mandarim. Luís Pires, docente enviado pela Universidade de Lisboa para o curso em Tianjin, concorda com a dedicação dos chineses ao estudo. Há cerca de um ano na China, Luís Pires decidiu criar uma plataforma



\* Nas 14 instituições de ensino superior com uma licenciatura em Língua Portuguesa espalhadas por toda a China, há 940 alunos registados

de comunicação entre os professores de Língua Portuguesa. Assim nasceu a Comunidade de Ensino de Português Língua Estrangeira na China (CEPLEC).

### UM SÍTIOS PARA A COMUNIDADE

Criar um sítio que fosse além das salas de aula foi a ideia por detrás da abertura da página na Internet ([www.ceplec.org](http://www.ceplec.org)) onde todos os professores de Língua Portuguesa na China poderiam encontrar-se. A evolução repentina dos últimos anos que Luís Pires observou assim que chegou à China levou-o a pensar que é a altura certa para “haver um trabalho de consolidação do que está a acontecer”. O juntar de artigos, temas de discussão para um fórum e novidades ligadas ao trabalho de ensino do português como língua estrangeira começaram então a dar forma à CEPLEC.

Voltado essencialmente para os professores, o website pretende dar voz a quem ensina numa

forma também de partilhar métodos e técnicas. Depois de quase um ano desde a primeira ideia, o plano para o futuro é estender os trabalhos na página online a alunos chineses. Como um projecto em construção, a CEPLEC vai expandir o grupo de trabalho com mais professores que vão passar a dinamizar o site.

Exercícios, trabalhos das aulas, um glossário. Luís Pires enumera algumas das tendências que espera que fiquem disponíveis a partir deste ano. “Chamar os alunos é o importante”, frisa o professor. À semelhança do fórum que já está disponível para os professores que se registam, Luís Pires pensa que será relevante alargar os debates aos estudantes.

Uma organização independente, a CEPLEC poderá vir a receber patrocínio e apoios de alguma organização, desde que isso não implique a modificação dos conteúdos, sublinha Luís Pires. Para estudantes que aprendem a Língua Portuguesa fora de Pequim e de Xangai, ainda é

## LÍNGUAS

difícil ter contactos com comunidades de língua portuguesa, assim como debater assuntos em português, visto que muitos não têm professores nativos. A intenção da CEPLEC é colmatar essa falha. Em algumas universidades ainda há escassez de livros e materiais de cultura, linguística e literatura lusófonas. “É preciso também que haja maior oferta de materiais focados exclusivamente para alunos chineses”, sugere Luís Pires. Para os estudantes chineses a técnica da memorização é a que prevalece. O professor, como outros profissionais, realça a importância de estimular a criatividade nas aulas.

No Interior do País, o ensino da Língua Portuguesa está cada vez mais presente. Um dos projectos possíveis para o futuro é concretizar o Centro de Avaliação do Português como Língua Estrangeira (CAPLE), que permitirá ter um documento a certificar os conhecimentos de português.

Facto assente é que a procura por parte dos alunos vai continuar a aumentar. A motivação económica é forte e a maior aproximação da China ao Brasil também deve vir a pautar os próximos anos. O falar português dá emprego – pensam os estudantes. Uma razão suficiente para que mais universidades equacionem a abertura de uma licenciatura em Língua Portuguesa. Em pouco tempo, serão precisas mais de duas mãos para contá-las todas.



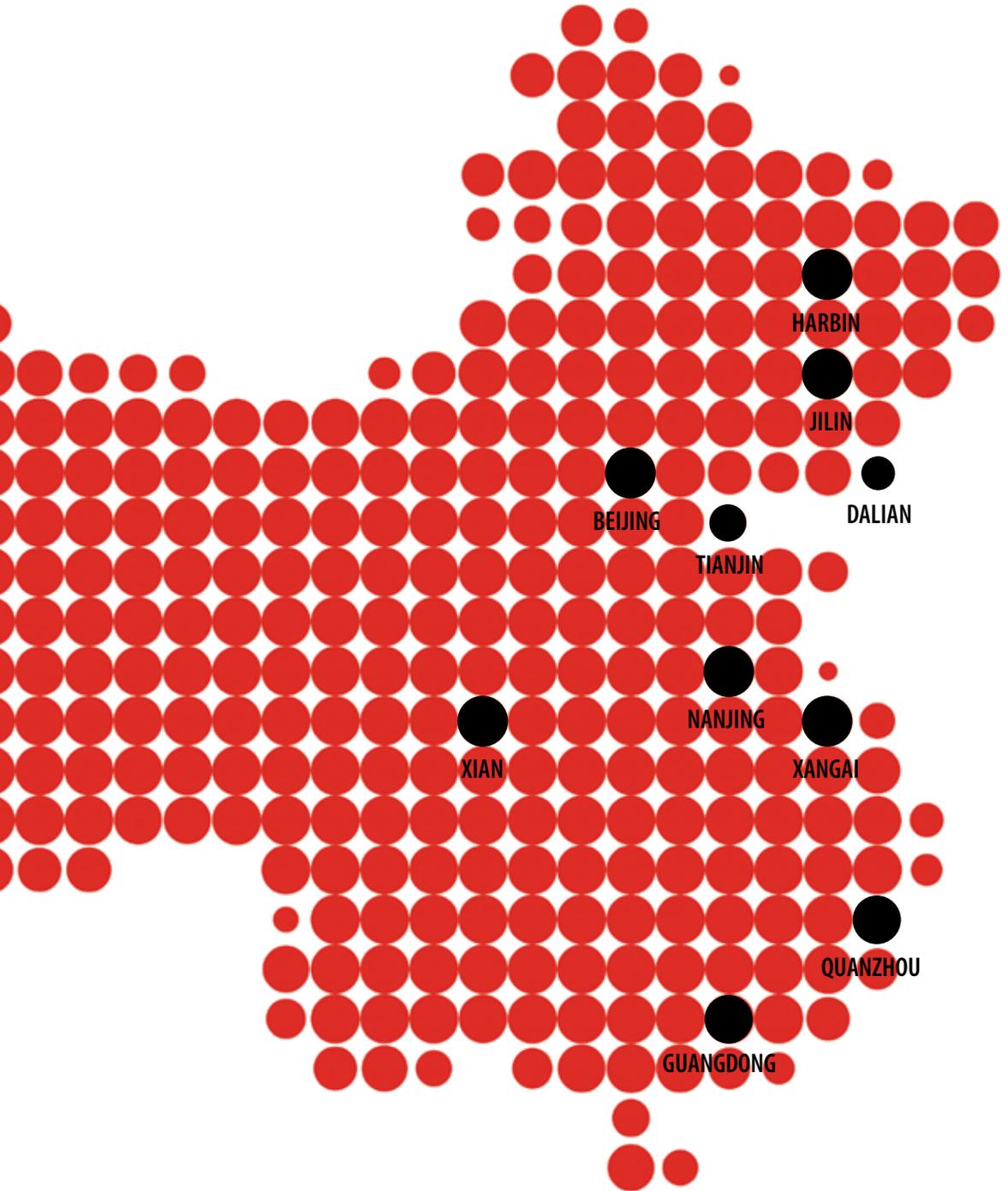
## ONDE SE APRENDE PORTUGUÊS NA CHINA

(Instituição; Ano de abertura do curso superior de Língua Portuguesa)

Universidade de Comunicação da China em Pequim; 1960  
Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim; 1961  
Universidade de Estudos Internacionais de Xangai; 1977  
Universidade Huaqiao de Quanzhou; 2002  
Universidade de Estudos Internacionais de Pequim; 2005  
Universidade de Comunicação da China em Nanjing; 2005  
Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin; 2005  
Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an; 2006  
Universidade de Pequim; 2007  
Universidade de Línguas Estrangeiras em Dalian; 2008

Universidade Normal de Harbin; 2008  
Instituto de Línguas Estrangeiras Huaqiao em Jilin; 2008  
Universidade de Estudos Estrangeiros em Guangdong; 2009  
Universidade de Negócios e  
Comércio Internacional em Pequim; 2009

\* Todos os cursos correspondem a licenciaturas.  
Não foram incluídos centros de estudos ou escolas privadas. Os dados foram fornecidos pelo Centro Cultural da Embaixada de Portugal em Pequim.



# UM CURSO QUE TINHA DEZ ALUNOS EM 1986

Quando Raul Pissarra chegou em 1986 para ensinar português em Pequim, a ideia poderia parecer estranha a muitos. O professor, na altura com 35 anos, sabia que estava a ir em direcção a uma nova experiência.

Na altura, o curso superior de Língua Portuguesa já existia na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim e tinha uma duração de quatro anos. Através de um protocolo com o Instituto Camões, a Universidade recebia, desde os anos 80, Leitores de português. Raul Pissarra chegou para ser Leitor num lugar que em tempos tinha sido ocupado pela escritora Maria Ondina Braga.

“Cheguei e vim ensinar uma turma de um segundo ano” contou o professor à Revista Macau. A turma tinha dez alunos a frequentar o curso superior. Além deste existia um curso rápido para aprendizagem da língua que conseguia cativar mais pessoas. Como Raul Pissarra recorda “o inglês era a língua mais procurada nas licenciaturas”. Naquele tempo, entrava uma turma nova cada dois anos para o Português. Um cenário que hoje se alterou radicalmente.

Cada ano a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim admite uma turma nova com uma média de 24 alunos. Do primeiro ao quarto ano, a Universidade ensina todos os anos a cerca de cem alunos língua e cultura portuguesa. O Professor Ye Zhiliang é hoje professor do Departamento de Português na Universidade de Estudos Estrangeiros. Há vinte e quatro anos atrás foi aluno do Professor Pissarra quando o português ainda não era uma língua tão procurada.

### UM FUTURO A MÉDIO PRAZO

“Hoje o que motiva os estudantes é saberem que há muitas saídas profissionais com este curso” diz Raul Pissarra. A empregabilidade dos licenciados em Língua Portuguesa tem taxas de cem por cento e ofertas de trabalhos com bons salários.

Longe vão os tempos em que era preciso criar facilidades para os alunos como forma de cati-

var mais gente a aprender português.

Macau e os países da CPLP são a principal razão para este sucesso. Raul Pissarra considera que num futuro próximo o português deve continuar a ser muito procurado devido às “excepcionais relações que a China tem vindo a desenvolver com o Brasil e Angola.”

A média de entrada no curso subiu e quem estuda, sabe que tem uma grande hipótese de acabar a trabalhar em África. As empresas chinesas com negócios em países da CPLP procuram muitos recém-licenciados para trabalharem como tradutores. Mas não são apenas os países africanos de língua oficial portuguesa que aparecem na lista como os destinos mais prováveis e o Brasil é outra das apostas muito fortes da China. Tanto as empresas públicas como privadas fazem a ronda pelas universidades onde se lecciona o português de cada vez que termina um ano lectivo. Os negócios, a diplomacia e também a comunicação social, são futuros que sorriem aos novos jovens chineses que se dedicam durante horas intermináveis à conjugação dos tempos verbais simples e compostos. É possível que o próprio mercado se esgote, uma vez que há cada vez mais gente a aprender português. No entanto, este não é um cenário previsível a curto prazo.

### DIVULGAR PORTUGAL

A curiosidade de conhecer Portugal em Pequim tem levado muitos estudantes a participarem em actividades organizadas esporadicamente pelo centro cultural da Embaixada de Portugal.

Através das bibliotecas dos Leitorados nas Universidades os alunos têm a primeira oportunidade de conhecer alguns nomes da literatura portuguesa. Mas o desafio de ler um livro inteiro em português é algo que só depois do segundo ano começa a parecer possível aos alunos.

Para Raul Pissarra que ensinou durante oito anos em Pequim, o contacto com os alunos é um “trabalho gratificante”. A juntar os anos que lecciona em Macau, o professor Pissarra tem vinte e quatro anos de experiência no ensino de português como língua estrangeira.

O próprio tamanho de Portugal e a falta de meios económicos leva a que os estudantes que seguem para estudar um ano no estrangeiro em programas de intercâmbio com universidades no Brasil ou em Portugal, o façam sempre através de bolsas de estudo dadas pelo governo chinês através do seu ministério da Educação.

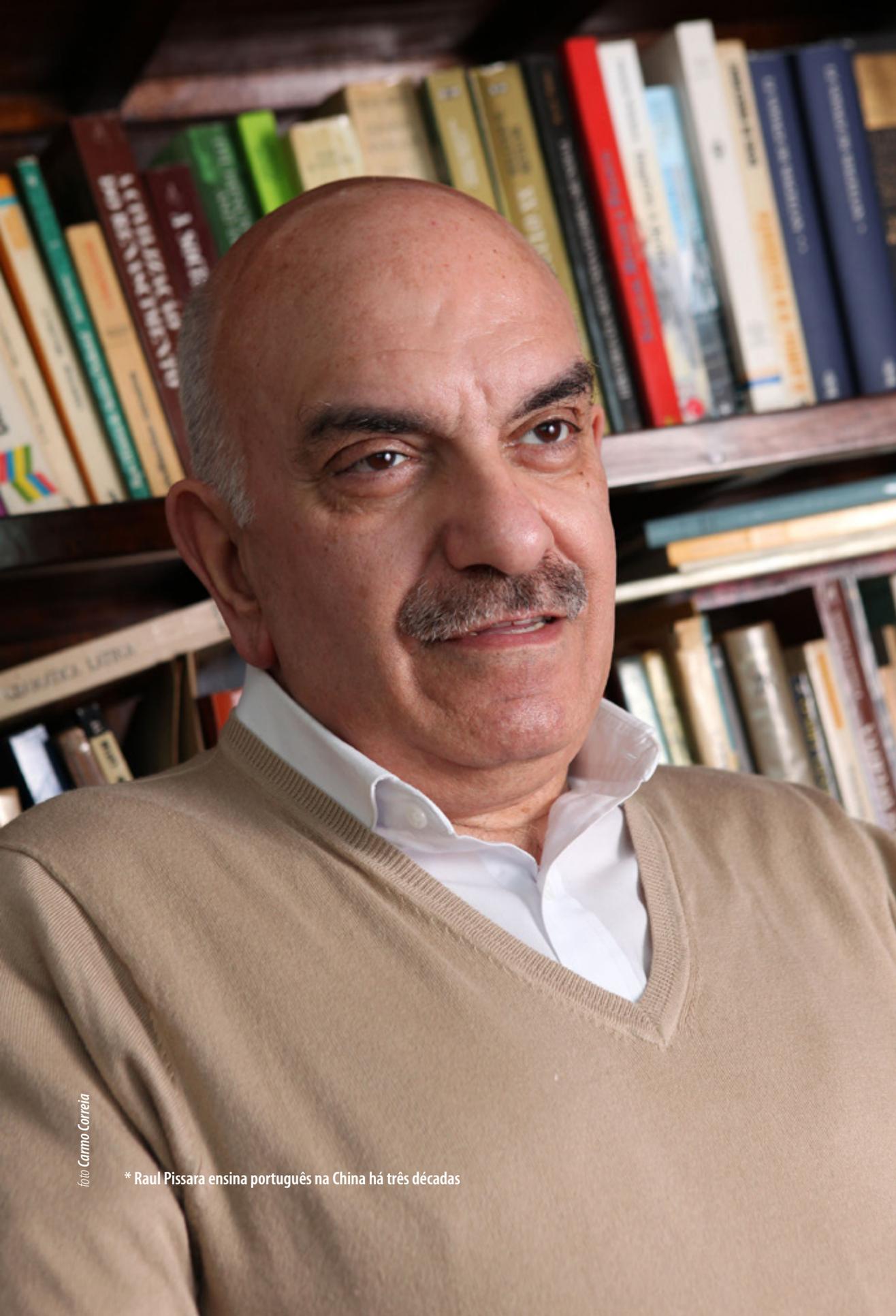


foto Carmo Correia

\* Raul Pissara ensina português na China há três décadas

# CRI, UMA RÁDIO CHINESA EM PORTUGUÊS

Com programas de 30 minutos a China Radio International (CRI), abriu o departamento de português quando corria o ano de 1960. Era a primeira vez que se transmitia em língua portuguesa a partir da China e para um público localizado em países como Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Cinco anos depois, em Abril de 1965, a pro-

gramação passou a uma hora diária. Nos dias que correm, a CRI tem acordos com rádios no Brasil, como a Super Rádio FM e a Rádio Guaíba, que transmitem noticiários sobre a China gravados em Pequim e em português. Das 19h00 à 1h00 do dia seguinte, transmite para os países lusófonos todos os dias, cobrindo assuntos que vão da actualidade, à cultura e ao desporto.

À semelhança da agência noticiosa Xinhua (também conhecida em português como “Nova China”), que aposta num serviço em português, a CRI transmite notícias sobretudo para um público estrangeiro. No total, a China Radio International emite programas em 53 línguas diferentes.

Desde que em 2002 o número de licenciados em Língua Portuguesa começou a aumentar, os dois meios de comunicação, a CRI e a Xinhua em português, tornaram-se destinos comuns para os jovens à procura do primeiro emprego.



O trabalho como tradutor numa redacção ou mesmo jornalista entre uma equipa de repórteres estrangeiros está na lista das melhores oportunidades de empregos depois da licenciatura. As equipas de jornalistas estrangeiros na Xinhua e na CRI são formadas principalmente por brasileiros que escolhem a China como país para trabalhar. A estes juntam-se os jovens chineses que têm nos meios de comunicação em português o seu primeiro trabalho.

Em 2010, comemorou-se o 50.º aniversário do departamento de português da CRI e todos os embaixadores de países lusófonos com representação em Pequim foram convidados a deixar uma mensagem de felicitações à rádio. Exemplos do serviço público que a China quer prestar, os meios de comunicação em português evidenciam a importância das relações com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de uma amizade que começou há já meio século.



## AS PRIMEIRAS OPORTUNIDADES

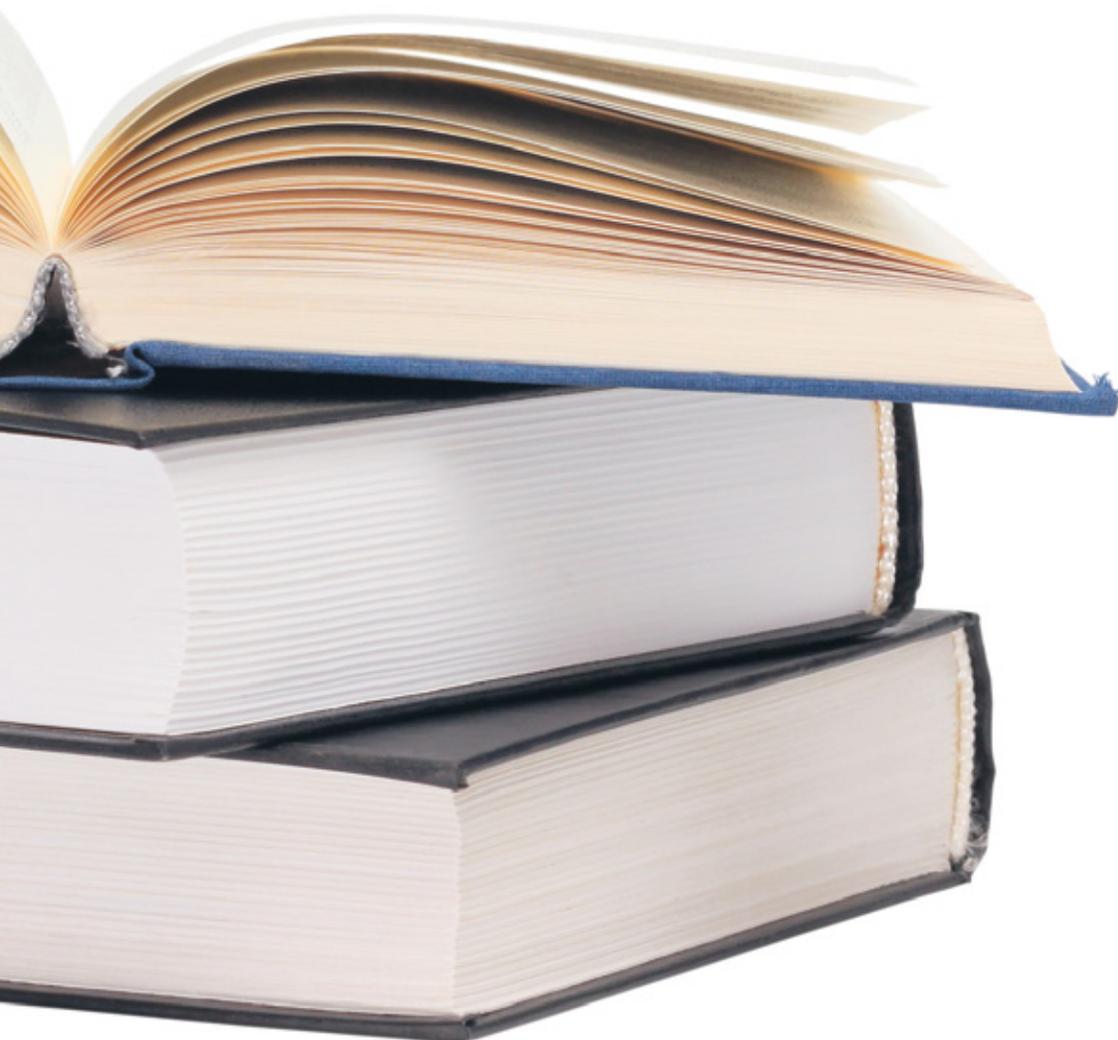
**S**e há cerca de cinco anos era muito fácil encontrar um primeiro emprego para jovens chineses a falar português, com a maior oferta no mercado há cada vez mais alunos do último ano do curso a mostrarem-se preocupados com as possibilidades de escolha. Gigantes como a empresa SINOPEC, a Huawei e a ZTE, todas com grande presença no continente africano e no Brasil, têm recebido recém-licenciados em português. Mas também as instituições bancárias, como o Banco de Desenvolvimento da China, são hipóteses para quem estuda a língua. A agência de notícias oficial Xinhua e a China Radio International (CRI) já não conseguem receber tantos estudantes como há cinco anos. Embora a taxa de empregabilidade continue nos 100%, a preocupação de arranjar um bom trabalho sem ter de sair do país preocupa alguns estudantes. Os salários são muitas vezes atractivos para quem embarca numa aventura até África. A diplomacia é também uma opção para quem estuda português. Porém, a entrada no mundo diplomático está reservado muitas vezes apenas aos melhores alunos. Por último, existe a opção da carreira académica mas que ainda não cativa muitos. Por enquanto há apenas duas universidades com curso de mestrado em Língua Portuguesa.

# AS CARAS POR DETRÁS DOS LIVROS



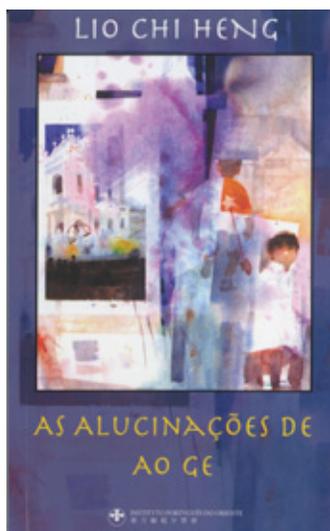
Vivem em Macau, escrevem sobre o território, mas são poucos os que aqui nasceram. A conversa com quem escreve em Macau é um permanente vaivém ao passado, com passagens pelo continente chinês, Portugal ou Austrália. É uma volta ao mundo. Em palavras

**Texto: Catarina Domingues | Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro**



CRIATIVIDADE





## LIO CHI HENG

**Naturalidade:** Camboja

**Profissão:** Subdirectora editorial do jornal Ou Mun  
**Língua em que escreve:** Mandarim

**Obras publicadas:** *Sobre a literatura feminina moderna de Macau* (1994), *A literatura de Macau nos meus olhos* (1999), *As alucinações de Ao Ge*, versão em português (2010)

**N**a primária eram as composições que mais apeteciam a Lio Chi Heng, e na escola a professora gabava-lhe o jeito. Lio ainda não sabia o que era inspiração, mas trabalhava com afinco nos textos que levava para escrever em casa.

O secundário ficou para trás. Lio Chi Heng deixou Hunan, tal como se despediu anos antes da terra natal, o Camboja, e do Laos, onde completou o primeiro ciclo do ensino básico. Partiu novamente, desta vez para estudar Literatura Chinesa em Cantão. “Nessa altura escrevia sobre o que se passava à minha volta.”

Em 1989 os textos tomaram outra forma quando, “inspirada pelos acontecimentos de quatro de Junho em Tiananmen”, despertou todos os sentidos para as rupturas sociais também em Macau.

*Ao Ge apressou-se a retirar o quadro da parede e a observar minuciosamente os traços do antepassado: o seu avô, europeu, e ele, asiático, tinham exactamente o mesmo nariz! Alto, recto! Com as mãos a tremer, abriu a gaveta à procura de fotografias do seu pai e, ao comparar meticulosamente os três narizes, concluiu que os três eram exactamente iguais – altos e rectos! Bastava-lhe, honestamente, comparar aqueles três narizes com os dos seus irmãos para constatar que o seu era mais europeu que os de todos os outros!*

Surge assim o primeiro conto, *Macau Story - Destiny*, baseado nos acontecimentos de 1990, quando milhares de imigrantes ilegais do Interior do País marcharam até à sede do Governo para reivindicar o direito à residência. Foi uma longa noite para a administração de Carlos Melancia. “Fiquei impressionada com o movimento.” Mas foi pouco antes da transferência que escreveu o conto que a notabilizou. *As Alucinações de Ao Ge* marcaram uma carreira e uma época. Nessa altura, “por não saber se conseguiriam adaptar-se à transferência, muitos macaenses viviam num dilema: ficar ou não ficar em Macau”. Lio partiu do zero. Não conhecia ninguém na comunidade. Misturou-se, observou, escutou e escreveu. “A crise de identidade macaense não é criação minha. Antigamente muitos macaenses raramente mencionavam os membros da família chinesa.”

Esta é a história de um jovem macaense que procura o seu verdadeiro eu. “Eram sentimentos muito íntimos, que todos conheciam mas que ninguém se atrevia a escrever sobre eles.” Em 2003, o conto foi traduzido para francês e sete anos depois para português. Recentemente foi adaptado ao cinema pelo realizador chinês Zhang Chi.

CRIATIVIDADE





We lost all of our faces  
 Tradução de Agnes Vong e Christopher (Kit) Kelen

*We lost all of our faces but we fought back to  
 retrieve our eyes, ears, mouths and noses.*

*in our dreams  
 we lost all our faces  
 it just took one night  
 the world couldn't see our truth  
 ours are the hundreds, thousands, millions  
 or is it billions of faces?*

*whipping the iron stone  
 avoiding tears  
 receiving flesh and blood  
 looking for the lost eyes, ears, mouths and noses  
 in order to save the dignity of a face  
 we wrecked the old face  
 we made a new one  
 sure we can do it  
 we can definitely do it.*

## CHEANG MIO SAN

**Naturalidade:** Macau

**Profissão:** Dona-de-casa

**Língua em que escreve:** Mandarim

**Obras publicadas:** *Ilha andante* (1990), *Jogo Colectivo* (2005) e *Morte Colectiva* (2005)

São palavras (entre parêntesis) que aparecem no final dos versos. Um registo introduzido por Cheang Mio San. “Ninguém fazia isso em Macau. Chama-se texto oculto e expressa o que penso de mais íntimo.”

Cheang Mio San é conhecida entre os poetas por Yi Ling (alguém com bom espírito). O nome pode ter várias razões de ser. É para todos os efeitos um manto que cobre, ainda que tenuemente, uma identidade. “Macau é pequeno e as pessoas sabem que sou a mulher do deputado Au Kam San.”

Cheang Mio San (Yi Ling daqui para a frente) nasceu em 1964. Publicou o primeiro poema com 18 anos, “A passagem dos ventos do Oeste soava aos ouvidos como o filme *E tudo o vento levou*”.

Ainda a estudar no Colégio Santa Rosa de Lima, foi influenciada pelo professor Cheng Wai-Ming. O corte com os valores tradicio-

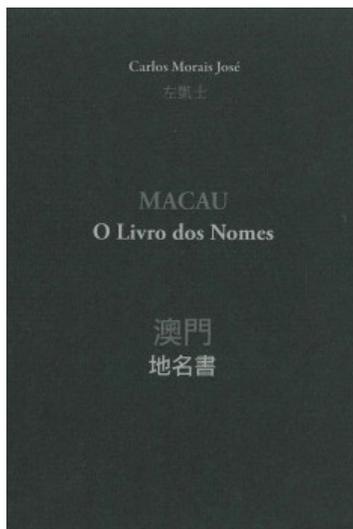
nais da poesia foi imediato. Já na Universidade de Macau os seguidores de uma nova geração pós-modernista multiplicaram-se. “Os jovens quiseram seguir o estilo de Chang, mas houve professores que sentiram que estávamos a roubar os alunos.” Os dois fundaram a Associação de Língua Chinesa, organizaram seminários, frequentaram debates e privaram com professores e poetas que chegavam de fora. “Queríamos muito fazer algo por Macau.”

Não foi fácil. A tónica social perturbava já desde os tempos da Administração portuguesa. Poucos poemas foram traduzidos por esta altura. “Talvez para não afectar as relações entre Portugal e a China.” Mas os jornais chineses recebiam sem reservas os escritos de Yi Ling. A poesia passou por revistas, antologias, foram publicadas três obras poéticas (pagas pela autora) e que chegaram às livrarias de Taiwan e Singapura antes de Macau.

Sendo das poucas poetisas da sua geração que continua activa, luta diariamente para recuperar esses loucos anos 80. Na gaveta estão mais de cem poemas prontos a imprimir. “Hoje não se escreve explicitamente sobre os problemas sociais. Tornei-me quase numa escritora clandestina.”

CRIATIVIDADE





## Hotel Cantão

*Partilhámos por dois dias o desencanto e um quarto. Depois voltaste à janela. Não me lembro mais de ti, nem dos murmúrios que se elevavam deste e do outro lado do tabique. Sabes quantas colinas daqui avisto? Ou quantos mares atravesso? Tudo sem ti. Este ainda é o melhor hotel do mundo.*

## CARLOS MORAIS JOSÉ

**Naturalidade:** Lisboa, Portugal

**Profissão:** Director do jornal Hoje Macau

**Língua em que escreve:** Português

**Obras publicadas:** *Porto Interior* (1992), *A Coluna da Saudade* (1993), *A morte são quatro 4 noites* (1996), *Caze – um caso de ópio* (1998), *Complexo de Édito* (2003), *O Livro dos Nomes* (2010)

“Os Fidalgos da Casa Mourisca foi o primeiro livro ‘sério’ que li”. Carlos tinha 12 anos. Na memória ficaram as imagens: o Alto Minho, o velho solar da família Negrão, talvez até a delicadeza da prima Gabriela. “Conseguia ver aquelas pessoas. Conhecia aquela mentalidade quando ia à província.”

A leitura tomou conta das horas. Depois de Júlio Dinis veio Eça de Queiroz. Com o 25 de Abril, acumulou obras de Marx, Engels ou Mao Zedong. E já na faculdade, tropeçou na filosofia francesa dos anos 70, “que me fez sair do modelo estalinista”. Paralelamente escrevia.

O primeiro poema que escreveu começava assim: “Minha rua, meu mundo, lugar onde nasci”. Terminava com uma frase, que o professor gostou particularmente: ‘E o guarda nocturno bocejava’”.

Os professores ficaram para sempre - José Manuel Mendes, Vergílio Ferreira ou Eduarda Dionísio. Talvez por eles tenha desistido da química. A transformação da matéria prendia-o às ciências, mas queria entender melhor o homem. Foi estudar Antropologia, “talvez a disciplina com uma compreensão mais abrangente do homem”.

Foram anos importantes. A escrita ganhou outra ginástica, primeiro nos exames, depois com o jornalismo. Em Portugal trabalhou em *O Século* e *O Independente*.

Macau surgiu aos 26 anos, com passagem por vários jornais e revistas. “Como português, tinha a obrigação de deixar um testemunho”. Nasce assim o *Porto Interior*, uma compilação de textos publicados no jornal *Tribuna de Macau* “sobre política, costumes e mal costumes”. Seguiram-se mais seis livros, com uma passagem pela banda desenhada e a publicação de poemas soltos. “A poesia é muito delicada, é preciso consideração por ela.”

Mas foi nas teias da prosa poética que acabou por ser apanhado. A inspiração vem da saudade, vem da partida, vem da dor. “Existe um lado mágico na escrita que tem a ver com a resolução de problemas.” A inspiração vem do amor.

CRIATIVIDADE



絕句

○ 姚風

in brief  
Yao Feng



## YAO JING MING

**Naturalidade:** Pequim, RPC

**Profissão:** Tradutor e professor de tradução de Português-Chinês na Universidade de Macau

**Língua em que escreve:** Português e mandarim

**Obras publicadas:** *Nas Asas do Vento Cego* (1991), *Confluência*, com Jorge Arrimar (1997), *Viagem por Momentos* (1999), *A Noite Deita-se Comigo* (2001), *Canção para Longe* (2006), *Quando os Peixes Fecham os Olhos* (2008), *Antologia de Poemas de Yao Feng* (2008) e *in brief* (2010)

**A**ntes do silêncio, a solidão. Ou ao contrário, não interessa. Um e outro serviram de alimento à alma de poeta. “A solidão, claro, não nos larga.” Yao Jing Ming nasceu e cresceu em Pequim. Vivia-se em plena Revolução Cultural quando Yao foi aprender espanhol por imposição do regime. “Talvez porque a China quisesse apoiar a causa de libertação dos países do terceiro mundo.”

Mas o espanhol de pouco serviu. “Fomos aprender, ou melhor, trabalhar com os camponeses numa comuna popular nos subúrbios de Pequim.” Por essa altura já reconhecia a virtude das letras. Não era propriamente de línguas que gostava. “Mas sim de palavras.” E por isso,

*Ao cabo  
pusemos o silêncio no centro,  
como se põe a mesa,  
para a qual nada foi servido.*

*O banquete já tinha acabado  
E, nunca mais, sentados à mesa  
deixaremos florir a língua.*

*Silêncio.  
Apenas o canto eventual  
o desperta.  
O que murmuram os pássaros  
nos ramos do sonho?  
Não sonhamos de novo,  
nesta noite menos nossa.  
Ainda o silêncio. O vento sopra  
a abundância do teu cabelo  
o grito, o uivo.*

sempre que podia, lia. As bibliotecas de pouco valiam, vivia-se um período pobre, não só a nível intelectual como material. “As obras de Shakespeare eram consideradas ervas venenosas da burguesia.”

Em 1977, finda a Revolução Cultural, a China organizou pela primeira vez, em 12 anos, exames de acesso à universidade. Yao foi estudar Português para o então Instituto de Línguas Estrangeiras em Pequim.

Abria-se assim um novo mundo. Um admirável mundo novo, que ganha outra dimensão quando Yao Jing Ming vai para Portugal trabalhar como terceiro secretário na Embaixada da China. “Não sabíamos nada sobre o mundo lá fora. O impacto foi grande.”

Em Lisboa, conheceu Eugénio de Andrade, de quem já era tradutor. Ao longo dos tempos passou para o chinês outros autores, como Fernando Pessoa, Miguel Torga ou Sá Carneiro. “Aquele que traduz poesia também é poeta.”

*Asas do Vento Cego*, o seu primeiro livro, nasceu em Lisboa. A inspiração estava lá, em Portugal e em português, sempre e inequivocamente lado a lado com a solidão. Yao Jing Ming tem publicadas seis obras, todas sob o pseudónimo de Yao Feng. Feng de brisa. A obra mais recente chama-se *in brief*, uma colectânea de poemas acompanhados de fotografias do autor. “Esta foi em Macau há sensivelmente dois anos. Esta na China. Aqui é Florença.”

## CRIATIVIDADE

*a candle  
then a bird for light*

*kettle up against my sun*

*the bright soaks us  
from other days  
as if the night were cracked  
mere habit of haunting eyes*

*so  
thoughtless clouds stick unintending  
boats crossing too in their first clothes  
pale water holding up the dawn*

*a bridge  
the Bank of China  
casts a glittering stripe  
to bend the silver of my river  
to take the wheel's long bow*





## CHRISTOPHER (KIT) KELEN

**Naturalidade:** Sidney, Austrália

**Profissão:** Professor de Literatura e Escrita Criativa na Universidade de Macau

**Língua em que escreve:** Inglês

**Obras publicadas:** *Punks Travels* (1980), *The Naming of the Harbour and the Trees* (1992), *Green Lizard Manifesto* (1997), *Möbius* (1998), *Republics* (2000), *New Territories* (2003), *Wyoming Suite* (2004), *Eight Days in Lhasa* (2006), *A Wager With the Gods* (2006), *Dredging the Delta* (2007), *Kit Kelen's Macau* (2007), *After Meng Jiao* (2008), *As From The Living Page* (2008), *God Preserve Me From Those Who Want What's Best For Me* (2009), *To the single man's hut* (2010), *The Whole Forest Dancing* (2010), *In Conversation With The River* (2010), *Throwing Words Together* (2011)

**S**e a vida de Christopher Kelen fosse um poema, podia ser um soneto. Mesmo antes de saber escrever, já as palavras tinham uma medida definida na sua vida. “Cresci num ambiente onde era natural escrever, onde todos tinham uma palavra a dizer sobre o mundo.”

O pai, Stephen Kelen, nasceu na Hungria. Foi campeão do mundo de ténis de mesa em pares mistos, serviu as Forças de Ocupação Britânica

no Japão, mas foi à escrita que dedicou grande parte da carreira na Austrália.

Kit e o irmão mais velho, Stephen K. Kelen, seguiram as pisadas do pai. “A poesia era a forma mais natural de expressão.” Kit inspirava-se “no mundo e nos livros dos outros”. Os livros dos outros traziam sonetos, Dante, Dickens, Shakespeare ou Cervantes. E não só, Kit apaixonou-se por aqueles que na primeira metade do século XX marcaram a história da poesia, William Butler Yeats ou Dylan Thomas.

Das primeiras linhas que escreveu não tem memória. “Interessava-me por política, pelas paisagens, pelos retratos das pessoas.” Foi no final dos anos 70 que começou a escrever e a publicar. Estreou-se com *Punk Travels*, um romance em 1980. *The Naming of the Harbour and the Trees* é o primeiro dos 13 volumes de poesia que lançou e valeu-lhe o prémio Anne Elder, umas das várias distinções atribuídas ao longo da carreira. Uma carreira que tem ultrapassado a fronteira poética. Já assinou romances, livros infantis, obras teóricas e está envolvido em projectos de tradução.

Macau, onde trabalha desde 2000 como professor de Literatura e de Escrita Criativa, tornou-se na inspiração para muitos destes trabalhos. “Apanhava o autocarro e tentava perder-me.” Por estas ruas Kit Kelen reencontrou-se numa nova forma de poesia, a pintura. São pinceladas a guache, “desenhos, rabiscos”, que acompanham os poemas. Se acrescentam alguma coisa não é o mais importante. “Há uma razão para tudo e não temos de estar conscientes disso.”

Se a passagem de Kit Kelen por Macau fosse um poema, provavelmente seria uma Odisseia. A “Odisseia de Homero”. “Macau é como Lotófagos, a ilha onde os nativos se alimentam de flor de Lótus. A comida é tão boa que é difícil partir.”

CRIATIVIDADE

Ah Ann's 5 Destinies

Ah Xun's 5 Destinies



*The woman took the silver trumpet brooch from her pocket. She kissed it and pinned it on her white collar. She gazed at the rosy clouds a moment. The women took off her high-heeled shoes. The stone was still warm from the long sunny afternoon. Little waves beat at the pier.*

## HILDA TAM

**Naturalidade:** Macau

**Profissão:** Tradutora e Professora de Inglês na Universidade de Macau

**Língua em que escreve:** Inglês e Mandarim

**Obras publicadas:** *Ah Xun's 5 Destinies* (2006), *The Green Here Was Pink* (2009)

Macau, anos 50. Ah Xun, uma jovem vendedora de bilhetes de autocarro, apaixona-se por um abastado comerciante de arroz. Por pressão da madrasta, Ah Xun renuncia à vida simples que até aí levara. O futuro ao lado de Yiu Jo parece um sonho.

Mas Hilda Tam, autora da obra *Ah Xun's 5 Destinies*, tinha outros planos para a protagonista. “Não acredito que tenhamos o destino traçado.” Ora o destino de Hilda parecia definido desde os tempos do Colégio Canossiano Sagrado Coração. “Passava para o papel tudo o que me vinha à cabeça.” A escrita não era um ímpeto inspirado pelos problemas de adolescente. As missivas e bilhetinhos que trocava com os colegas carregavam lágrimas, é certo, mas também gargalhadas. “Sabe como são as crianças.” Nas horas vagas, agarrava-se aos livros e durante as aulas a precisão das palavras chamava a atenção da professora. Sem arriscar, foi-se ficando por aí,

pelos bilhetinhos e composições.

Com 19 anos, as palavras perderam a timidez, quando Hilda decidiu enviar um poema para o jornal *Ou Mun*. “Fiquei surpreendida porque foi publicado. Nunca mais parei de escrever.”

Os estudos superiores foram realizados na Universidade de Macau. Enquanto estudou inglês, frequentou aulas de Escrita Criativa. “Os pensamentos estão cá dentro, mas de que forma podemos passar tudo isso para o papel?” *Ah Xun's 5 Destinies* é o primeiro e único romance de Hilda Tam. A poesia “consome menos tempo, é a forma mais concisa de expressão.”

Com 28 anos, a escritora conta com uma obra de poesia e vários poemas publicados em revistas literárias, como a *Jacket*, a *Poesia Sino-Occidental* ou o jornal *The Drunken Boat*.

Macau ainda inspira. “Às vezes penso que não, mas quando leio os meus trabalhos apercebo-me que toda a minha vida está lá.”

# CIDADE DOS POETAS

Durante o dia são professores, jornalistas, tradutores, artistas, estudantes ou mesmo funcionários de uma repartição pública. É no desfecho de um dia de trabalho, ao pender da noite, que se tornam escritores.

Carlos Morais José, escritor e jornalista fala de angústia. “As mudanças são tão rápidas que as pessoas sentem-se perdidas. Talvez encontrem na escrita uma maneira de exorcizar fantasmas.” A escrita como forma de catarse, ou não, a verdade é que Macau aproxima as pessoas do papel. “É uma terra de escritores”, diz Morais José. “De poetas”, prefere o escritor Kit Kelen. “Para uma população de meio milhão é incrível a quantidade de poetas que aqui vivem, e bons.”

Inspirado pelo número, Kit Kelen publicou uma obra teórica sobre poesia, *A Cidade dos Poetas*. Mas a expressão não é de agora. Gong Gang, professor de Literatura Chinesa na Universidade de Macau, explica: “Por ser a corrente principal na cultura tradicional chinesa, talvez [a poesia] esteja tão bem conservada em Macau.” E a história não desmente. Nas idas décadas de 80 e 90, a publicação de poesia em Macau prosperou. Ao recuar ainda mais no tempo, Macau guarda na memória nomes incontornáveis, de escritores em geral e poetas em particular - o jesuíta chinês Wu Li, o britânico Austin Coates, e claro, em língua portuguesa, Camões, Bocage, Camilo Pessanha...

## “POETA LÊ POETA”

Todas as quartas-feiras chega às bancas o suplemento literário do jornal *Ou Mun*. A página, em formato *broadsheet*, é uma lufada de novas palavras no espaço informativo. O suplemento inclui poesia, contos e crítica literária. Movidos pelo sonho de sair do anonimato e, quem sabe, de assinar o rosto de um livro, muitos jovens enviam

os textos para a redacção do jornal. “Se o trabalho se distinguir, publicamos em formato de livro”, explica Lio Chi Heng, subdirectora editorial.

Desde que o *Ou Mun* se aventurou na edição, já foram publicadas cerca de 100 obras, uma média de dez livros por ano. Lou Mau, Agnes Lam, Vong Man Fai ou Ji In são alguns dos escritores que tiveram o privilégio de uma encadernação. Um privilégio, porque em Macau as hipóteses são limitadas. Em vez de editoras comerciais, a edição de livros é feita por jornais, associações ou mesmo pelo Governo. No caso do *Ou Mun* é um investimento sem retorno e que serve apenas para engrossar o arquivo literário. “Perdemos dinheiro em todos os livros”, lamenta Lio Chi Heng. A subdirectora admite: “Não existe mercado”.

Um factor agravado pela “política actual da China, que não permite que os livros sejam distribuídos no Interior do País, um mercado gigante”.

Por Macau, são os escritores que vão dando força uns aos outros. “Poeta lê poeta”, diz Yao Jing Ming. O também tradutor, que lançou a última obra em 2010, não prevê mudanças no panorama literário. A pequenez da cidade junta-se a falta de uma cultura do livro. “Aqui ninguém compra livros.” No que diz respeito aos autores, o poeta acredita que têm feito a sua parte. Agora falta ao leitor fazer a sua. “Folhear e ler. É o acto que dá vida ao livro.”

## NA LÍNGUA DE CAMÕES

Em Macau, Camões ter-se-á sentado nos penedos para escrever, Bocage dedicou duas odes à mulher macaense e Venceslau de Morais dissertou sobre os costumes locais. E assim poderíamos continuar numa lista infindável de nomes: Camilo Pessanha, Manuel da Silva Mendes e mais tarde Alberto Estima de Oliveira, Rodrigo Leal de Carvalho, Fernanda Dias ou Fernando Sales Lopes. (Numa próxima edição a revista *MACAU* desenvolverá a temática da literatura em língua portuguesa na *RAEM*)

Todos passaram por Macau. Uns obedeciam ao chamamento de um trabalho, outros estiveram de passagem. Houve também quem procurasse

Nas últimas décadas do século XX proliferou a publicação de obras em português, até que por alturas da transferência muitos portugueses regressaram a casa

em Macau um exílio emocional ou político. Independentemente das razões que os trouxeram até cá, encontraram um mundo, por um lado familiar, pela ligação a Portugal, por outro marcado por uma cultura milenar, a chinesa. Um mundo diferente e, por isso, propício à escrita. A comunidade macaense também contribuiu para a literatura portuguesa, com destaque para Luiz Gonzaga Gomes, Deolinda da Conceição e Henrique de Senna Fernandes, todos já falecidos. Nas últimas décadas do século XX proliferou a publicação de obras em português, até que por alturas da transferência muitos portugueses regressaram a casa. E entre eles muitos escritores. Hoje, mesmo com um número reduzido de portugueses em Macau, continua a publicar-se na língua de Camões. Está a surgir uma nova geração de escritores, como o fotógrafo António Mil-Homens e a jornalista Luciana Leitão.

## INGLÊS EM EXPANSÃO

A ideia de publicar em inglês começou a ganhar expressão há pouco menos de uma década. “Há dez anos, as pessoas ficariam surpreendidas se soubessem que hoje se publica tanto em inglês”,

diz Kit Kelen, um dos responsáveis pela Associação de Estórias de Macau (ASM, na sigla inglesa). Foi exactamente há seis anos que um grupo de escritores locais criou a ASM. O departamento de inglês da Universidade de Macau foi o berço deste projecto e fez-se casa de inúmeros jovens, apaixonados pelo prazer fortuito das letras. Desde 2005, a ASM já imprimiu, com o apoio da Fundação Macau, do Instituto Cultural e de pequenos parceiros, cerca de 50 livros. Entre contos, romances, composições poéticas, traduções e obras teóricas, destaca-se o lançamento da primeira antologia de poesia contemporânea em inglês *I roll the dice*, publicada em 2008, e que reúne o trabalho de 120 autores. “Muitos escritores chineses ainda não se sentem confiantes na utilização de um outro idioma”, realça Hilda Tam, que participou no projecto como tradutora e poetisa. Enquanto o corpo de autores em língua inglesa vai procurando forma, a literatura chega tímida e lentamente às prateleiras das livrarias. Na impossibilidade de consentir intervalos no processo de produção, a Associação está consciente de que não pode parar e que a concorrência na publicação em inglês seria saudável.



### PARA O MUNDO

Tomemos um romance como exemplo. Se a obra for escrita em inglês, pode transpor fronteiras e alcançar um público vasto. Se o romance for traduzido para chinês e português, então existe a possibilidade de chegar a mais de 2000 milhões de pessoas. A Associação de Estórias de Macau tem procurado trabalhar neste sentido e, nos últimos anos, a publicação de obras bilingues e trilingues é cada vez mais comum. Desta forma “o mundo pode conhecer Macau, a literatura e cultura”, assume Kit Kelen, um dos responsáveis da ASM.

Também a Livros do Meio, uma jovem editora, está a apostar na tradução de obras chinesas para o português. Carlos Morais José, coordenador do projecto, acredita que, sendo uma lacuna na actividade editorial de Portugal e do Brasil, pode ser aliviada por Macau. “É importante que o Ocidente tenha uma visão da China que não seja tão economicista”, explica. Antes uma visão de tolerância e justiça, que pode chegar ao mundo lusófono através da tradução e interpretação de clássicos chineses, como Confúcio ou o pensador Zhuang Zi.

Morais José realça que “o grande trabalho são as notas aos livros, nomes de pessoas ou de reinos, que não sabemos quem são”. Para isso recorre a tradutores de Pequim. Na prática da tradução literária, Macau tem ainda um longo caminho pela frente e a falta de profissionais estende-se ao chinês, português e inglês. “É necessário formar tradutores”, confirma Kit Kelen.

Com vários trabalhos em tradução, Kelen explica que a ASM criou um processo de tradução colectiva, em que a última fase é realizada por um falante nativo. Afinal de contas, como realça, “de uma obra de arte, faz-se outra obra de arte”.

## AS ESCOLHAS DOS LEITORES

### TOP DE VENDAS 2010

#### LIVRARIA PORTUGUESA

1. Mensagem, de Fernando Pessoa (edição bilingue português/ chinês)
2. Nam Van - Contos De Macau, de Henrique de Senna Fernandes
3. Antologia Poética, de Fernando Pessoa (edição bilingue português/ chinês)

#### LIVRARIA PINTO

1. Macau Nohohon, de Misa Kawata
2. Big River, Big Sea - Untold Stories of 1949, de Lung Yingtai
3. Nota Feita à Mão que Colecciona Felicidade, de Sayaka Sugiura

#### LIVRARIA UMA

1. Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas, de Dale Carnegie
2. Mindhunter: Guide to Speed-Reading People, de Lung Chun Tin
3. Stop! Não faça mais erros do bem-estar, de Kitahara Toichi

#### LIVRARIA SENG KUONG

1. Mereça, de Sammi Cheng
2. Formas de Apostas no Jogo de Bacará, de Bruce Chen
3. Guia-Rei de Taipé, da Hong Kong: Economic Digest Publishing Ltd.



# ANGOLA - CHINA

## Parceiros em África



**CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA**  
Região Administrativa Especial de Macau  
República Popular da China

Edif. FIT (Financial & Information Technology), 7º Floor I & H, Av. Comercial  
Telefone: 00 853 28716229 - Fax: 28716230 - Website: [www.consgeralangola.org.mo](http://www.consgeralangola.org.mo)

# CELEBRAR UM IDIOMA

Portugal, Brasil, África, Galiza, Macau e outros pontos da Ásia: a língua portuguesa e os diferentes lugares que a acolhem fizeram do Colóquio da Lusofonia, que passou pela RAEM, um espaço de encontros. Académicos, escritores ou simples amantes da palavra falaram de quase tudo e também do patoá

Texto: Hélder Beja | Fotos: Gonçalo Lobo Pinheiro

O Colóquio da Lusofonia, que passou por Macau e pelo Instituto Politécnico na sua 15.ª edição, tem uma grande costela açoriana. Foi no arquipélago português que a ideia nasceu e é a literatura daquele lugar, que já conheceu nomes como Vitorino Nemésio, que se celebra mais que qualquer outra.

Na RAEM, de 11 a 15 de Abril, a tradição manteve-se. Apesar de o Acordo Ortográfico ter aparecido como tema dominante (ver entrevista com Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara nas próximas páginas), as letras açorianas não foram esquecidas pelas dezenas de académicos e outros convidados. O presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, Chrys Chrystello, aproveitou a ocasião para lembrar a sua passagem por Macau, onde viveu há mais de 30 anos, e para lançar o segundo volume do seu livro, *Crónica Açores*, e Vasco Pereira da Costa, poeta insular, trouxe consigo a súmula de versos *Fogo Oculito*.

Macau e as suas especificidades estiveram também em evidência. A começar pelos autores da terra e a terminar no *papiaçam* maquista, que a organização do Colóquio da Lusofonia quer ajudar a preservar. A ideia passa pela criação de uma cadeira de Estudos de Patoá em uma ou mais instituições de ensino, e pode ganhar força

através do protocolo assinado entre a associação que organiza os Colóquios e o Instituto Internacional de Macau.

Chris Chrystello, homem de raízes australianas, olha para a via académica como a única possível para salvar o *papiaçam* do desaparecimento total. Entende que é preciso dar “condições para, ou via Internet ou via presencial, criar os Estudos de Papiaçam di Macau” e preservar a língua. Os escritores da terra tiveram direito a vénia. Henrique de Senna Fernandes, Adé dos Santos e Graciete Batalha receberam novos olhares sobre a sua obra. E o mesmo se pode dizer de Camilo Pessanha. Senna Fernandes, falecido no ano passado, foi homenageado com um passeio pela cidade em que os participantes do Colóquio fizeram um ‘roteiro’ dos lugares que escreveu e frequentou.

Ao longo de quatro dias, o Colóquio esteve muito tempo fechado no Instituto Politécnico de Macau – com sessões que foram da presença portuguesa em algumas regiões da Ásia ao ensino do português na RAEM e à tradução – mas também saiu à rua. Houve uma sessão de poesia no Jardim de Camões, junto ao busto do ilustre poeta português que passou por Macau; e ainda o lançamento de várias obras na Livrara Portuguesa.

A 16.ª edição do Colóquio da Lusofonia já tem data e local: acontece de 30 de Setembro próximo a 5 de Outubro, em Santa Maria, nos Açores. Em 2012, o certame volta a Macau.



## ACORDO A CAMINHO

O novo Acordo Ortográfico deve estar completamente em vigor no Instituto Português do Oriente (IPOR) até ao final do ano lectivo que arranca em breve. “Temos programadas acções de formação interna para funcionários do IPOR e *workshops* para os professores. Publicámos já o manual para o módulo I de ensino de Português Língua Estrangeira com o novo Acordo Ortográfico e está em fase de conclusão o manual para o módulo II”, refere a direcção do IPOR em resposta às perguntas da revista MACAU.

Os responsáveis pelo IPOR, Rui Rocha e Ana Paula Dias, consideram que “muitas das angústias relacionadas com a aplicação do Acordo se relacionam com as generalizações apressadas (ou mal-intencionadas) que se têm verificado”. E por isso dizem ser “essencial” a formação adequada dos professores. “Ao falar com pessoas em conversas informais, ouvimos muitas vezes afirmações que não existiriam se o texto do Acordo tivesse sido efectivamente lido – e é o que aconselhamos nessas situações”, referem.

A direcção do IPOR olha para a história para justificar o que diz: “[O linguista] D’Silvas Filho relembra o que aconteceu em 1911 com o uso

das letras dobradas, do ph, do y. A resistência foi então também grande. No entanto, hoje em dia já não passaria pela cabeça de nenhum de nós escrever dessa forma”.

A lexicografia será “a área mais afectada” pela nova reforma, pelo que “aqui reveste-se de especial importância o rigor dos materiais que são editados para acompanhar o processo de implementação do Acordo, assim como os materiais de referência, como dicionários e prontuários”. Rui Rocha e Ana Paula Dias lembram que “quer a comunidade escolar, quer os utentes da língua em geral necessitam de instrumentos fidedignos aos quais recorrer”.

O IPOR desdramatiza a questão da unificação da ortografia. “A língua não é igual para todos, mas é de todos. Que seja diferentemente utilizada pelos vários falantes que a partilham é não só normal como compreensível e desejável, dado o universo ontológico em que se movimentam ser também ele diferente. Que se simplifique, actualize e harmonize a ortografia dessa língua comum é tão-somente um acto que se repete com alguma, maior ou menor, periodicidade e que reflecte a sua natureza de organismo vivo, mutável e dinâmico.”

O IPOR revela ainda que está a estudar com a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ) “a viabilidade de um apoio específico no domínio do Acordo para o corrente ano”.



DOIS  
HOMENS  
DE  
ACORDO

A full-length photograph of an elderly man with grey hair, wearing a dark suit jacket, a light-colored shirt, a striped tie, and light-colored trousers. He is standing with his arms crossed, leaning against a large, grey stone wall. The ground is paved with cobblestones. The lighting is even, suggesting an outdoor or well-lit indoor setting.

Os professores Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara são dos principais responsáveis pela implementação do acordo ortográfico em Portugal e no Brasil, respectivamente. Passaram pela RAEM, para o Colóquio da Lusofonia, e a revista MACAU fez aos dois as mesmas perguntas. Os académicos mostram-se bem sintonizados no que toca à língua portuguesa. Até na palavra de que mais gostam.

### MALACA CASTELEIRO

#### **QUAL É A PRINCIPAL VANTAGEM DO ACORDO ORTOGRÁFICO?**

A maior vantagem é eliminar uma deriva ortográfica de 100 anos. Havia duas ortografias para a língua portuguesa e eliminar essa dualidade é realmente a principal vantagem.

#### **QUAL FOI A QUESTÃO MAIS DIFÍCIL DE RESOLVER DURANTE A FEITURA DO ACORDO?**

A dificuldade que mais encontramos foi a questão da acentuação, no caso das palavras esdrúxulas e palavras graves com ‘e’ e ‘o’ tónicos, seguidos de consoante nasal, com as quais as vogais não formam sílaba. Por exemplo, para as palavras esdrúxulas, ‘António’, ‘cómodo’, ‘género’; e para as palavras graves por exemplo ‘ónus’, ‘fémore’, ‘bónus’. Há diferença de timbre nos dois lados do Atlântico. Em Portugal e nos países e regiões recentemente mais ligados a Portugal, o timbre dessas vogais é aberto, e no caso do Brasil o timbre é fechado. Do nosso acento agudo, do lado do Brasil acento circunflexo. Este foi o problema que mais difícil se tornou, porque acabámos por chegar à conclusão que o menos oneroso era manter a dupla acentuação e a dupla grafia. Foi uma das decisões mais difíceis.

#### **A LÍNGUA PORTUGUESA FICA OU NÃO MAIS POBRE COM ESTE ACORDO ORTOGRÁFICO?**

Não fica mais pobre. Essa tem sido uma das críticas que se faz muitas vezes, que alterar a ortografia e suprimir as chamadas consoantes mudas é um atentado à cultura portuguesa. Não é possível, porque nós ao longo da história da língua eliminámos tantas consoantes mudas, a língua evoluiu tanto do latim para o português. Estudámos os textos medievais e estamos agora a elaborar o dicionário da língua portuguesa medieval. Há palavras que têm dez ou 15 formas diferentes de se escreverem, é uma confusão. Predomina a pronúncia na forma de escrever, com as variações todas que isso tem, nomeadamente na altura. Sei que as pessoas reagem porque nós, quando aprendemos uma palavra, aprendemos três coisas: o significado, a pronúncia e a ortografia, isto é, a grafia correcta da palavra. E a ortografia correcta fixa-se na nossa mente como uma



imagem gráfica. Quando escrevemos fazemo-lo intuitivamente. Um adulto está habituado a escrever ‘óptimo’ com ‘p’. Se tem de começar a escrever ‘óptimo’ sem ‘p’ isso exige uma certa readaptação, um certo esforço. Mas atentado à cultura, empobrecimento da língua, de modo algum. Continuaremos a usar a língua como até aqui. Uma interpretação errada que se faz é que vamos começar a falar como os brasileiros e que isto é uma imposição deles. Nada disso. E até era bom que nós se calhar fálássemos mais como os brasileiros, porque éramos melhor entendidos pelos espanhóis. Nós fechamos as vogais, comemo-las, e temos mais dificuldades em ser compreendidos por um brasileiro do que o contrário.

#### **DIGA UMA PALAVRA COM A QUAL TENHA TIDO DIFICULDADE NOS SEUS TEMPOS DE ALUNO, UMA PALAVRA EM QUE SE ENGANASSE COM FREQUÊNCIA.**

Uma palavra que me enganava era ‘meteorológico’. ‘Meteorológico’ ou ‘metreológico’. É claro que compreendia a origem da palavra, não há mais confusão, porque ‘meteorológico’ vem de ‘meteoro’.

#### **E UMA PALAVRA DE QUE GOSTE MUITO?**

É um pouco difícil... Mas é o problema da ‘saudade’, que até já teve trema no ‘u’ e desde 1945 que não tem trema. É uma palavra muito bonita, bem tipicamente portuguesa e característica da nossa língua.

EVANILDO BECHARA

### **QUAL É A PRINCIPAL VANTAGEM DO ACORDO ORTOGRÁFICO?**

A aplicação do espírito do acordo, de simplificação e unificação, é tão profunda que é difícil escolher de entre os factores importantes o mais importante. Não sei se o mais importante é o pedagógico, na medida em que você facilita o aprendizado da escrita às crianças; se é o factor cultural de a unidade facilitar o caminho das obras escritas em língua portuguesa em todas as direcções; se a importância é política para a coesão do grupo lusófono; se a importância é comercial, do ponto de vista da aproximação dos povos, de abrir novas portas de troca de interesses comerciais. É difícil escolher um. Eu, como professor, escolheria o lado didáctico-pedagógico que a simplificação ortográfica pode trazer.

### **QUAL FOI A QUESTÃO MAIS DIFÍCIL DE RESOLVER DURANTE A FEITURA DO ACORDO?**

Em relação ao grande público, foi a mudança de hábitos. A mudança é sempre muito mal vista pela pessoa que vai enfrentá-la. Nem todo mundo está de acordo com o horário de Inverno e o horário de Verão. Mas essa mudança existe e tem seus resultados positivos para a comunidade. A primeira dificuldade que a gente encontra é justamente essa. A segunda é a de pessoas abrirem mão da sua maneira de escrever e terem de adoptar um outro sistema, ainda mais na língua portuguesa, em que num espaço de dez em dez anos aparece sempre uma reforma ortográfica. Agora, a verdade é que, aplicada a reforma, o sucesso aparece. Ainda me lembro da primeira declaração de um velho jornalista do *Record* que disse que implantou a reforma sem dificuldade e que acha a reforma um passo de simplificação na vida dele. Ele confessava sentir certa saudade das consoantes que deixava de escrever, mas que a falta delas simplificava a maneira de escrever é um facto que ele reconhece.

### **A LÍNGUA PORTUGUESA FICA OU NÃO MAIS POBRE COM ESTE ACORDO ORTOGRÁFICO?**

Uma língua não está empobrecida pela sua ortografia. A língua geralmente se empobrece pela diminuição do nível de cultura. É o índice de



cultura que empobrece ou enriquece a língua. De modo que a reforma ortográfica não traz qualquer pobreza para a língua. A ortografia é como a vestimenta da língua: você não enriquece nem empobrece pelo facto de mudar de camisola, de mudar de vestimenta. A ortografia é um artefacto que compõe a língua em toda a sua plenitude.

### **DIGA UMA PALAVRA COM A QUAL TENHA TIDO DIFICULDADE NOS SEUS TEMPOS DE ALUNO, UMA PALAVRA EM QUE SE ENGANASSE COM FREQUÊNCIA.**

Não era bem uma palavra, era uma letra. É uma coisa curiosa, porque isso se repetiu em algumas gerações dos meus parentes. A grande dificuldade que eu tinha para aprender o abecedário era a letra ‘d’. Quando chegava à letra ‘d’... ‘Que letra é essa, menino?’ Aí já sabe... (risos). Curiosamente isso aconteceu com o filho do meu tio-avô, com o irmão da minha mãe e aconteceu comigo. E ainda não fiz um inquérito no resto da família (risos).

### **E UMA PALAVRA DE QUE GOSTE MUITO?**

Gosto muito da palavra ‘saudade’. Acho que ‘saudade’, pela sua sonoridade, alivia a dor que ela provoca. A forma sonora é como se fosse um contrapeso da dor da saudade pela ausência de uma pessoa amada.

# A “CASA DA MÃE”

É deste modo que o padre Lancelote Miguel Rodrigues se refere a Malaca sempre que recorda a cidade que o viu nascer, em 1923. Numa visita guiada aos locais onde viveu parte da meninice, antes de voar para Macau aos 12 anos de idade, o sacerdote levou-nos às casas, à escola e aos bairros que marcaram os primeiros anos da sua longa jornada.

Texto: José Miguel Encarnação

**D**eixamos o hotel de carro em direcção ao centro de Malaca. O sentido do trânsito obriga-nos a seguir pela rua Bunga Raya Pantai, que liga à avenida Tun Sri Lanang, uma das principais artérias da cidade. “Algumas destas ruas tinham nomes de portugueses ilustres, que o tempo se encarregou de substituir, principalmente depois da independência da Malásia”, diz o padre Lancelote, enquanto olha para a casa onde viveu, quando “ainda mal conseguia andar”. No rés-do-chão funciona um pequeno estabelecimento comercial, onde se vende de tudo um pouco. No primeiro andar, duas janelas compõem a fachada. “É a sala e um quarto”, especifica o sacerdote.

Uns metros mais à frente está a igreja de São Pedro – mais conhecida como a igreja dos portugueses –, cuja festa dos 300 anos da sua construção tinha terminado há menos de 24 horas e contado com a presença do padre Lancelote. “Aqui vínhamos à missa todos os domingos. Nós e todas as pessoas do Bairro Português”, lembra. Acompanhados por Joe Lázaro, personalidade emblemática de Malaca, rumamos à igreja de

São Francisco Xavier, situada na rua Laksamana. A meio do percurso, do lado direito, um edifício ameaça ruir a qualquer momento. Na parte superior do frontispício está escrita, em baixo-relevo, a palavra “Capitol”. O olhar de Lancelote enche-se de luz. De dedo apontado exclama: “Vinha aqui à *matinée!* Passavam filmes de *cowboys*, do Bucha e Estica e do Charlot. Bons tempos!”

Em frente à igreja de São Francisco Xavier, há um parque de estacionamento que, para ser construído, teve de ver demolidas algumas casas, entre elas a que serviu de residência aos 14 membros da família Rodrigues, entre 1928 e 1929. “No rés-do-chão estava instalado o escritório do meu pai, que era o número dois da Alfandega. Nós vivíamos no primeiro andar. Este período coincidiu com a minha entrada na escola primária”, explica.

O caminho para a *sekolah* Saint Francis é um autêntico postal turístico. A praça holandesa está

\* Padre Lancelote Miguel Rodrigues



foto Carmo Correia

## MEMÓRIA

pejada de turistas, que não se cansam de fotografar a igreja de Cristo e outros edifícios-museu, na sua maioria pintados de encarnado. Até um moinho holandês foi construído do outro lado da rua para que não subsistam dúvidas quanto à nacionalidade dos responsáveis pela construção da praça.

Mais à frente, os antigos armazéns da Alfandega estão transformados em restaurantes e uma réplica das naus portuguesas utilizadas no tempo dos Descobrimentos alberga o museu marítimo da cidade. É feriado nacional, pelo que não há aulas na Saint Francis. Nos quatro cantos da Malásia comemora-se o primeiro dia do novo ano muçulmano (*Hari Raya Haji*, em malaio).

“Chegámos”, diz o padre Lancelote, com uma enorme vontade de sair do carro. “Foi aqui que estudei até ir para Macau. Éramos só rapazes e aprendíamos em inglês. Os ingleses dominavam Malaca e cumpriam-se as suas regras”, refere, acrescentando logo de seguida: “Mesmo em Macau nunca deixei de estar ligado a esta escola. Em 1986, com a ajuda do senhor Peter Chan, um empresário de Hong Kong, consegui angariar dinheiro para a ampliação das instalações. Construíram um novo edifício de três andares, ao qual deram o nome do seu pai, Chan Sui Ki”. Dos anos em que frequentou a instituição, o nosso anfitrião não esquece a “qualidade do ensino”, a “disciplina” e a “exigência dos reitores”. Depois de captadas algumas fotografias, partimos em direcção ao Bairro Português, que está afastado do centro da cidade. As ruas têm nomes de apelidos portugueses escritos de forma arcaica: Dalbuquerque, Daranjo, Eredia, Texeira, Squera. As casas, outrora todas iguais, nada têm a ver com as primeiras habitações construídas para a comunidade portuguesa de Malaca. Há muito que a madeira deu lugar ao tijolo e o estilo arquitectónico ocidentalizou-se.

Estacionamos em frente a um portão de ferro. Por entre as grades vislumbra-se uma vivenda pintada de branco. “A última casa em que vivi ficava neste terreno. Como quase todas as outras, foi demolida. Hoje apenas resta uma casa igual à dos meus pais, para os turistas visitarem. Fica na rua Daranjo”, sublinha.

Enquanto nos dirigimos para a praça central do bairro, Lancelote relata alguns episódios ali vividos: “Certo dia vinha da escola descalço. Foram queixar-se ao meu pai que correu à minha pro-

cura. Quando me encontrou deu-me um raspante, colocou-me os sapatos nas orelhas e disse que continuasse a pé até casa. Era muito nosso amigo, mas também muito exigente. Às vezes saíamos juntos ao fim da tarde para passearmos um pouco. Era frequente vermos as pessoas rezarem o terço dentro de casa. Também me lembro de festejarmos o São João – havia velas por todo o lado –, o Entrudo e irmos à Missa do Galo na igreja de São Pedro”.

À entrada da praça central está a torre do sino



que convoca os fiéis para a missa e outros eventos religiosos. Na base, ao lado de um painel de azulejos alusivo a Nossa Senhora de Fátima, uma placa informa ter sido benzido pelo padre Lancelote no dia 2 de Novembro de 1985.

A 50 metros de distância fica a igreja do bairro, que está instalada num antigo armazém, e, do outro lado da rua, a única casa que mantém a traça original das primeiras habitações ali construídas. No regresso ao hotel ouvimos mais uma história divertida: “Ainda muito pequeno pus na cabeça

que queria ver um médium. Havia muitos em Malaca. Um dia passei perto de um templo chinês e vi um homem com os olhos revirados, em pleno êxtase. Percebi logo do que se tratava. Fiquei tão arrepiado que desatei a correr e fui logo contar aos meus irmãos. Nunca mais quis ver nenhum”.

Depois de ingressar no Seminário de São José, em Macau, Lancelote esperou dez anos para regressar a Malaca. Desde então nunca mais deixou de visitar a “casa da mãe”.



\* Escola Saint Francis que o padre frequentou na infância



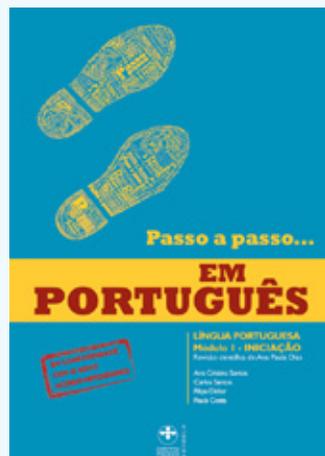
## APOMAC comemora uma década

São 1300 sócios e uma década de história. A Associação dos Aposentados, Pensionistas e Reformados de Macau (APOMAC) celebrou dez anos de vida com um jantar de pompa e circunstância, com a presença do Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, e do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, entre outras individualidades. A direcção do organismo fez um balanço positivo da sua actividade e almeja prestar mais e melhores serviços para perpetuar a associação de cariz português no território. Um dos desejos ao apagar as velas foi a ampliação das instalações, ambição que será concretizada em breve.

## Vida melhor marca ritmo do 1.º de Maio

Mais de 2000 pessoas e numa dezena de associações saíram às ruas de Macau para reivindicarem melhores condições de vida e mais medidas do Governo para combater a inflação e proteger o emprego dos residentes. A marcha de cerca de duas

horas, que teve diferentes pontos de partida na zona Norte da cidade, decorreu de forma pacífica, mas terminou com alguns descatos entre manifestantes e polícia em frente à sede do Governo, onde várias associações entregaram petições. O estacionamento da viatura de uma das associações na estrada em frente às barreiras metálicas, que impediam os manifestantes de se aproximarem da entrada da sede do Governo, levou a polícia a fazer uma detenção, por desafio às autoridades. Combate à inflação, que atingiu os 3,6% no primeiro trimestre, construção de mais habitação pública, melhores salários, mais e melhores oportunidades para os trabalhadores locais, combate ao trabalho ilegal e limitação do número de trabalhadores estrangeiros foram as principais bandeiras das organizações laborais que desfilarão pelas ruas da RAEM.



## Um manual de português para Macau

O Instituto Português do Oriente (IPOR) colocou à venda em Macau o primeiro de dez manuais de ensino da língua portuguesa que seguem o acordo ortográfico e o quadro comum de referência para as línguas europeias. Além da melhor adaptação à realidade local, os manuais ajudam a quem está a aprender português que o faça de acordo com as novas regras do acordo ortográfico e dos programas de estudos estarem de acordo com o quadro comum de referência para as línguas europeias, essencial para o reconhecimento no exterior. Actualmente o IPOR tem cerca de 2100 alunos a estudar português nos diversos cursos que proporciona, muitos dos quais ligados à administração pública de Macau como os elementos das Forças de Segurança e do Centro de Formação Jurídica e Judiciária.

## Macau e Portugal unidos pela Ciência

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) assinou um protocolo de cooperação com a Universidade de Macau com a presença do ministro para a Ciência e Tecnologia de Portugal, Mariano Gago, que visa aumentar a qualificação das instituições de ensino e elevar a competitividade da investigação científica.

A próxima fase será a de identificar grandes temas de investigação e de formação, sobretudo pós-graduada, de forma a elevar a qualificação. Além da língua e da cultura portuguesas, o protocolo prevê desenvolvimentos especialmente na ciência e tecnologia. Através deste protocolo pretende-se desenvolver programas mais específicos que permitam a atribuição institucional de graus entre a Universidade de Macau e as universidades portuguesas para não ser só uma questão pontual como no passado.

## Com destaque em São Paulo

As oportunidades de negócio e as vantagens comparativas de Hong Kong, Zhuhai e Macau foram apresentadas em São Paulo a mais de duas centenas de empresários brasileiros, numa organização da Invest Hong Kong (InvestHK), Invest Zhuhai e Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). Tratou-

se da primeira vez que as três instituições de promoção do investimento e do comércio organizaram em conjunto uma sessão no sentido de promover o Grande Delta do Rio das Pérolas para homens de negócios do Brasil. Em 2010, a China ultrapassou os Estados Unidos da América como o principal parceiro comercial do Brasil, com um comércio bilateral de 56 mil milhões de dólares, mais do triplo do registado em 2005.

## Escola Portuguesa com subsídio

O Executivo garantiu o apoio financeiro de oito milhões de patacas para a Escola Portuguesa de Macau. A verba corresponde a 49% dos custos de manutenção da estrutura e cobre o lugar deixado pela Fundação Oriente. O Governo da RAEM substituiu assim a Fundação Oriente, que decidiu sair da Fundação da Escola Portuguesa, embora o seu presidente, Carlos Monjardino, tenha manifestado intenção de continuar a dar um subsídio anual à instituição que funciona desde o ano lectivo 1998-1999. A possível transferência da escola para as instalações do antigo hotel Estoril, ao Tap Seac, está a ser negociado com o Governo.

## Banco Alimentar

O Banco Alimentar de Macau, criado pelo Governo em Julho de 2009, já apoiou mais de mil famílias e 2000 pessoas com baixos rendimentos ou desempregadas, através da distribuição de 244 mil refeições. Nos 21 meses em que está em funcionamento, o Plano de Apoio Alimentar a Curto Prazo, criado para proporcionar alimentos de primeira necessidade aos mais desfavorecidos de modo a atenuar o impacto da crise financeira internacional e da inflação sobre a sua vida, representou uma despesa aos cofres públicos de 1,5 milhões de patacas.

## Transportar o Mercado Vermelho para o ecrã

*A*lvorada Vermelha não só entrou em competição no Festival de Cinema IndieLisboe como arrecadou o prémio de melhor curta-metragem nacional. O filme começou por ser parte das filmagens que os dois realizadores estão a fazer para a próxima longa-metragem conjunta - que se chamará *A Última Vez que Vi Macau*. Depois, as imagens do Mercado Vermelho de



Macau ganharam interesse próprio, por ser um dos poucos negócios da RAEM que se mantêm como há 30 anos.

## Jovens banidos dos casinos

O Conselho Executivo deu luz verde à proposta de lei que prevê o aumento da idade mínima de entrada e trabalho nos casinos de 18 para 21 anos. Com o diploma, que segue agora para a Assembleia Legislativa para ser submetido a análise e votação, o Governo pretende dar resposta a várias questões que decorrem do desenvolvimento do sector do jogo e que passam pelo contacto precoce com uma actividade, que tem influenciado negativamente os valores da juventude. Caso a proposta seja aprovada, os jovens maiores de 18 anos, mas que não têm 21, não só não podem entrar num casino, como também não podem exercer uma actividade profissional dentro do espaço.

## Prémio Reportagem 2010 para a rádio

O jornalista da Rádio Macau Hugo Pinto ganhou o Macau-Reportagem 2010, prémio criado pela Fundação Oriente (FO) que visa distinguir o melhor trabalho jornalístico sobre o território publicado ou difundido em órgãos de comunicação social da RAEM e de Portugal. *Breve Monografia de Macau – a versão chinesa da História de Macau* em

português foi o trabalho que mereceu o prémio da FO entre as reportagens apresentadas a concurso relativas a 2010.



Transmitida a 21 de Julho do ano passado pela emissora de língua portuguesa, a peça jornalística “revela boa técnica de reportagem radiofónica, possuindo elementos sonoros complementados por uma pesquisa histórica que dão maior relevância e coesão à peça”, lê-se na justificação da FO.

## Buscar especialistas a Portugal

O Governo foi contratar a Portugal parte dos médicos que serão necessários para assegurar os serviços do futuro Hospital das Ilhas, com inauguração prevista para 2014. A nova unidade vai exigir a contratação de duas centenas de clínicos, segundo as estimativas dos Serviços de Saúde (SS), e mais de duas dezenas foram recrutados a Lisboa. O anúncio foi publicitado pela Ordem dos Médicos em Portugal, dando conta da intenção da RAEM recrutar 22 médicos especialistas ao exterior. Foram 18 as áreas

de especialidade procuradas, com a acção de recrutamento a abrir duas vagas para cardiologistas e em igual número para as áreas de gastroenterologia e anatomia patológica. A RAEM procurou também um anestesista, um neurologista, um especialista em patologia clínica, um pediatra, um obstetra, um ginecologista, dois cirurgiões, um médico especialista em imagiologia, um clínico de oncologia, um psiquiatra, um urologista, um otorrinolaringologista, um ortopedista, um especialista em medicina física e reabilitação e ainda um clínico de medicina legal.

## Glória nos Jogos de Arafura

Macau participou pela nona vez nos Jogos de Arafura em Darwin, na Austrália. Regressou com um novo recorde: o maior número de medalhas até hoje obtido na competição, 31 só de ouro. À excepção dos atletas “da casa”, os da RAEM foram os que subiram mais vezes ao pódio. A delegação do território participou em 16 modalidades, algumas colectivas, destacando-se o bowling onde arrecadou 15 medalhas de ouro, além de várias de prata e bronze. O tiro arrecadou seis primeiros lugares e cinco terceiros. No atletismo houve dois “ouros”, seis “pratas” e quatro “bronzes”. Prestações douradas também no “ping-pong”, triatlo e voleibol. O muay thai, boxe, golfe, squash, hóquei, futebol sub-18, basquetebol, ficaram pela prata e bronze.

# BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: [www.bnu.com.mo](http://www.bnu.com.mo)

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

## **BNU**

Banco Nacional Ultramarino  
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —

# FALANDO DE JOSÉ VICENTE JORGE (1872 – 1948)



## TEREZA SENA

Centro de Estudos das  
Culturas Sino-Occidentais,  
Instituto Politécnico de  
Macau

**F**igura marcante da Macau dos inícios do Século XX, José Vicente Jorge é uma personalidade parcamente estudada, muito havendo a dizer sobre o seu papel de mediador, o seu trabalho de intérprete-tradutor, a sua influência como professor e a sua intervenção na decisão e governação dos destinos de Macau e na Legação de Portugal em Pequim, entre outros aspectos a requererem investigação aturada.

Algo surpreendentemente surge agora um primeiro trabalho monográfico — se bem que memorialista e ecoando a tradição e a representação familiares —, dedicado a José Vicente Jorge, fruto do labor e persistência de dois dos seus netos, Graça Pacheco Jorge e Pedro Barreiros, a quem se

fica a dever a iniciativa e a autoria de *José Vicente Jorge. Macaense Ilustre*, uma fotobiografia trilingue (Português, Chinês e Inglês), editada pelo Albergue da Santa Casa da Misericórdia.

Trata-se de uma sucinta biografia profusamente ilustrada, norteada pelo propósito de revelar um espólio iconográfico — de que gentilmente nos cederam algumas das fotos que acompanham este artigo —, importante para a compreensão, estudo e preservação da memória de Macau para que tivemos a honra de redigir o texto introdutório.

\* José Vicente Jorge em Pequim, ca. 1909/1910. *Colecção particular de Graça e Pedro Barreiros*



### MAS QUEM FOI JOSÉ VICENTE JORGE?

José Vicente Jorge nasceu em Macau em 27 de Dezembro de 1872, na freguesia de S. Lourenço, sendo filho primogénito de Cândio José Jorge (1849 – 1900) e de Aureliana Maria Guterres (1849 – 1919), no seio de uma família macaense originária, pelo lado paterno, de armadores algarvios que se haviam estabelecido na cidade, provavelmente nos inícios do Século XVIII.

Fora com o seu avô paterno, José Vicente Caetano Jorge (1803 – 1857), piloto, proprietário de navios e um dos iniciadores do tráfico de cules em Macau — com o que fez fortuna na década de 1850—, que se processara a integração da família na oligarquia da cidade, à frente dos destinos do Senado. Com efeito, José Vicente Caetano Jorge foi almotacé em 1831, vereador em 1837 – 1838 e procurador em 1840 e 1845, abarcando o difícil e delicado período do relacionamento sino-ocidental que foi o da Iª Guerra do Ópio (1839 – 1842).

Será Cândio Jorge quem dará continuidade a esse processo de inserção local iniciado pelo pai. Após ter desempenhado interinamente o cargo de Cônsul-Geral de Portugal no Sião e nos estabelecimentos britânicos dos estreitos de Singapura, Malaca, e suas dependências entre 24 de Novembro de 1883 e 17 de Maio de 1884, Cândio Jorge integra a vereação do Senado de 1888 a 1890, tornando-se Presidente da edilidade, cargo que seguramente já detinha em Junho de 1892 mas que já não ocupava em

Agosto de 1894.

É assim que vemos o nosso José Vicente Jorge experimentar, por um curto período de seis meses, a vida no Sião, por volta dos 11 anos de idade e, depois, frequentar o Seminário de São José quando se tentava implementar o projecto do Seminário-Liceu (1870 – 1881), numa época em que se procedia à integração de Macau na nação portuguesa.

Essa política incluía também a abolição das barreiras espaciais que de há séculos dividiam a cidade cristã das aldeias chinesas e a extensão da jurisdição portuguesa a toda a população de Macau, maioritariamente chinesa — acima dos noventa por cento ao longo de quase todo o Século XIX e XX —, como se sabe.

Por esse motivo, tornava-se urgente a criação de um organismo público regulamentador e fiscalizador das actividades e assuntos chineses. Surge, assim, em 5 de Julho de 1865, a Procuratura dos Negócios Sínicos, já totalmente liberta da esfera do Senado, mas mantendo o estatuto de tribunal privativo da população chinesa, que granjeara de factu em 1849, aquando da expulsão dos mandarins da cidade, sob a égide do Governador (g. 1846–1849) João Maria Ferreira do Amaral (ca. 1803–1849). Acabará por perdê-lo com o avanço da política de centralização da administração colonial, que levará mesmo à extinção da Procuratura em 20 de Fevereiro de 1894, dando azo a diversas tentativas de uniformização e sucessivas reformas do Tribunal Privativo dos Chinas de Macau, no





\* Os funcionários da Repartição do Expediente Sínico em 1920, por ocasião da aposentação do seu Chefe, José Vicente Jorge.  
*Colecção particular de Graça e Pedro Barreiros*

## BIOGRAFIA

qual José Vicente Jorge serviu de Juiz substituto por diversas vezes na década de 1920.

Fora do âmbito judicial, era também necessário assegurar a tradução oficial entre o Português e o Chinês (Cantonês e Mandarim); apoiar toda a administração no relacionamento com a comunidade chinesa; informar e negociar sobre matéria chinesa; formar e fornecer intérpretes-tradutores para as legações, consulados e missões diplomáticas de Portugal na China e região, motivo pelo qual se cria a Repartição do Expediente Sínico em 2 de Novembro de 1885, quando tais funções se autonomizaram da Procuratura.

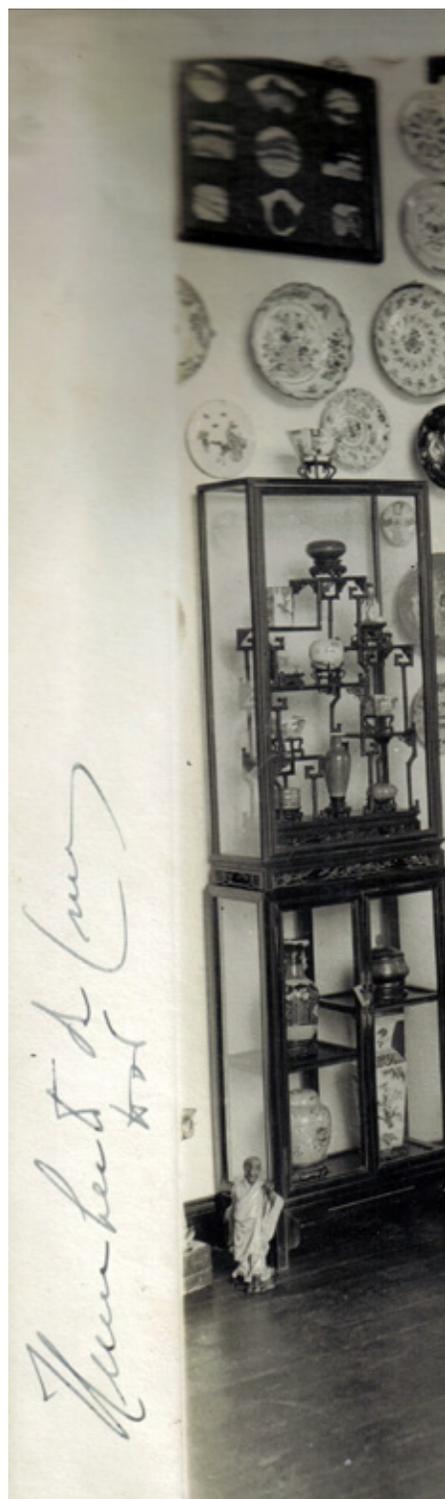
Consustanciava-se num outro enquadramento político-administrativo e, a breve trecho num outro contexto político-diplomático post Tratado de 1887, o papel desde sempre reservado ao intérprete de Macau abarcando os domínios da língua, da informação e da diplomacia.

Por esses motivos também, e a partir de 1 de Fevereiro de 1879, passa a incluir-se regularmente no *Boletim da Província de Macau e Timor* legislação, regulamentação e noticiário em língua chinesa. Essas traduções eram então elaboradas na Procuratura dos Negócios Sínicos, onde o pai de José Vicente Jorge, Câncio Jorge, terá sido intérprete-tradutor, embora viesse a abandonar a profissão, por falta de perspectivas de progressão.

Contudo, será precisamente nessa carreira que José Vicente Jorge vingará, ingressando ainda como aluno, em 12 de

Março de 1890, na Repartição do Expediente Sínico, que chefiará (como titular do cargo) entre 27 de Dezembro de 1911, dia em que completava 39 anos, e 19 de Março de 1920 quando foi declarado incapaz para o serviço pela Junta de Saúde. Aposentou-se em 14 de Abril seguinte, com 47 anos de idade, num momento de grande tensão no relacionamento entre Macau e Cantão. Mediação linguística e cultural Com a progressiva laicização do Estado e a abolição das ordens religiosas (1834), a responsabilidade de formação de intérpretes foi teoricamente trazida para a esfera da instrução pública, embora se tenha mantido ligada, de uma forma ou de outra, ao Seminário de São José quase até aos finais do Século XIX.

É a partir de então que se distinguem no ensino do idioma sínico nomes saídos da comunidade macaense, e do Expediente Sínico — dotado de escola própria formalizada e regulamentada, mas pré-existente, a partir de 1905 —, como Pedro Nolasco da Silva (1842 – 1912), Carlos Augusto Rocha d' Assumpção (1862 – 1932) — a quem se ficou a dever o primeiro manual para o ensino do Mandarim a portugueses publicado em Macau em 1893 —, e mais recentemente Luís Gonzaga Gomes (1907 – 1976), homens que excederam em muito as suas funções de intérpretes, professores e diplomatas, tornando-se verdadeiros e empenhados obreiros de uma mediação cultural entre os dois mundos em que viviam. Sinólogos experientes e reconhecidos,





\* Interior do Palacete de José Vicente Jorge na R. da Penha, nº 20, cerca de 1930. Foto de Carlos Cabral. Coleção particular de Graça e Pedro Barreiros

cal adaptada às necessidades do seu principal mercado de trabalho, ou seja, as companhias comerciais estrangeiras estabelecidas nas grandes metrópoles da região como Hong Kong, Xangai, Cantão, Amoy (Xiamen), Funchau e Liampó (Ningpó). Para já não falar no impulso que deu ao associativismo cultural macaense ao dirigir o Clube União, fundado em 1879 com o fim de adquirir o Teatro D. Pedro V, entranco caído em decadência.

Ou a incansável labuta e invulgar esforço de aproximação entre os universos culturais chinês e português protagonizados por Luís Gonzaga Gomes, ao verter para português temas da cultura chinesa, suas lendas, contos e festividades, mas também textos clássicos de Lúcio, Mêncio, para além das suas incursões na historiografia de Macau, onde revelou uma atitude pioneira para a época ao explorar fontes chinesas. Familiarizado desde cedo com a língua chinesa, e após ter concluído os estudos secundários, Gonzaga Gomes iniciara a sua vida profissional na Repartição Técnica do Expediente Sínico depressa chegando a intérprete de 1ª classe, traduziu também para Chinês em 1953, de parceria com Tcheong Iek Tchi, a obra *Os Lusíadas* contados às crianças e lembrados ao povo — *Adaptação de João de Barros*, língua na qual também publicou, em 1955, um resumo da História de Portugal (P'ou-Kuók Si-Leok).

Quanto a José Vicente Jorge, e para além dos seus manuais para o ensino da língua chinesa

## BIOGRAFIA

e a sua actividade de professor, quer de Chinês, quer de Inglês, a sua principal contribuição neste domínio revelou-se na parceria que estabeleceu com o seu irmão maçónico Camilo Pessanha (1867 – 1926) e no seu profundo conhecimento da arte chinesa, que colecionou com dedicação, esmero e persistência.

A Pessanha revelou os segredos da poesia chinesa, que com ele anotou e reviu, conforme o próprio escritor reconhece na apresentação da sua tradução — efectuada sob a orientação de um letrado chinês — das “Oito Elegias Chinesas”, mas também os da arte chinesa, que ambos colecionaram.

O palacete de José Vicente Jorge na Rua da Penha nº 20, re-

cheado até à exaustão por “cerca de 10.000 peças, representando os principais ramos de arte chinesa — cerâmica, bronze, jade, pintura, caligrafia, escultura, gravura, esmalte, laca, bordado e mobília”, como nos diz na Introdução da sua obra *Notas sobre a Arte Chinesa* — elaborada a pensar na Exposição do Mundo Português —, era ponto de passagem obrigatória para todo o visitante ilustre de Macau, desde cabeças coroadas da Europa e da Ásia, colecionadores, diplomatas, artistas e escritores, como, por exemplo, Ferreira de Castro (1898 – 1974). Se bem que destruído há muito, e desbaratada a colecção, é precisamente a Luís Gonzaga Gomes que se

deve uma das mais pormenorizadas e coloridas descrições do palacete e do seu recheio, onde a arte imperava, o que lhe mereceu a mordaz alcunha dos seus contemporâneos de “Barão do Pau Preto”.

Agentes da diplomacia portuguesa no Extremo-Oriente, estes funcionários do Expediente Sínico, incorporavam como tradutores e secretários as missões mais sensíveis e espinhosas, como as conduzentes ao Tratado de 1887, neste caso Pedro Nolasco da Silva; a Missão Diplomática Portuguesa para a negociação da questão dos limites de Macau e o estabelecimento de uma via férrea Macau-Cantão em 1901–1902, no caso de Carlos Augusto Rocha d’ Assumpção,



para apenas dar alguns exemplos, e continuando a deixar de lado os letrados chineses que os coadjuvavam — os verdadeiros experts da língua e do cerimonial, quando não os elementos de ligação chave, que sempre os acompanhavam, mas que tão esquecidos têm sido pela História.

Os intérpretes-tradutores eram também colocados como adidos nas legações e consulados portugueses da região. Assim aconteceu também com José Vicente Jorge que, entre Junho de 1908 e Março de 1911, foi destacado para a Legação de Pequim, onde terá, entre outros assuntos, contribuído para o reconhecimento da nóvel República Portuguesa pela ainda China imperial.



(à esquerda)

\* Capa da obra *Notas sobre a Arte Chinesa*, da autoria de José Vicente Jorge (1940).

*Foto de Graça Pacheco Jorge*

(à direita)

\* Luís Gonzaga Gomes

## BIOGRAFIA

Após o seu regresso a Macau, José Vicente Jorge, que já detinha desde os finais de 1907 o cargo de 2º intérprete-tradutor de 1ª classe, sub-chefe, assegura a chefia interina da Repartição do Expediente Sínico na ausência do respectivo titular e seu co-cunhado, Carlos Assumpção, então destacado no Consulado Geral de Portugal em Cantão, e a quem substituirá, interinamente primeiro e definitivamente depois, após a aposentação deste nos finais de 1911. Por tais serviços, eram os seus méritos reconhecidos, não apenas pelas autoridades de Portugal mas nalguns casos também pelas autoridades de Pequim, como aconteceu com José Vicente Jorge ao ser agraciado com a condecoração do Dragão Duplo, nº 1 de 3ª classe, e com o seu antecessor no Expediente Sínico, Carlos Augusto Rocha d'Assumpção. Ou mesmo pelas de outros países, como foi o caso de Assumpção, distinguido pelo governo de Espanha com o grau de Cavaleiro da Ordem

de Isabel, a Católica.

Assim se vê que a mediação exercida por estes homens não se circunscrevia ao quadro do relacionamento luso-chinês num período tão difícil e conturbado à escala mundial como aquele que José Vicente Jorge viveu, sofreu e mediu enquanto intérprete-tradutor ou Chefe do Expediente Sínico, nomeadamente a Iª Guerra Sino-Japonesa (1894 – 1895); a Revolta dos Boxers (1898 – 1901), as Repúblicas Portuguesa (1910) e Chinesa (1911) e a Iª Guerra Mundial (1914 – 1918).

Testemunhou também a Guerra Civil Chinesa (1927), embora já afastado do activo e integralmente devotado ao ensino, e, enquanto solicitador ou simplesmente reformado, o surgimento do Estado Novo (1933), a Longa Marcha (1934 – 1936), a IIª Guerra Sino-Japonesa (1937 – 1941) e a IIª Guerra Mundial (1939 – 1945). E foram precisamente as privações, dificuldades e receios vividos durante a Guerra do Pacífico, que o fizeram pro-

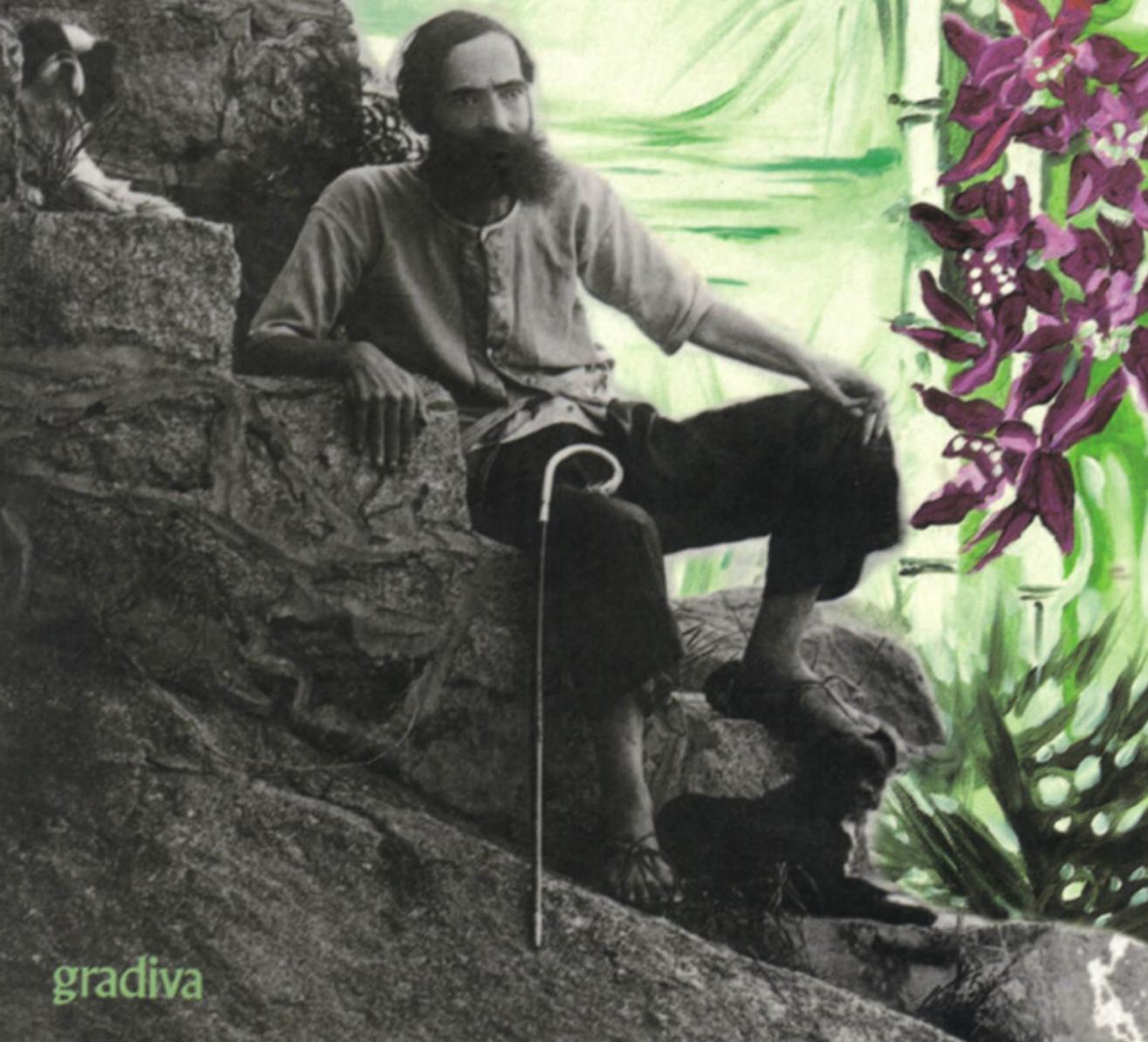
curar abrigo em Portugal em 1945, onde faleceu, longe de Macau, em Lisboa, aos 22 de Novembro de 1948, contando 75 anos de idade, quando a China se consumia numa violenta Guerra Civil.

Eis, em traços largos, um percurso de vida que ajudou a tornar possível a existência de uma Macau maioritariamente chinesa sob a bandeira portuguesa num período em que Portugal e a China aboliam monarquias e experimentavam a República, defrontavam o imperialismo ocidental e oriental, sofriam guerras e convulsões sociais, num mundo todo ele em profunda e violenta transformação.

*\* Capa de As Elegias Chinesas, ilustradas por Pedro Barreiros (Lisboa, Gradiva, 1999).  
Foto de Graça Pacheco Jorge*

# As Elegias Chinesas

Tradução poética de Camilo Pessanha,  
pintura de Pedro Barreiros





XIV ANO  
 VISADO PELA CENSURA  
 Edição: Administração e Imprensa  
 Caixa de Tasso Valle, 6  
 Proprietário — Hermann Machado Monteiro  
 Administrador — José Sauro

# NOTÍCIAS DE MACAU

No. 4101  
 Subscrição integral: "NOTÍCIAS"  
 Número ordinário:  
 No. 2170 - Red. 1971 - Adm. 1221  
 Director — Doutor A. A. de Barros Lopes  
 (Residência em Macau)

## A discussão do problema de Laos na Conferência de Genebra

**GENEVA, Junho 27 — (Reuter)** — A delegação cambojana à conferência de 11 potências sobre a crise de Laos publicou, ontem, a minuta das suas propostas para se garantir a neutralidade de Laos e fiscalizar o armistício naquele reino da Indochina.

As propostas destacaram-se por sublinharem, esta semana, pelo príncipe Sihanouk à Conferência de Genebra. Porém, o chefe de Estado de Camboja deixou, depois de se ouvir com os delegados dos Estados Unidos, Rússia e China Comandante, não se enviar para a mesa de negociações.

O príncipe Sihanouk afirmou, ontem, em Zúrique, que os Estados Unidos criticaram as propostas cambojanas por parecerem demasiado favoráveis para o lado dos comunistas e as delegações soviéticas e chinesas afirmaram, por sua vez, que elas favorecem os pontos de vista ocidentais.

Em tais circunstâncias — afirmou o príncipe Sihanouk — nada poderá subsistir as propostas à Conferência de Genebra.

As propostas cambojanas, agora revistadas à imprensa,

quanto às propostas declaradas de neutralidade, mas elas continuam muito divididas quanto à questão vital das futuras medidas de controle internacional em Laos.

A minúcia da minuta cambojana, tratando das actividades letivas da Comissão Internacional de Fiscalização, estabelece que a Comissão deverá desmontar-se a seu modo "de acordo" com cooperação com o Governo real de Laos e sob a direcção e supervisão das três superpotências da Conferência de Genebra de 1954 (Rússia e Grã-Bretanha).

Segundo as propostas cambojanas, antes as forças da Comissão Internacional estarão em:

1. Fiscalização do cessar-fogo em Laos;
2. Fiscalização da retirada de tropas e pessoal militar estrangeiro de Laos;

## Feriado em Catanga para se comemorar o regresso de Tshombé

**ELIZABETHVILLE, Junho 27 (Reuter)** — O governo de Catanga, à frente do qual se encontrava Moisés Tshombé, esteve presente a uma cerimónia de saudação de boas-vindas, no actual edifício desta cidade. Estiveram também presentes membros do corpo diplomático e os oficiais mais graduados da ONU.

Ontem foi feriado público em Catanga, para se celebrar o regresso de Tshombé, após ter estado detido cerca de 2 meses pelo governo central congolês. Tshombé dedicou a um telegrama — "Retiro a viver um novo mundo. Certo-me ainda acreditar que nos breves momentos".

## Ofensiva contra os terroristas

**LUANDA, Junho, 27 (Reuter)** — Passou que as forças militares em Angola, que se espera sejam reforçadas brevemente por novas contingentes de tropas e armas, se preparam para uma ofensiva contra os insurrectos.

As aldeias de Comboio, Luanda, Bombo e Cossabo, no Norte de Angola, foram recon-

## O general Maxwell Taylor nomeado conselheiro especial do Presidente Kennedy

**WASHINGTON, Junho 27 (Reuter)** — A Casa Branca anunciou hoje que o presidente Kennedy tentava nomear o general Maxwell Taylor, ex-chefe do Estado-Maior do Exército, para o cargo de representante militar do presidente, a partir de 1 de Julho próximo.

Nesse cargo, o general Taylor, de 59 anos de idade, assistirá o presidente como conselheiro e oficial do estado-maior, especialmente nos assuntos militares e de inteligência militar — afirma o comunicado oficial.

Se sabe-se que uma das principais tarefas do general Taylor será avaliar o planeamento a executar, relacionado com o problema de Berlim, e submeter ao presidente as suas paragens e recomendações.

O comunicado da Casa Branca diz que, como representante militar, o general Taylor será conselheiro do presidente na sua capacidade de comandante-chefe das forças armadas. Taylor representará o posi-

## Submarinos americanos de prevenção no Atlântico Norte

**WASHINGTON, Junho 27 (Lus)** — Submarinos nucleares americanos, armados de foguetes Polaris, têm estado nos últimos seis meses do vigésimo Atlântico Norte, próximo a fazer exercícios de suas funções sobre a Rússia, no momento para tal ordem de Washington, revendo o almirante Galatin, director das operações submarinas.

## Terrorismo em Camarões

**YAUNDE, Camarões, Junho 27 (Lus)** — O Governo de Camarões ordenou a mobilização geral da população para combater o terrorismo. Uma força de 3.000 homens está a colaborar com as autoridades na repressão do terrorismo.

## Motim militar numa cidade venezuelana

## NO MUNDO

### 3 DE JUNHO Gana recusa reconhecer o governo republicano da África do Sul

O Gana decidiu "não reconhecer o Governo republicano da África do Sul", por a República ter sido proclamada apenas com o voto dum décimo da população - os brancos.

### 15 DE JUNHO Visita do presidente do Rotary International, Edd MacLaughlin

Visitou, ontem, Macau, o presidente do *Rotary International* que, depois de assistir à convenção Rotária Internacional, realizada o fim do mês

passado em Tóquio, anda a visitar os clubes rotários do Extremo Oriente.

### 26 DE JUNHO "Esmagar o terrorismo com todos os meios ao seu dispor"

Tal foi a ordem que o ministro Adriano Moreira recebeu do novo governador geral de Angola, General Venâncio Deslandes.

### 28 DE JUNHO Submarinos americanos de prevenção no Atlântico Norte

Submarinos nucleares americanos armados de foguetões Polaris têm estado nos

# HÁ 50 ANOS...

No segundo trimestre de 1961 as preocupações não são tão distantes das que preocupam os leitores de 2011. O terrorismo, a gripe atípica e outras epidemias fazem as manchetes do Macau de há 50 anos. Além da Guerra Fria, há também um especial enfoque no continente asiático cujos países, passados 20 anos desde a Segunda Grande Guerra, começam a construir os seus próprios governos.

A invasão iminente do Kuwait por parte do Iraque, a questão cubana e as relações entre as zonas alemãs, que parecem azedar-se neste

Verão de 1961, merecem destaque. A edição do *Notícias de Macau* de 1 de Julho avançava com os primeiros passos do que viria a ser a Comunidade Económica Europeia. Três dias mais tarde foi anunciado na primeira página o escritor laureado com o prémio Nobel de Literatura: Ernest Hemingway.

Os anúncios locais contam onde se compravam camisas por três patacas e como cada número do jornal custava 50 avos. No cinema Apolo passava a *Gata Borralheira*, uma produção para maiores de 12 anos.

últimos seis meses de vigia no Atlântico Norte, prontos a lançar, submersos, os seus foguetões sobre a Rússia, se receberem para tal ordens de Washington.

## **Sugestão de um embargo a Cuba**

O senador Geroge Smathers sugeriu um embargo total às mercadorias destinadas a Cuba e não só da parte dos Estados Unidos como também da América Latina.

## **Recomeçaram os voos dos aviões “U-2”?**

A Rádio Moscovo disse hoje que as notícias do recomeço dos voos dos “aviões espíões” americanos U-2 nas ime-

diações da União Soviética são “alarmantes” e poderão agravar a tensão mundial.

## **1 DE JULHO**

### **As reivindicações do Iraque sobre o Kuwait**

Adnan Pachachi, representante permanente do Iraque nas Nações Unidas, manifestou, ontem, a esperança de que os atritos sobre o xecado de Kuwait sejam solucionados por meios pacíficos.

## **11 DE AGOSTO**

### **A luta contra as constipações vulgares**

Uma equipa científica inglesa espera alcançar bons re-

sultados na sua luta contra as vulgares constipações, tendo vencido já um grande obstáculo ao demonstrar que existem anticorpos empenhados na luta e que é grande a eficiência com que actuam.

## **14 DE AGOSTO**

### **Berlim Ocidental cercada**

Alemanha Oriental, completamente apoiada pela Rússia e outros países do Pacto de Varsóvia, cercou, hoje, Berlim Ocidental com tropas e polícias, selando, hermeticamente, a via de fuga, através da qual milhares de refugiados da Alemanha Oriental se têm servido, inundando a Berlim Ocidental.

EM  
MACAU

**1 DE JUNHO 1961**

**Estudante de Macau distingue-se nos EUA**

Segundo lemos em “The Chronicle Herald”, dos Estados Unidos da América, de 17 de Maio do corrente ano, a menina Mary Lam tirou o curso de música com alta classificação de “Bacharel com louvor”. É estudante portuguesa de Macau, filha do Sr. Dr. T. K. Lam, conhecido médico e tenista local. Esta é a sua segunda filha. Que há anos seguiu para a América a fim de estudar música, colégio “Mount Saint Vincent”. Os nossos parabéns.

**Piscina Municipal**

Reabre hoje, bem como o salão de dança, ao ar livre, no terraço.

**3 DE JUNHO**

**Nascimento**

Na maternidade do hospital Central Conde S. Januário, deu ontem à luz uma criança do sexo masculino a Sra. D. Olaida Couto Alves, esposa do nosso prezado companheiro de trabalho, Sr. Joaquim Morais Alves, 1.º oficial do quadro administrativo dos Serviços de Saúde e Higiene, Vogal da comissão Administrativa do Leal Senado da Câmara de Macau. Mãe e filho encontram-se bem. Felicitando, desejamos ao recém-nascido as maiores venturas.

**5 DE JUNHO**

**Horário de Verão nas partições públicas**

A partir de 15 do corrente mês as repartições públicas desta Província passarão a funcionar, todos os dias úteis, das 7:30 às 13:30 horas. Este

novo horário prolongar-se-á até Outubro do corrente ano.

**Trezena e Festa de Santo António de Lisboa**

Começa hoje, na igreja paroquial de Santo António, desta cidade, a trezena de preparação da grande festividade anual, em honra do glorioso Taumaturgo Português, Santo António de Lisboa, cuja festa se celebra no dia 18 do corrente.

**Vida Comercial**

Foi determinado que todas as operações bancárias relativas a mercadorias exportadas desta província para outras províncias ultramarinas e Portugal Europeu, coberto de certificados de origem, só poderão ser realizadas por intermédio da Filial de Macau do Banco Nacional Ultramarino.

**13 DE JULHO**

**TAIPA E COLOANE**

**Futuro Cartaz de Turismo de Macau**

Comemora-se hoje o feriado municipal das Ilhas, homenageando-se a memória dos militares mortos nas operações de Julho de 1910, em Coloane. E a data convida-nos a voltar a nossa atenção para a valorização das duas ilhas que formam o respectivo concelho, futuro cartaz de turismo da Província.





**Gazeta Macaense**  
Fundador e Proprietário: Leonel Borralho

**Kawasaki ZXR400**  
Agente exclusivo em Macau:  
**HAP CHUNG MOTORS**  
Av. Ouvidor Arriaga, 2-C  
Tel: 560502

ANO XXVIII No. 196 Director : Paulo Reis Macau, 1 de Junho de 1991 4 patacas

## HÁ 20 ANOS...

Um dos temas recorrentes na imprensa portuguesa de meados de 1991 era a situação da Teledifusão de Macau - TDM. A edição de 1 de Junho do semanário *Comércio de Macau* dava conta disso e da declaração de que o governador Rocha Vieira se manifestava “profundamente preocupado”, nomeadamente com a situação financeira e os problemas de gestão da empresa. Na mesma edição era noticiado que Jorge Rangel, recentemente empossado como secretário-adjunto para a Administração, Educação e Juventude, tinha apresentado a sua demissão da Comissão de Redacção da Lei Básica da futura Região Administrativa Especial de Macau, por considerar haver “incompatibilidade funcional” com o cargo que passou a ocupar.

Na edição de 8 de Junho, António Conceição Júnior queixava-se, a propósito das celebrações do 10 de Junho, numa entrevista de duas páginas: “Apenas nos lembramos da interculturalidade e da diáspora no mês de Junho”. Também por essa época, o francês Guy Lesquoy, que tinha, ao fim de 12 anos, terminado o seu contrato com a companhia de dança “Crazy Paris”, afirmava: “Não quero ir embora. Macau é já a minha terra”.

Na sua edição de 29 de Junho, a *Tribuna de Macau* destacava na sua manchete: “Aeroporto em fase decisiva”. Entre as páginas 2 e 6, o tema da construção do futuro Aeroporto Internacional era desenvolvido em profundidade, incluindo os antecedentes históricos, em grande parte desenvolvidos com base no livro *Um Século de Aventuras*, do jornalista Luís Andrade de Sá, sobre a história da aviação em Macau.

Nessa época a edição semanal da *Tribuna* incluía três cadernos, o primeiro dedicado a temas locais, o segundo à opinião e o terceiro aos noticiários de Portugal e do desporto. A edição de 20 de Julho era acompanhada de uma separata com a reprodução, na íntegra, do primeiro projecto da Lei Básica da futura RAEM, que estava aberto a debate público.

Em 1991 Macau contava com dois diários de língua portuguesa, a *Gazeta Macaense* e o *Macau Hoje*. Nos primeiros dias de Junho a *Gazeta Macaense*, então com 12 páginas, era dirigida pelo jornalista Paulo Reis, surgindo igualmente no cabeçalho do jornal o nome de Leonel Borralho, na sua qualidade de fundador e proprietário da publicação. A edição de 12 de Junho noticiava a tomada de posse de Afonso Camões como director do Gabinete de Comunicação Social e a nomeação próxima do professor Diogo Pinto para o cargo de presidente da Companhia do Aeroporto de Macau (CAM), substituindo Santos Ferreira (actual presidente do Banco Comercial Português). A partir de 26 de Junho a direcção da *Gazeta* regressa ao fundador do jornal, Leonel Borralho.

Por seu turno, o diário *Macau Hoje* contava com a colaboração regular de Leonel Barros e José de Carvalho e Rego e anunciava, numa das suas primeiras edições do mês de Junho a realização de uma sessão pública do Cenáculo Luís Gonzaga Gomes, dedicada ao pintor Luís Demée, a realizar-se na Casa Garden, da Fundação Oriente. O Cenáculo era uma iniciativa da *Revista de Cultura*, do Instituto Cultural.

Na edição de 31 de Agosto, o director do *Macau*

Hoje, Meira Burguete, assinava o seu primeiro editorial após o regresso de férias de Portugal. No seu texto dava conta do que por lá constatou, das “guerras das sondagens, dos comunistas que já não sabem se o são, das lutas dos agricultores, (...) as pessoas a quem a massa não chega para pagar as prestações da casa, do automóvel e outras coisas mais...”

O terceiro semanário que se publicava em Macau, em princípios dos anos 90, era *O Clarim*, jornal da Diocese, que já nessa altura era dirigido pelo Pe. Albino Pais. Contava com colaboração diversa, nomeadamente do jornalista Pedro Correia, que assinava um texto que preenchia a última página do jornal. Também se dava relevo, numa das edições do mês de Agosto, à participação da comunidade portuguesa no debate público sobre o ante-projecto da futura Lei Básica.

## Tribuna de Macau

### 4 DE MAIO

#### **Macau admitido no ESCAP**

Macau foi esta semana admitido com o estatuto de membro associado no Conselho da Cooperação Económica e Social da Ásia e Pacífico, durante a 47.<sup>a</sup> sessão plenária deste organismo das Nações Unidas, a decorrer até 10 de Maio em Seul.

### 8 DE JUNHO

#### **Chefes de gabinete recrutados localmente**

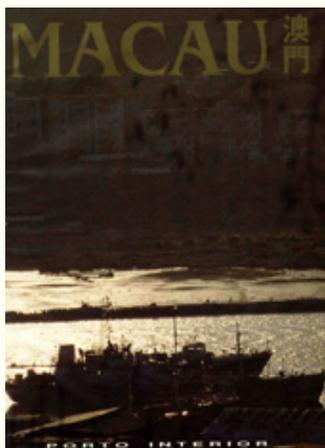
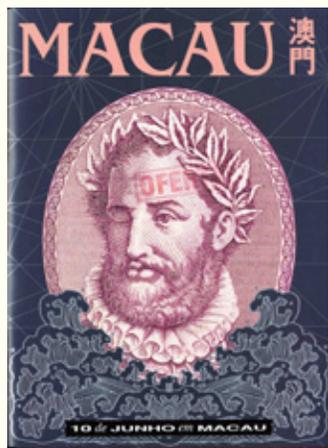
Os chefes de gabinete dos secretários adjuntos para os Transportes e Obras Públicas e Saúde e Assuntos Sociais vão ser recrutados localmente, depois de se terem gorados hipóteses de recrutamento em Portugal, soube a “Tribuna” junto de fonte oficial. Como já anunciámos na última semana, José Carlos Morgado vai ser o chefe de Gabinete

do Secretário-adjunto para a Comunicação, Cultura e Turismo, enquanto que Jorge Bruxo deverá ser o chefe do Gabinete do Secretário-adjunto para a Educação e Administração.

### 9 DE JUNHO

#### **Mário Soares inaugurou “Um Olhar sobre Macau”**

A cultura da população chinesa em Macau, da população macaense e dos ocidentais residentes no território é o tema da exposição “Um olhar sobre Macau”, cuja inauguração esta semana em Lisboa foi presidida por Mário Soares. A mostra, que esta patente até fins de Setembro no Museu de Etnologia, foi formalmente inaugurada pelo ministro do Planeamento e Administração, Valente de Oliveira, que tutela o Instituto de Investigação Científica Tropical.



\* Revista MACAU - edições de Junho, Julho e Agosto de 1991

## Macau Hoje

### 6 DE JULHO

#### Novidades no GCS?

Já saiu mais um número da Revista Macau, com a habitual periodicidade que nos habituou nos últimos tempos. A novidade deste primeiro número foi o nome de Afonso Camões no Topo da ficha técnica. Ao que nos consta é no sector da Revista que o novo director pretende fazer melhor. Que as faça para melhor. Aliás a revista “Macau” é um dos bons trabalhos do GCS.

### 9 DE JULHO

#### Primeiro anteprojecto da Lei Básica

O primeiro anteprojecto da Lei Básica da Futura Administração Especial de Macau deverá ficar aprovado esta semana durante o plenário da Comissão de Redacção que se inicia hoje em Pequim. A questão do “Direito à Vida”

tem polarizado as principais divergências no seio da Comissão de Redacção.

### 16 DE JULHO

#### Quando for a Hong Kong leve preservativos de confiança

A maioria dos preservativos no mercado de Hong Kong é permeável e fraco para o planeamento familiar ou prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, revelou o Conselho de Consumidores. O porta-voz do Conselho disse que das 27 marcas de preservativos à venda na colónia vizinha, dois terços não passaram nos testes e apenas oito são recomendadas.

### 17 DE JULHO

#### Finalmente vamos ver o Bela Vista

O Governo de Macau vai investir 35 milhões de patacas

# O CLARIM

SEMANÁRIO CATÓLICO DE MACAU

Ano 44 — Nº 6  
7 - Junho - 1991  
Sexta-feira

Preço: \$10,00

DIRECTOR  
Pe. Albino B. Pais

## Comércio de Macau



Ano 5 Nº 221  
1 DE JUNHO DE 1991



DIRECTOR CARLOS BORGES

PREÇO: 10 PATACAS  
PORTUGAL: 200 ESCUDOS

na renovação do mais famoso e lendário hotel do território, o centenário Bela Vista, cujas obras de reconstrução se vão finalmente iniciar no dia 18 deste mês. Num trabalho do arquitecto Bruno Soares, coadjuvado pelo decorador de interiores Jorge Burnay e pelo paisagista Caldeira Cabral, o Bela Vista - essa velha glória de outros tempos - deverá ficar inteiramente restaurado no Outono de 1992, depois de receber obras avaliadas em 45 milhões de patacas, das quais 10 milhões serão investidas pelo grupo do Mandarin Oriental e pela Shun Tak Enterprises.

## Destques das primeiras páginas

**15 DE JUNHO**  
**Administração decidida a  
concessionar recolha de lixo**

**Governador na Taipa e  
Coloane: “Problemas de  
Macau não devem ser le-  
vados para as Ilhas”**

**29 DE JUNHO**  
**Aeroporto em fase decisiva**  
Secretário-Adjunto reafirma

que “a Administração não volta atrás” e garante que, como accionista, “está disposta, se for necessário a investir mais na CAM”

**Aumentos: Decisão na  
próxima semana**

O Governador Rocha Vieira deverá tomar, no decorrer da próxima semana, uma posição definitiva quanto à proposta de aumento da Função Pública a enviar à Assembleia Legislativa. O secretário-adjunto para a Administração, Educação e Juventude, Jorge Rangel, que hoje reúne com representantes da Associação dos Trabalhadores da Administração local, deverá no início da próxima semana enviar a sua posição ao general Rocha Vieira que, posteriormente, fará transitar a proposta de aumento para a Assembleia Legislativa.

ORIENTE A OCIDENTE

# A MAIOR DE SEMPRE ALÉM-FRONTEIRAS

*Acessórios Imaginários* é a maior mostra de arte contemporânea de Macau além-fronteiras. O Museu do Oriente, em Lisboa, foi palco desta colectiva nos últimos dois meses. Da montagem à inauguração, Macau mostrou como evoluiu em apenas três gerações de artistas que hoje marcam a diferença pelo profissionalismo, diversidade e humor das suas obras

Texto: Patrícia Lemos | Fotos: João Cortesão

É com uma vista muito *sin generis* da Praia Grande, a magnífica *China Trade! Macau* de Konstantin Bessmertny, que abre a maior exposição de artistas de arte contemporânea de Macau fora da região. “Não sei de nenhuma outra que tenha tido estas dimensões”, afiança o comissário da mostra, José Drummond. Acompanhado de alguns dos artistas representados na colectiva, chegou a Lisboa uma semana antes da inauguração, no dia 15 de Abril, para montar as peças de “Acessórios Imaginários”.

Apesar de faltarem três dias para a abertura, não há sombra de tensão durante a montagem da exposição da RAEM na Galeria Sul, uma sala de exposições com 409 metros quadrados situada no rés-do-chão do Museu do Oriente. Praticamente todos os quadros de pintura estão pendurados nas paredes, mas ainda falta retirar o filme plástico com bolhas de ar que cobre os pés das gigantes pernas da cadeira, onde Carlos Marreiros pintou um Camões meio bobo da corte. Há ainda pedaços de cartão no chão e muitos novelos de fita-cola acabada de arrancar das embalagens que protegeram as peças de arte no voo de Macau para Lisboa. E são muitos os vestígios dos preciosos invólucros; afinal são quase 40 obras de 20 artistas de três gerações diferentes.

Drummond está concentrado num escritório improvisado na própria galeria, rodeado de computadores portáteis e fios. Está a dar os últimos retoques no documentário sobre os artistas de Macau patenteados que vai rodar na galeria durante a exposição. Também trata dos preparativos da mostra que, hoje em dia, não se dissociam do mundo virtual. É preciso dar novidades da viagem aos amigos do *Facebook*, digitalizar imagens e responder aos *emails* que vão chegando à sua caixa postal, sejam estes de amigos com saudades de o rever ou de jornalistas curiosos de Macau. Mas logo o vemos saltar da cadeira para trocar ideias com os funcionários do Museu do Oriente que se repartem pela enorme sala de exposições.

Alguns artistas e Bianca Lei ajudam Konstantin a esticar a grande tela da cáustica *China Trade! Macau*, o quadro que o pintor russo escolheu para se fazer representar em Lisboa. É preciso agrafar a orla à armação de madeira. Com poucos dedos de conversa em português, cantonês e inglês, o trabalho fica pronto para ganhar a moldura.

Naquele átrio da galeria só concorrem com a *China Trade! Macau* as pinturas de Carlos Marreiros, que parodiam Camões ou Bocage. “Algumas destas obras já foram apresentadas, mas



\* Pakeong Sequeira, Xin Jing, Tong Chong, James Chu, João Vasco Paiva, José Drummond, Bianca Lei, Coke Wong e Konstantin Bessmertny na inauguração de "Acessórios Imaginários" em Lisboa

a sua presença aqui faz sentido pela necessidade que tive de criar uma espécie de passagem sobre o que tinha sido feito há 20 anos", data da última grande exposição de artistas de Macau em Portugal. A saber: no Centro de Arte Moderna, na Gulbenkian. O mesmo sucede com os quadros de Mío Pang Fei, "que são absolutamente necessários para traçar essa linha de continuidade", enfatiza o comissário.

### **O "FULGOR" DE UNG VAI MENG**

Um dos grandes baluartes desta exposição assinala o regresso às galerias de um pintor que marcou os anos 90 de Macau. Com três imponentes trabalhos, o actual presidente do Instituto Cultural, Guilherme Ung Vai Meng, contribui para este grupo com pinturas que parecem verdadeiros estandartes. Drummond ficou muito feliz "por Ung ter aceite o convite" e que, "ainda por cima, tenha demonstrado este fulgor, apresentado obras com tal dimensão e presença". O comissário acredita que, "como no caso de Carlos Marreiros, estas três obras enriquecem a mostra".

Mas não foram só os pintores consagrados a exhibir os seus "acessórios" em Lisboa. Igualmente representada nesta mostra está a segunda

geração de artistas de Macau, da qual faz parte Bianca Lei. A sua escultura-instalação composta por 13 telas parece desconstruir o mundo da pintura que se impõe na primeira ala da Galeria Sul, "mas isto continua a ser pintura, porque esta peça também cumpre o objectivo da ilusão", justifica o comissário.

Drummond destaca também o talento de James Wong, até porque este "é, actualmente, o grande mestre da gravura em Macau". Como Bianca Lei, Xin Jing e João Ó, entre outros, Wong estudou fora da RAEM. A sua obra tem influências do Japão, "onde ele tirou o seu curso". Este pormenor da formação além-fronteiras e o humor fruto da individualidade de cada artista são marcas indiscutíveis da diversidade que é tónica da arte contemporânea de Macau.

Dois quadros do ilustre Lio Man Cheong parecem acordar velhos fantasmas da Macau colonial. Drummond colocou-os ao lado dos óleos lindíssimos de Xin Jing, naquele que parece um acto de apadrinhamento de Lio à mais jovem geração de artistas. Com apenas três anos de RAEM, Xin admite o "carácter pessoal" dos seus quadros relativamente à sua nova vida em Macau. Tem que ver com a ideia de escape da

cidade. Xin imagina-se mergulhada na água, como quem entra noutra mundo menos atribulado do que o da RAEM. Drummond sublinha o *power* de Xin na pintura e elogia depois o estudo de cor e de luz dos trabalhos de Silviye Lei: “Isto é novo em Macau”.

Ng Fong Chao e Alice Kok são outros artistas que responderam ao desafio do comissário. Com formação em França, Kok reflecte sobre o mundo dos casinos num dos primeiros vídeos da mostra, um meio de expressão depois reforçado pelo mais recente alter-ego de Drummond, *Performer*, e por Peng Yun. João Vasco Paiva é o autor do último vídeo-instalação. Este artista está mais interessado no vídeo enquanto meio de expressão e “não tanto pela via da narração como é o meu caso e o da Peng”, esclarece o comissário.

### “TÁ-SE BEM” EM LISBOA

Antes da rampa que dá acesso à ala onde reina a fotografia, a instalação e o vídeo, está Pakeong Sequeira a desenhar num papel colado na parede. É o único artista a criar a sua obra no local, uma *performance* que animou também o dia da inauguração. Por agora, parecem pequenas abstrações. “É a primeira vez que uso outra cor além do preto”, garante este macaense, que



## INAUGURAÇÃO COM CASA CHEIA

Havia muita expectativa em torno da inauguração de *Acessórios Imaginários*, no dia 15 de Abril. Uma preocupação debelada pela quantidade de convidados que respondeu à chamada no Museu do Oriente. A Galeria Sul esteve repleta de gente de Macau, amigos que não se encontravam há muitos anos, chineses, macaenses, fotógrafos, jornalistas e ilustres convidados como Gabriela César, da Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa, o presidente da Fundação Oriente (FO), Carlos Monjardino, ou a conselheira cultural da Embaixada Chinesa em Portugal, Liu Wenqui. Estes visitantes especiais viram todas as obras e ouviram ainda algumas explicações dos próprios artistas sobre os seus trabalhos. Monjardino ficou impressionado com o que viu: “Gostei, mesmo daquilo relativamente ao qual eu não sou tão sensível, como as instalações. Foram-me explicadas em detalhe e compreendi as mensagens”. O responsável máximo da FO apreciou a variedade da mostra e o facto de ali estarem “artistas muito novos com uma grande força e potencial”. Por seu turno, Liu Wenqui admitiu que “tinha de estar presente nesta inauguração para apoiar os artistas chineses”. A conselheira confessou, no final da visita, estar “muito orgulhosa” destes valores de Macau, ainda que este tenha sido o seu primeiro contacto com a arte contemporânea da RAEM. “Usam a técnica e a imaginação, em estilos diversificados para nos apresentar estes trabalhos que têm um cariz tão multicultural”. Liu acredita que este tipo de trocas culturais possa contribuir muito para o entendimento entre portugueses e chineses.

\* Pakeong Sequeira

está muito feliz por estar pela primeira vez em Lisboa. Tanto que lhe dedica o trabalho, intitulando-o de “Tá-se Bem”. É que “a minha mãe é portuguesa, daí que Portugal seja também a minha terra-mãe”.

Coke Wong também não conhecia a capital portuguesa mas sente-se em casa. Criou uma instalação composta por uma série de porquinhos com asas. Coke garante que “são todos iguais e todos diferentes”, porque o estilo de caligrafia muda de dorso para dorso. Os porcos primam ainda por ter areia de Macau na sua composição.

Mais adiante avulta-se o verde das fotografias do arquitecto João Ó referentes aos trilhos de Coloane, onde, aparentemente, só existe a natureza. Porém, o autor esclarece que “o percurso é feito pelo homem”. Inclusivamente, “segundo consta, esta é uma das últimas zonas reflorestadas de Macau”. Estas fotografias fazem parte da série “Geografia Recursiva” que compõe a sua próxima exposição individual, a abrir em Junho na Casa Garden.

Nem todas as obras usam o território como tema

central. É o caso do “homem-insecto” de Tong Chong, que é o protagonista de um grupo de pinturas que alude à arte tradicional chinesa. “Ele tem um universo muito característico”, salienta Drummond. Se há obra ali presente que aborda directamente a temática de Macau é a de James Chu, o assistente do comissário. Compõe-se de três bandeiras - Macau, China e Portugal - e do som dos hinos das duas nações. Macau não tem hino. Chama-se “Harmonia” e vive da transparência dos estandartes. A sua linguagem é directa, porque Chu considera “muito importante apresentar as ideias de uma forma muito simples, embora os processos criativos sejam sempre bastante complicados”.

Depois dos *Acessórios Imaginários* regressarem à RAEM é a vez de uma mostra dedicada ao arquitecto Manuel Vicente ocupar a Galeria Sul, naquela que será uma sentida homenagem a um dos maiores nomes da arquitectura de Macau. É assim recordado numa retrospectiva intitulada *Manuel Vicente, Trama e Emoção* entre os dias 24 de Junho e 7 de Agosto.

\* Ng Fong Chao desconstrói a realidade recorrendo a várias técnicas, como o vídeo, a pintura e a performance



## MANUEL VICENTE RECORDADO EM LISBOA

Primeiro recebeu os *Acessórios Imaginários de Macau*. Agora é a vez da Galeria Sul do Museu do Oriente acolher a retrospectiva *Manuel Vicente, Trama e Emoção*. “Vai ser a mostra mais importante que este museu vai organizar no segundo semestre”, garante a directora do Museu do Oriente, Manuela Oliveira Martins. As memórias deste nome maior da arquitectura de Macau são desvendadas entre os dias 24 de Junho e 7 de Agosto.

Um dos desejos da equipa do museu alfacinha era “fazer exposições de arquitectos de Macau em Lisboa e depois exibi-las na RAEM”, explica o administrador da Fundação Oriente, João Calvão. “É um homem com obra de 1963 a 2004. É mais conhecido em Macau do que em Portugal. Aqui fez grandes obras mas não foram muitas”, assegura Calvão.

A retrospectiva que tem o tom de uma sentida homenagem percorre 50 anos de carreira e é composta por obras que constituem uma

panorâmica da obra do arquitecto. Manuela Oliveira Martins orgulha-se muito deste evento que “teve como motor principal o arquitecto João Afonso”. Além dos desenhos originais, a exposição inclui ainda maquetas, imagens e textos referentes aos projectos do arquitecto português. *Manuel Vicente, Trama e Emoção* é um programa que inclui ainda um conjunto de filmes, realizados em Macau no início deste ano, e que propõem uma reflexão sobre a apropriação de algumas das suas obras.

# “MACAU TEM AQUI UM ESPAÇO PRIVILEGIADO”

Os *Acessórios Imaginários* dos artistas de Macau são as sementes que há muito se desejava plantar no Museu do Oriente, em Lisboa. Porque “Macau tem aqui um espaço privilegiado”, salienta o administrador da Fundação Oriente (FO), João Calvão.

Como a FO quer manter e reforçar os laços com a RAEM, “eu entendi, quando entrei para o conselho de administração, que era muito importante mostrar a Macau que este espaço lhes pertence; que aqui poderão apresentar todas as actividades que entenderem, desde as comerciais às culturais”.

A última vez que um grupo grande de artistas do território foi a Lisboa mostrar a sua arte contemporânea foi há mais de 20 anos, no Centro de Arte Moderna. O também ex-presidente do Instituto Cultural de Macau nota mesmo “uma evolução muito grande em relação àquilo que se fazia” antigamente na região. E não é só na pintura, adianta, mas também nas artes gráficas e em todas as outras disciplinas: “Houve uma grande transformação ao nível dos materiais usados e do tratamento pictórico e conceptual”, refere João Calvão. O vídeo, por exemplo, aparece bem representado neste evento e é um dos suportes que mais promete no futuro da arte contemporânea, sublinha. “Julgo que a ida de vários artistas de fora para Macau foi muito importante e acredito, por outro lado, que Hong Kong também tenha tido o seu papel neste desenvolvimento por ter acolhido obras de alguns pintores chineses menos apoiados.”

## FUNDAÇÕES DE MÃOS DADAS

Além de poder dar mais visibilidade à arte contemporânea de Macau, esta exposição tem o condão de marcar o início de uma cooperação entre duas grandes instituições. A Fundação Macau e a Fundação Oriente unem-se assim, como



\* Administrador da Fundação Oriente (FO), João Calvão

nunca antes, na produção desta mostra. Segundo Calvão, “se tudo correr bem, esta será a primeira de muitas acções conjuntas” das duas entidades. Uma parceria que aproximará certamente Macau de Lisboa.

Calvão admite que “não foi fácil iniciar” essa aproximação. “Temos consciência de que não é possível conquistar logo aquilo que andámos todos, durante vários anos, a menosprezar. Mas creio que iremos lá.” Para este responsável, o silêncio entre as duas instituições não fazia sentido: “Temos objectivos tão semelhantes. Houve problemas, mas tudo na vida tem de ser explicado e entendido e tem de se passar para fases seguintes que sejam criadoras de encontros e de entendimento”. Também o presidente da FO, Carlos Monjardino, manifestou o seu apreço por esta cooperação. “Foi algo por que me bati e considero esta colaboração entre as duas fundações muito importante.”

# À DESCOBERTA DE VENEZA

Edgar Martins, James Chu, Alice Kok, João Magalhães e Ana Mafalda Botelho vão representar o território na 54.<sup>a</sup> edição da Bienal das Artes de Veneza. As expectativas são altas, já que se trata da maior participação de sempre de Macau na catedral das bienais no mundo

Texto: Pedro Daniel Oliveira

**A**RAEM está a participar na 54.<sup>a</sup> Bienal das Artes de Veneza com a maior representação de sempre. O júri internacional designado pelo Museu de Arte de Macau seleccionou quatro trabalhos, entre um rol de 49 propostas admitidas ao concurso que esteve subordinado ao tema *Mobilidade e Memória*. O exigente público tem assim a oportunidade de contemplar o trabalho fotográfico *A Metaphysical Survey of British Dwellings & Dwarf Exoplanets*, de Edgar Martins; a instalação *Mansões de Cinco Andares*, de James Chu; o vídeo *Caminhando pela Ilha Verde*, de Alice Kok, e a instalação *Espelho Vivo*, um trabalho conjunto de João Magalhães e de Ana Mafalda Botelho. O certame está a decorrer no nordeste de Itália, até 27 de Novembro.

Edgar Martins, de 34 anos, a residir em Londres, estabelece a paisagem, o lugar, o espaço e a arquitectura como temas predominantes da sua prática fotográfica. Neste contexto, o trabalho inspirado nas moradias britânicas e nos pequenos planetas externos representa um desafio cada vez mais premente: o de revelar e interrogar as formas pelas quais o espaço é apropriado e transformado e salvar algum vestígio dos acontecimentos, dilemas e repercussões provocadas pelo mundo contemporâneo.

O artista procurou desde muito cedo um meio para se exprimir. Iniciou-se na escrita e teve alguns encontros com a fotografia, contudo, nada determinantes. Só em 1996, após publicar um pequeno livro de poesias e dissertações filosóficas (a sua primeira tentativa de abordagem do mundo), é que tomou a consciência de que gostaria de estudar imagem visual.

A musicalidade da sua escrita, a forte componente visual do seu trabalho, serviu-lhe como incentivo. Licenciou-se em Fotografia, em Belas Artes e em Estudos Sociais. Tem ainda um mestrado em Belas Artes e em Fotografia. Não parou desde então. Mas também não esquece a terra que lhe despertou os sentidos. “Cresci em Macau, onde completei a minha escolaridade. Apesar da minha formação em Belas Artes e em Filosofia ter sido feita em Londres, o interesse nestas áreas germinou em Macau. Tenho uma forte relação com o território e contacto contínuo com pessoas e instituições macaenses”, afirma.

## PASSADO NO PRESENTE

O trabalho artístico de James Chu reveste-se em 14 imagens de diferentes edifícios de cinco andares, acompanhadas por um movimento rotativo automático e individual que estará aliado a um efeito de luz. Nas décadas de 50 e de 60



\* Alice Kok  
Caminhando na Ilha Verde  
Vídeo e instalação

*fotos das obras cedidas pelo Museu de Arte de Macau*



\* Edgar Martins  
Pesquisa Metafísica sobre Casas Britânicas e Exoplanetas  
Fotografia

do século passado as residências de Macau eram, maioritariamente, construções de tijolo com dois ou três andares de altura. Com o desenvolvimento social e o crescimento da população, o Governo de então implementou novas medidas para a renovação dos edifícios.

As novas construções habitacionais passaram depois a ter um limite de 20,5 metros. Muitos dos edifícios antigos foram assim alvo de obras de reconstrução, passando a ter cinco ou seis andares. “Os meus pais eram operários da construção civil desde os anos 60. E na década seguinte participaram na reconstrução de centenas de edifícios com cinco andares. A maior parte da minha infância foi a brincar ou a ganhar pequenas quantidades de dinheiro nos estaleiros de construção desses edifícios. Por isso, guardo sentimentos e memórias especiais destes edifícios”, relembra James Chu.

O progresso imiscuiu-se entretanto com o passado. “A cidade de Macau continua a mudar de forma que dificilmente pode ser definida como sendo bonita ou feia”, salienta. As 14 ima-

gens são acompanhadas com música de piano do compositor Lei Vai Fan.

### ILHA VERDE EM MUTAÇÃO

O trabalho de vídeo de Alice Kok teve como base a demolição de casas na Ilha Verde. A autora utilizou uma câmara com uma lente de 15 milímetros e 1,5 de abertura. A textura da imagem flui na mesma proporção à medida que a focagem é lentamente alterada. O que estava desfocado ficou a ser bastante nítido. “Após a demolição das casas passou apenas a existir o templo Shak Kum Dong na Ilha Verde. O incenso queimado pelas pessoas observa-se de várias perspectivas, consoante as técnicas de focagem que utilizei. Pode-se assim viajar de um ponto para o outro, sem que a câmara tenha saído do lugar”, explica a autora do vídeo.

Alice Kok tirou o mestrado na Academia de Belas Artes de Toulouse, em França. Depois de

concluir os estudos passou dois anos em Paris. Aventurou-se ainda a trabalhar na Índia e no Tibete. Foi editora da secção de artes da revista *Macau Closer*, com a qual ainda colabora.

### O MUNDO PELO CALEIDOSCÓPIO

João Magalhães e Ana Mafalda Botelho levaram à Bienal de Veneza um caleidoscópio especial. À medida que se assiste ao movimento de pessoas pelo cone do instrumento há a certeza que as imagens vão estar em constante transformação. “Pode-se dizer que vemos o mundo real, mas se calhar a realidade vivida pelas sociedades actuais é uma ilusão constante. O facto de o cone estar apoiado numa aresta, e não na sua base, mostra muito os limites e o equilíbrio entre o real e o irreal”, refere Ana Mafalda Botelho. “As atitudes que tomamos são por nós

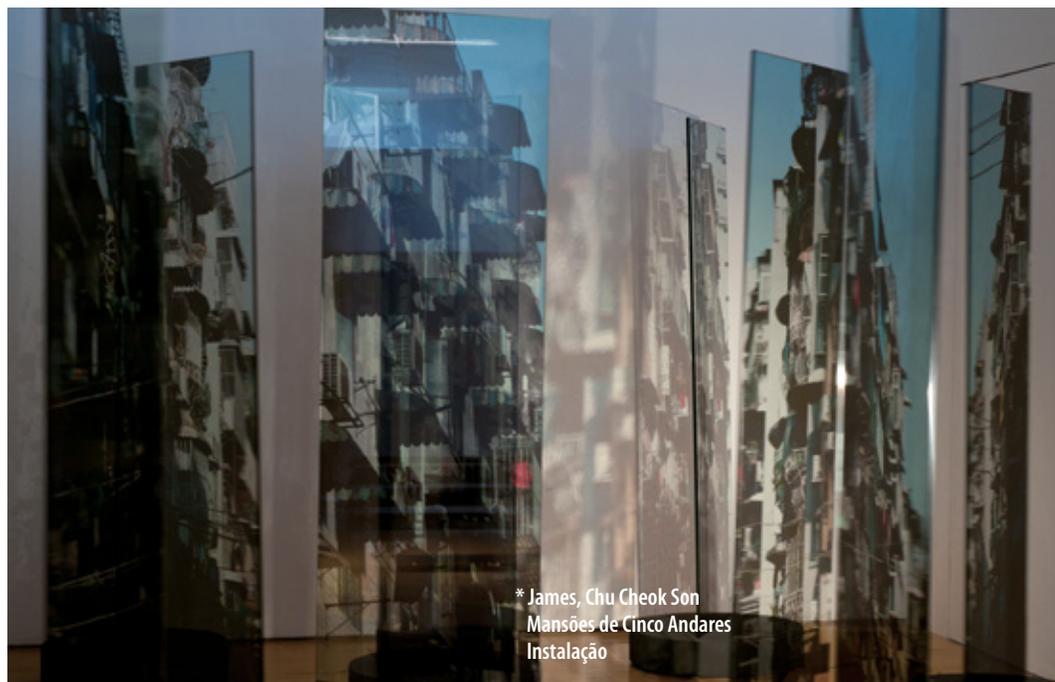
seguidas muitas vezes por influência de terceiros. E são essas atitudes que também poderão ser observadas através do caleidoscópio”, acrescenta João Magalhães, justificando assim o conceito que está intimamente

ligado ao tema *Mobilidade e Memória*. A estrutura tem dois metros de comprimento, dois de largura e outros dois de altura.

### PALCO IDEAL

A primeira edição da Bienal das Artes de Veneza remonta a 1895. Trata-se, por isso, de um certame com longa tradição mundial que é bem conhecido dos artistas locais, especialmente, contemporâneos. Aliás, durante a administração portuguesa de Macau chegou-se a considerar a possibilidade de fazer deslocar uma representação até àquela cidade transalpina. “Talvez nessa altura as condições não fossem as mais propícias, mas a situação evoluiu após da transferência, criando-se a partir de então um ambiente mais amadurecido que permitiu a participação neste evento de grande prestígio mundial”, explica o presidente do Museu de Arte de Macau. Chan Hou Seng acrescenta que essa participação

O júri internacional designado pelo Museu de Arte de Macau seleccionou quatro trabalhos, entre um rol de 49 propostas admitidas ao concurso que esteve subordinado ao tema *Mobilidade e Memória*



\* James, Chu Cheok Son  
Mansões de Cinco Andares  
Instalação



\* Mafalda Vilaça Botelho e João Jorge Magalhães  
Espelho Vivo  
Instalação

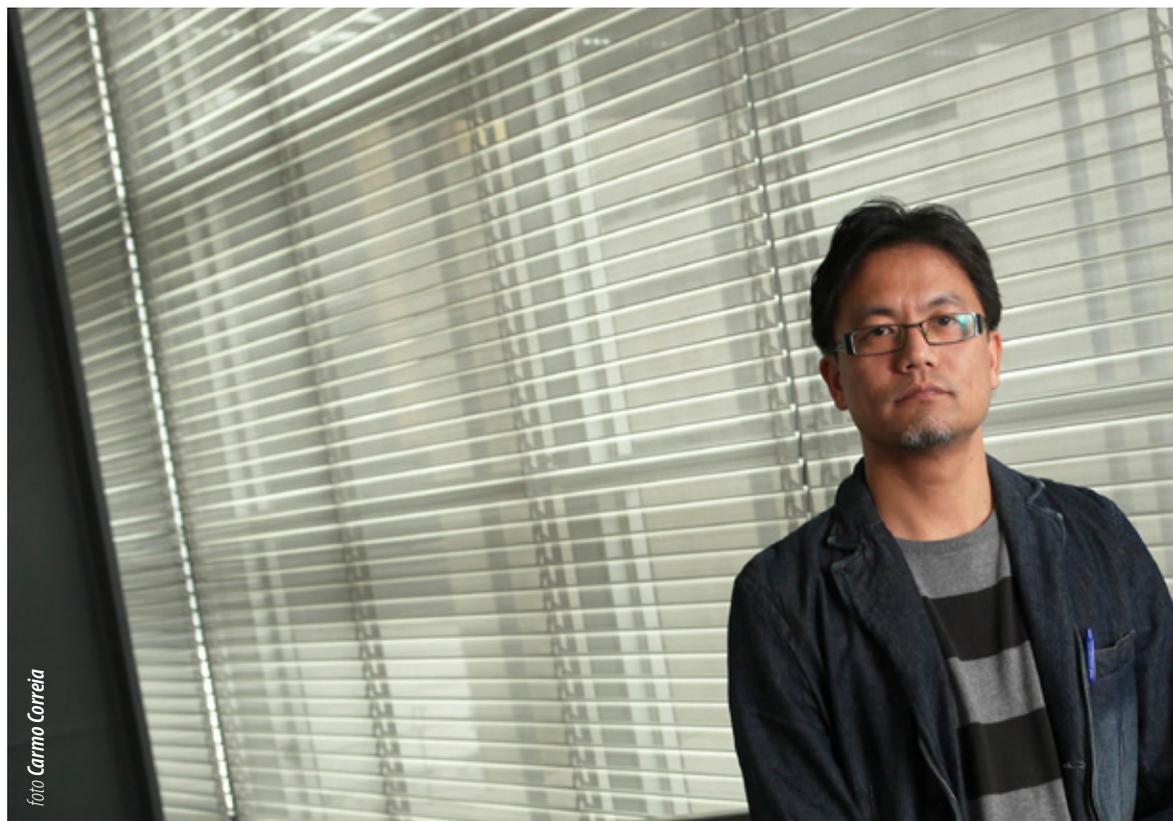


foto Carmo Correia

acontece precisamente no local que considera ser o mais apropriado para catapultar o nome de Macau num patamar internacional. “Claro que vamos considerar seriamente a participação noutras bienais, mas para já vamos continuar a fazer-nos representar em Veneza”, salienta Chan Hou Seng. A participação num evento com créditos firmados é um factor que foi calculado ao pormenor pelo curador do Pavilhão de Macau para a 54.<sup>a</sup> Bienal de Veneza. Na óptica de Ng Fong Chao, “os representantes do território têm a oportunidade de trocar experiências, de interagir e de apresentar as suas concepções artísticas num palco exigente. Pode ser uma oportunidade para que se desperte a atenção dos curadores de outros países, podendo os trabalhos dos artistas locais ser cada vez mais falados ou mencionados além-fronteiras”. O grau de exigência foi estabelecido desde mui-

to cedo. “Além de Macau [representada por António Conceição Júnior], também convidámos mais juizes internacionais oriundos da Coreia do Sul [Chang Suk Won], da República Popular da China [Zhang Peili], de Taiwan [Victoria Lu] e do Japão [Kuroda Raiji], por forma a elevar os critérios de selecção. Pretendíamos, essencialmente, encorajar os artistas, pois queríamos incutir-lhes maior criatividade na elaboração dos seus trabalhos”, explica Ng Fong Chao. A medida é realçada pelo antecessor de Chan Hou Seng no Museu de Arte de Macau. Aliás, o actual presidente do Instituto Cultural, Guilherme Ung Vai Meng, foi um dos principais obreiros que culminou com a primeira participação de sempre, em 2007. “O território é caracterizado pela mestiçagem entre as culturas chinesa e ocidental. Torna-se assim necessário e primordial



\* Ng Fong Chao, curador do Pavilhão de Macau em Veneza, e Chan Hou Seng, director do Museu de Arte de Macau

Leong Mou Cheng e de Kity Leung Mou Kit, e com *Eurasia Airways Limited*, que juntou pai e filho, João Ó e Bruno Soares.

### UM CERTAME COM HISTÓRIA

A Bienal de Veneza conta com exposições que estão subdivididas pelos sectores de Arquitectura (Mostra Internacional de Arquitectura), Arte (Exposição Internacional de Arte), Cinema (Festival Internacional de Cinema de Veneza, com periodicidade anual), Dança (Festival Internacional de Dança Contemporânea), Música (Festival Internacional de Música Contemporânea) e Teatro (Festival Internacional de Teatro). Incluído no certame está também o Arquivo Histórico de Arte Contemporânea, que se encarrega de conservar o património da Bienal, nos seus mais variados aspectos. A mostra de artes, este ano subordinada ao tema *ILLUMInations*, poderá ser vista no Pavilhão Central do Parque Giardini e no complexo do Arsenale, formando um único itinerário, com a participação de 82 artistas de todo o mundo. Estará aberta todos os dias, entre as 10h00 e as 18h00, encerrando apenas às segundas-feiras.

que Macau continue a participar em importantes exposições. Como há vários artistas que despontam na cena artística local, esta participação representa também uma boa oportunidade para que eles exibam as suas obras e os seus produtos artísticos no palco que é, por excelência, a catedral das bienais em todo o mundo”, explica Ung Vai Meng.

Em 2007, representaram o território na 52.<sup>a</sup> Bienal das Artes de Veneza os trabalhos *Si monumentum requisitis, circumspice*, do artista russo radicado em Macau Konstantin Bessmertny, e “Macao’s Gondola”, dos irmãos Lui Chank Hong e Lui Chak Keong. Ung Vai Meng era o comissário e Ng Fong Chao o curador da exposição no certame de Veneza.

Dois anos depois, a RAEM fez-se representar com *Timeless Tunnel*, de Lee Yee Kee; com *Space in Flux*, um trabalho conjunto de Bonnie

## DEOLINDA SONHAM TOCAR EM MACAU

Macau pode muito bem ser o primeiro palco que os *Deolinda* vão pisar a Oriente. Depois de no ano passado terem sido obrigados a recusar um convite esperam que em breve se proporcione concretizar o projecto. Nos camarins, Ana Bacalhau deixou bem claro o quanto lhe agrada a ideia: “Adorava ir a Macau!”

Texto: Patrícia Lemos

Foi nos camarins do mítico Jazz Café de Camden, em Londres, palco dos *Deolinda* em Março, que partilharam o sonho de rumar ao Oriente para uma grande digressão que queriam que começasse em Macau. O contra-baixista dos *Deolinda*, Pedro Leitão, acredita que a visita aconteça entre o próximo Outono e o início do próximo ano. Mesmo a tempo do Festival Internacional de Música de Macau (FIMM) ou... do Festival da Lusofonia. “Bela ideia!”, interrompe a efusiva Ana Bacalhau, a vocalista. Depois de recusarem um convite para actuar em Macau no ano passado por falta de “calendário”, os *Deolinda* querem que à segunda seja de vez. E por eles pode ser já este ano. Ana Bacalhau confessa que ficaram “tristíssimos” por não poderem ir a Macau: “Nunca fomos ao Oriente e essa é uma viagem que queremos mesmo fazer. Eu adorava ir a Macau.” O compositor e letrista Pedro Martins acredita que esta viagem a Macau enriquecerá a banda. Afinal, este é o “som” da





foto EMI/Rita Carmo

lusofonia que lhes falta na partitura. Ana acrescenta que a experiência “vai certamente alargar os horizontes da banda”. A possibilidade de tocar com a Orquestra Chinesa de Macau agrada - e de que maneira - ao quarteto alfacinha. “É um desafio que nos dará mais ideias musicais”, sublinha o compositor. É bom imaginar no quadro Ana Bacalhau na frente da orquestra vestida com aqueles vestidos criativos da figurinista habitual, Cláudia Ribeiro. Londres em brasa Foi com um desses figurinos de encantar que Ana Bacalhau subiu ao palco londrino de Camden, após a estreia há cerca de dois anos no Reino Unido, no Institute of Contemporary Arts. Nessa altura deram de tal forma nas vistas que o jornal *The Times* acreditava que a banda portuguesa não só regressaria a Londres, como actuaria numa sala maior. Dito e feito. No raiar do mês de Março, os *Deolinda* deram música para receber o dobro dos aplausos. Todos, ou quase todos, de portugueses. Ana Bacalhau e os seus “deolindos” encantaram uma sala à pinha em Londres, com cerca de 300 pessoas. A maior parte compareceu à chamada às sete da noite e esperou quase duas

horas para ouvir a grande sensação da música portuguesa do momento. Ana Bacalhau foi logo avisando: “*I will be speaking in English tonight*” [Vou falar em inglês esta noite]. Num sotaque inglês cristalino, muito provavelmente fruto da sua formação académica em línguas e literatura modernas, a cantora parecia adivinhar os protestos que se seguiam e, como quem apaga o fogo, disse: “As músicas são em português”. Não foi a irreverente Deolinda, alterego de Ana Bacalhau, quem animou as hostes nos primeiros acordes deste concerto. Com um vestido preto, a vocalista entrou com pezinhos de lã na tapete que cobria o pequeno tablado londrino. Depois de quatro coliseus e o sucesso retumbante em Portugal do tema *Parva Que Sou...*, aquele palco parecia pequeno demais para os *Deolinda*, ainda por cima encaravam um público saudoso de Portugal, coladinho ao degrau que os separava da plateia. Se “Não Tenho mais Razões” avisou que aquele era um concerto de

Depois de recusarem um convite para actuar em Macau no ano passado por falta de “calendário”, os Deolinda querem que à segunda seja de vez

apresentação do segundo álbum *Dois Selos e um Carimbo*, lançado em Abril do ano passado, “Contado Ninguém Acredita” recuou à estreia super platinada do LP “Canção ao Lado”. A maioria do público parecia desconhecer o segundo arremesso discográfico dos *Deolinda*, cantando em uníssono praticamente todos os refrãos do primeiro disco. O quarteto alfacinha fingiu não reparar e voltou à carga com quatro temas do último álbum. “Patinho de Borracha” foi o mote e afiou a língua de Ana Bacalhau, que não poupou os “marujos de banheira” armados em lobos-do-mar. Com “Passou por Mim e Sorriu”, Ana fez valer o *power of the smile* [(poder do sorriso)] e em “Sem Noção” lembrou as maleitas do materialismo. O trunfo do acústico Os *Deolinda* marcaram assim alguns tempos lentos que pediam reflexão, conquistando a atenção do público que ia bebericando as palavras num cocktail temperado com o álcool servido ao balcão. Mas não eram só os copos e os aplausos que ocupavam as mãos dos melómanos. Eram muitos os telemóveis que registavam aquele momento e entravam em tempo real nas

redes sociais. Porque hoje é tão importante partilhar. “*This next song asks all of you to unplug yourselves from all the Facebooks and Twitters and live life in the old-fashioned way.*” [A próxima canção pede-vos que se desliguem de todos os *Facebooks* e *Twitters* e vivam a vida à moda antiga]. Ana pediu e o público anuiu. “Um Contra o Outro” foi assim o primeiro momento alto da noite, com a cantora a abanar o capacete e a mostrar o seu lado mais *rock n’roll*. Mas, verdade seja dita, até soar “O Fado não é Mau” e os primos Luís e Pedro Martins dedilharem nas guitarras e José Leitão puxar nas cordas do contrabaixo as notas seguidas do primeiro disco, o concerto ficou numa espécie de banho-maria. O público aplaudiu e esteve sempre atento, não arredando pé da plateia, mas... faltava qualquer coisa. Ninguém sabia bem o quê, mas que faltava, faltava. Quando Ana Bacalhau iniciou o seu popular desfile de personagens em palco, provando porque anda a destroçar corações



\* Os *Deolinda* encantaram uma sala à pinha em Londres, com cerca de 300 pessoas

pela Europa, é que o concerto ganhou chama. Armou a fadista com a língua de fora em “Fado Toninho”, fez-se bairrista com graça em “A Problemática Colocação de Mastro” e seduziu todos com a sua sensualidade em “Ai Rapaz”. Mas há mais: lembrou Carmem Miranda em tempos de “Canção da Tal Guitarra” e acenou confiante à bossa-nova (“Não sei Falar de Amor”). A música dos *Deolinda* tem toques de África e Brasil tão bem mesclados com a música popular portuguesa que é difícil identificar todas as referências. Cantatriz em festa põe a mão na anca e acorda os nossos Santos Populares, dá passinhos e pavoneia a elegância da senhora Deolinda, sacode a cauda colorida do vestido preto, qual espiral de incenso da nossa tradição, ou chega a palma da mão à barriga para fingir um sambinha. Ana não pára em palco. É mais do que uma grande entertainer, ela é, como muito bem se diz, uma ‘cantatriz’. E não podia estar em melhor companhia: no cenário magnífico da verve criativa do compositor/letrista Pedro Martins a contar com o grande apuro técnico do

primo e do marido. Esta essência familiar dos *Deolinda* dá-lhes uma identidade fortíssima e isso há muito faltava à música popular portuguesa. Nesta fórmula de sucesso cantam mais ingredientes. A alegria dos ambientes festeiros das universidades parece contrabalançar a nostalgia do fado. Também a esperança que pontua as letras das músicas não se perde no picante da crítica social. É um prato servido que só pode ser assim tão popular e que, em Londres, matou bem as saudades de Portugal. Se alguma crítica há a apontar a este grupo, que fez dois *encores* na Big Smoke, será no facto de se apoiar demasiado no talento e na expressividade da cantora e não se exceder o suficiente no colorido de sons, que acaba demasiadas vezes num dedilhar fininho de guitarra ou num ritmo repetido de contrabaixo. Faltam assim mais sons, os sons que afinal tanto caracterizam a paleta da música lusa; e que podem muito bem chegar a Maçau se os músicos decidirem levar consigo a pianista Joana Sá e o quarteto de cordas que foram seus convivas nos coliseus. Está tudo à espera do convite!

## O DESPONTAR DE UMA GRANDE ERA

### Orquestra de Macau

É mais um espectáculo no âmbito do Ciclo Clássicas apresentado pela Orquestra de Macau, e que evoca dois compositores de música clássica: M. Brunch e S. Rachmaninoff. Neste concerto, a Orquestra de Macau vai interpretar o Concerto para Violino e Orquestra n.º 2 em ré menor, Op. 44, de Max Brunch. O alemão (1838- 1920) escreveu mais de 200 obras, incluindo três concertos para violino, e é tido como uma das referências da época romântica da música clássica. Outro nome deste período evocado pela Orquestra de Macau, é S. Rachmaninoff, um compositor russo nascido em 1873 e que foi também um dos grandes pianistas do século XX. Neste concerto é apresentada a Sinfonia n.º 2 em mi menor, Op. 27. A Orquestra de Macau vai ser acompanhada pelo italiano Paolo Morena e pelo maestro venezuelano Jose Luis.

**18 de Junho, Grande Auditório, Centro Cultural de Macau**



## THE SHADOW BOX

### Alunos do Conservatório de Macau

Uma reflexão sobre a morte. É o que propõem os alunos de teatro do Conservatório de Macau com a encenação da obra “Caixa de Sombras” de Michael Cristofer, escrita no final da década de 70. A peça conta a história de três personagens à beira da morte. Os doentes em fase terminal estão numa clínica onde, sob a vigilância dos médicos, esperam pela sua hora. Para os responsáveis do Conservatório, esta é uma peça “que requer uma grande capacidade de actuação”. Em palco vão estar 11 alunos para representar nove personagens. Esta é uma obra de renome que valeu ao autor os prémios Pulitzer e Tony, que distingue, nos Estados Unidos, os melhores textos e as melhores produções teatrais, respectivamente.

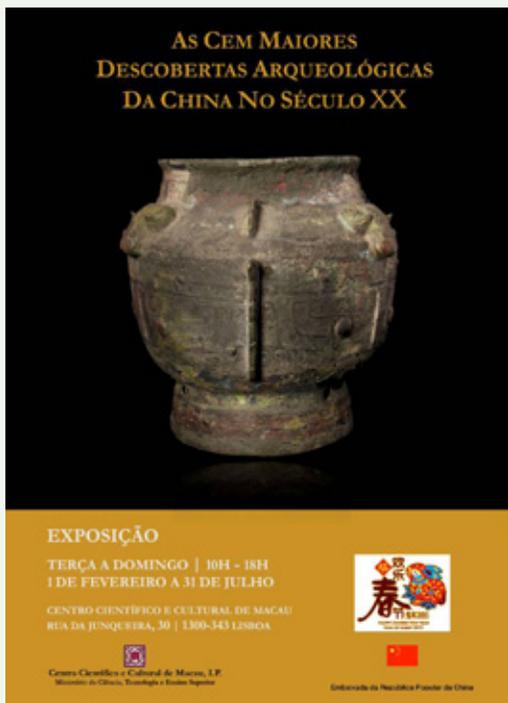
**24 e 25 de Junho, Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau**

## MOBILIDADE E MEMÓRIA

### Propostas de Macau à 54.ª Bienal de Veneza

“Mobilidade e memória” foi o tema lançado para o concurso da 54.ª Bienal de Veneza. Das 49 propostas apresentadas no território, foram escolhidos 12 trabalhos de artistas locais. Quatro viajaram para a mais importante mostra de arte do mundo, enquanto os oito trabalhos restantes estão em exposição no Museu de Arte de Macau. As obras são da autoria de Lai Mei Kei (*Universal Scent Blackbox*), Lampo Leong (*Transformations & Memories*), Shen Wen Jin (*Delouix*), Vicente Bravo (*Crossing the Box of Memory*), Bonnie Leong Mou Cheng and Kitty Leong Mou Kit (*Win*), James Chu (*The Vanishing Bairro Social de Mong-Ha*), Ho Veng Yin and Kok Sin Chai (*The Journey of Qi*) e Lai Sio Kit (*Peep*).

**Até 7 de Agosto, Museu de Arte de Macau**



## AS CEM MAIORES DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS DA CHINA NO SÉCULO XX

A exposição *As Cem Maiores Descobertas Arqueológicas da China no Século XX* dá a conhecer os mais relevantes trabalhos da arqueologia chinesa no século passado. Do ponto de vista geográfico, estes achados arqueológicos cobrem a quase totalidade do espaço chinês. Há peças desde o período Hominídeo, há cerca de 1.700.000 anos, até aos túmulos imperiais da dinastia Ming, no século XVII. Além de peças originais, há também réplicas de bronzes e painéis. A China é um dos países do mundo com mais abundantes recursos arqueológicos graças à antiguidade da civilização chinesa.

**Até 31 de Julho, Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa**

## OS MAIS DE MACAU

### Fotografias de Especificidades Locais

Há momentos que não se repetem mas que ficam para sempre na memória colectiva de um povo. E são 40 fotografias de alguns desses momentos históricos que estão agora em exposição no Museu de Arte de Macau. Em 1974, Macau é palco da primeira corrida de touros no Extremo Oriente, como mostram imagens captadas por Lei Chiu Vang. O Grande Prémio é também lembrado aqui com imagens da primeira edição, em 1954. Há de resto um outro momento que fica para a história do território: nos anos 80 Macau acolhe a primeira corrida de *buggies* (veículos todo-o-terreno) do Oriente. Entre imagens a preto e branco, há também fotografias de um Macau mais recente, onde é visível o crescimento da indústria do jogo, mas onde também é notório o entrosamento de culturas.

**Até 7 de Agosto, Museu de Arte de Macau**

## PINTURA ABSTRACTA

### Colecção do MAM

É a Kandinsky que é atribuída a primeira pintura do movimento do abstraccionismo, em 1910. Mas à China o movimento só chegou cerca de 70 anos depois. É já nos anos 80 que os pintores chineses se começam a render ao movimento e, nessa altura, começam a instalar-se em Macau vários artistas do Interior do País, de Hong Kong, de Singapura ou da Austrália. Com os pintores locais, tanto portugueses como macaenses, dão novo folgo ao movimento. Nesta exposição, agora patente no Museu de Arte de Macau, estão expostas 30 obras, desde pinturas a tinta, técnicas mistas e colagens a pinturas a óleo e acrílico. Há trabalhos de Lei Chan Fu, Vicente Bravo, Fernanda Dias e Luís Demée.

**Até 31 Dezembro, Museu de Arte de Macau**

## Danilo: No Teatro da Vida

**Pedro Barreiros**

“Este livro é sobre o meu pai, mas baseado nos documentos que ele me deixou, em coisas que ele me escreveu e em conversas que gravei com ele. Eu ia para casa dele, com o gravador, começava a falar com ele, que ia contando as histórias”, aponta Pedro Barreiros, filho de Danilo e autor deste romance biográfico. Esta é uma viagem pela vida e obra de Danilo Barreiros, filho de actores, que viveu entre Portugal e o Brasil e um dia partiu para o Oriente por acaso - uma rajada de vento abriu a folha do Atlas na Conchichina e Danilo não pensou duas vezes. A 18 de Dezembro de 1930, partia ele para a Ásia. Atracou em Singapura. Seguiu-se Saigão e depois Macau, de onde só voltou a sair em 1946, quando regressou com a família a Lisboa. Em Macau, Danilo dedicou-se, sobretudo, ao estudo da cultura e da literatura chinesas.

**Lisboa, Edição de autor, 2010**

## Macau nos anos da revolução portuguesa (1974-1979)

**Garcia Leandro**

Mais de 30 anos depois, Garcia Leandro passa para o papel alguns dos episódios que marcaram os seus cinco anos à frente dos destinos de Macau, ainda na era da Administração portuguesa. Garcia Leandro tinha apenas 34 anos quando foi nomeado para o cargo de Governador, o primeiro após o 25 de Abril. Além de revelar alguns dos seus documentos, o antigo Governador recorda como teve de lidar com a Revolução em Macau e com a necessidade de criar o Estatuto Orgânico da Região para a sua autonomia. Ao longo de mais de 300 páginas, que diz ser um “um relato fiel e fundamentado da história”, Garcia Leandro lembra também como foi o processo de criação da Universidade da Ásia Oriental ou o da revisão do contrato de jogo. Garcia Leandro é hoje curador e administrador da Fundação Jorge Álvares e nos últimos anos tem estado ligado ao ensino superior, leccionando em diversas escolas.

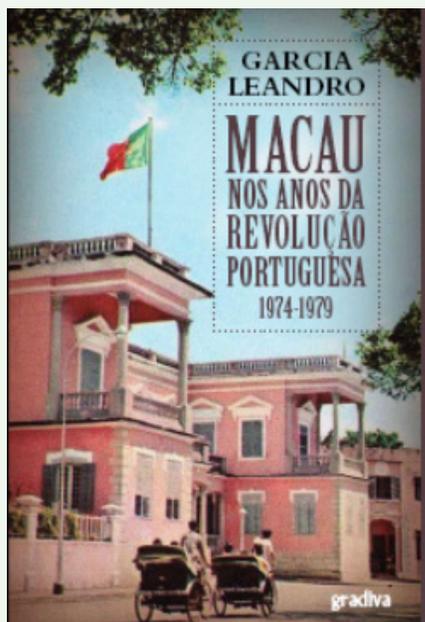
**Lisboa, Gradiva, 2011**

## A presença inglesa e as relações Anglo-Portuguesas em Macau (1635-1793)

**Rogério Puga**

A obra começa em 1635, a data em que chega a Macau o primeiro navio inglês, o London, e termina em 1793, o ano da primeira embaixada britânica à China, que contribuiu para a mudança da imagem de Pequim na Europa e da estratégia inglesa no Delta do Rio das Pérolas. Pode-se perceber como Macau era uma tentação para os ingleses, que se queriam instalar por perto, e a luta de interesses comerciais entre Portugal, uma grande potência na altura, e Inglaterra que se queria assumir como tal. Um período em que, considera Rogério Puga, haver uma falha na historiografia local. E embora se entenda que a soberania dos portugueses não foi posta em causa, o certo é que houve três tentativas de ocupação militar de Macau por parte dos britânicos – durante as Guerras Napoleónicas e a do Ópio, quando os ingleses colocaram a hipótese de usar o território como uma base de ataque contra a China.

**Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau e Centro Histórico Além-Mar, 2009**

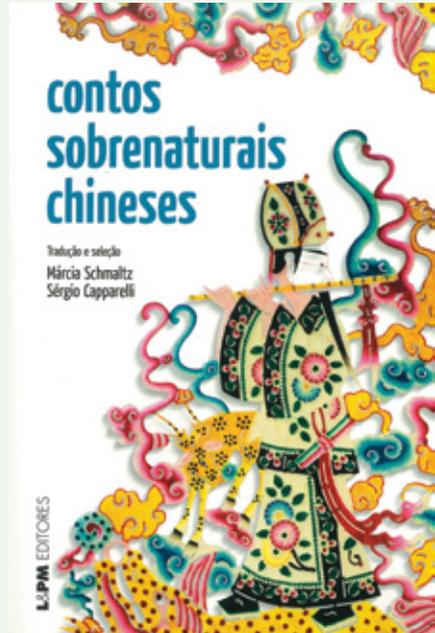


## Contos sobrenaturais chineses

Márcia Schmaltz e Sérgio Capparelli

Como é que nasceu a lua? Conta um anónimo que Changxi, mulher do deus celestial, deu à luz 12 luas idênticas. Numa viagem pela Terra, e quando o sol se pôs, as 12 irmãs “aperceberam-se como a Terra tornava-se apavorante devido à falta de luz”. Por pena dos humanos viverem no escuro, decidiram “iluminar a noite com a luz que irradiavam”. Este é apenas um dos 25 contos reunidos nesta obra, que recupera histórias sobre acontecimentos fantasiosos de várias épocas da cultura chinesa: do período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C) ao auge da dinastia Qing, em finais do século XVIII. As narrativas de autores anónimos e de outros conhecidos, como Gan Bao, transportam-nos para mundos da fantasia e até sobrenaturais, cheias de simbologia e analogias onde o real e o irreal se misturam.

Brasil, L&PM Editores, 2010



## O lugar do morto

José Eduardo Agualusa

“Se fosse possível pedir a Eça de Queiroz uma crónica sobre a situação de Portugal nos dias de hoje, o que escreveria ele? O que pensa Machado de Assis acerca do presente Acordo Ortográfico? O que é que Vladimir Nabokov sempre quis que soubéssemos sobre Barack Obama?”. Talvez nenhum de nós possa já saber. Mas pode imaginar. E José Eduardo Agualusa imaginou. O escritor angolano dá voz a 24 escritores já falecidos que comentam o mundo e a actualidade. E aqui ficam alguns exemplos: Fernando pessoa conversa com a fadista Ana Moura; Machado de Assis discursa sobre o novo Acordo Ortográfico, Portugal e Brasil; Saint-Exupéry está convicto da superior taxa de sucesso dos escritores-aviadores, e Camilo Castelo Branco delicia-se com as leituras públicas e abomina os e-books.

Lisboa, Tinta da China, 2011



## Gardá

### Gardá

Gardá é um ícone da música angolana na segunda metade do século do século XX mas o primeiro disco, homónimo, da artista só agora é editado, quando ela conta já 80 anos.

Em 1957 gravou com a sua banda um single - Maria Candimba- mas insatisfeita com os resultados do disco acabou por não enviar uma fotografia à editora, que ainda assim editou o disco, com uma imagem de outra mulher.

Quase 50 anos depois, após muitas peripécias, Francisco Vasconcelos apostou no convite a músicos de uma geração diferente de Gardá para dar novas roupagens às suas composições.

**Valentim de Carvalho, 2011**



## Não há só Tangos em Paris

### Cristina Branco

“O fado é como o tango, ritmos de gente doída e pobre, mas de alma grande! A flor vermelha

no cabelo cor de azeviche de Amália não me sai do pensamento... a milonga ou um bolero, ou ainda o tango dos crioulos.” As palavras são de Cristina Branco que queria um disco de memórias, viagens ou simplesmente flashes da sua vida. E traçou o roteiro: Buenos Aires-Paris-Lisboa. É na Argentina que começa esta viagem com o tango que, embora não tenha nada de fado, surge aqui na sonoridade da guitarra portuguesa, e na interpretação peculiar de Cristina Branco. Esta viagem acaba em Paris, onde, finalmente, se dá o reencontro das duas personagens principais: o fado e o tango.

**Emarcy, 2011**



## Amoras e Framboesas

### Maria João

Maria João junta-se à Orquestra Jazz de Matosinhos para recuperar temas emblemáticos da sua carreira. “Amoras e Framboesas” apresenta um total de nove canções saídas do cancioneiro popular brasileiro, dos standards de jazz norte-americano e das criações da dupla Maria João/Mário Laginha. Nesta viagem por uma longa carreira, recorda-se temas como “Beatriz” de Edu Lobo e Chico Buarque ou “Canto de Ossanha” de Baden Powell e Vinicius de Moraes.

A direcção ficou a cargo do maestro Pedro Guedes e no disco participam ainda, como convidados, os músicos André Fernandes na guitarra, João Farinha nos teclados e André Nascimento também na guitarra.

**Universal, 2011**



## O Micróbio do Samba

### Adriana Calcanhotto

O título do novo disco é inspirado no compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues, conterrâneo de Adriana Calcanhotto. Um dia o compositor lembrou-se que foi expulso do colégio por passar o dia “batucando” e que desde pequeno “trazia no sangue o micróbio do samba”. Uma história que Adriana Calcanhotto reescreve na capa do seu álbum. No total são 12 canções escritas por Adriana Calcanhotto em composições que, segundo a própria, “têm muito do Rio de Janeiro, cidade que escolhi para viver, do Rio Grande do Sul de onde venho, e de Portugal, que me apaixonou”. Em quase todos os temas Adriana Calcanhotto volta a presentear o público com o seu violão, acompanha ainda por Domenico Lancellotti, na bateria e percussão, e o baixista Alberto Continentino.

**Arthouse/Valentim de Carvalho, 2011**

Onde pode encontrar  
a Revista Macau

**PORTUGAL**

**Lisboa**

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,

1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção

e Informação Turística

de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo

da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c

1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

**Porto**

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2

4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

**Aveiro**

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62

3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

**MACAU**

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22

Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"

Tel: +(853) 2832 3957

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de

Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

Revista **MACAU**

COLECÇÕES ANUAIS ENCADEADAS

[2005 2006] [2006 2007] [2007 2008]



**Edição de Março de 2011**



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie,  
preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau

email: [contacto@revistamacau.com](mailto:contacto@revistamacau.com) Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... Fax: ..... E-mail: .....

Angola: AOA 2,595.00

Brasil: BRL 48.00

Cabo Verde: CVE 2,336.00

Guiné Bissau: XOF 14,080.00

Macau: MOP 100.00

Mundo: USD 28.00

Moçambique: MZM 737.00

Portugal: EUR 21.00

S. Tomé: STD 517,166.00

Timor: USD 21.00



deltaedições

Não inclui portes de correio. Vendas online em [www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp](http://www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp)

**[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)**

# SENTIR **MACAU** !



*Num mundo de diferenças, a diferença é Macau*



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO  
[www.macautourism.gov.mo](http://www.macautourism.gov.mo)